



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ROSÂNGELA NOBRE DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA NO LIVRO DAS AVES DO LORVÃO

FORTALEZA

2023

ROSÂNGELA NOBRE DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA NO LIVRO DAS AVES DO LORVÃO

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Literatura comparada.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S1r SILVA, Rosângela Nobre da.
A Representação Simbólica no Livro das Aves do Lorvão / Rosângela Nobre da SILVA. – 2023.
93 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Ana Maria César Pompeu.

1. Livro das Aves do Lorvão. 2. Simbologia cristã. 3. Sagrado. 4. Profano. I. Título.

CDD 400

ROSÂNGELA NOBRE DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA NO LIVRO DAS AVES DO LORVÃO

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura comparada.

Aprovada em: 23/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Solange Maria Soares de Almeida
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Lauro Inácio de Moura Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Josenir Alcântara de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de desfrutar da vida acadêmica e dos benefícios que ela proporciona, agregando-me conhecimentos e valores, o que me possibilita engrandecer pessoal e profissionalmente.

Aos meus avós e ao mesmo tempo pais, Raimunda Nobre e Francisco Xavier Nobre, que me acolheram como filha, ainda que em tempos muito desafiadores.

Ao meu esposo, Bruno de Sena Pinheiro, pelo apoio diário e amor compartilhado, que me impulsionam a progredir dia após dia.

À minha orientadora, Profa Dra. Ana Maria César Pompeu, pela constante partilha de seus conhecimentos, pela leveza com que conduziu a orientação desta pesquisa, assim como o faz em todos os segmentos onde atua, em especial, na Universidade Federal do Ceará.

Aos professores examinadores: Profa. Dra. Solange Maria Soares de Almeida, Prof. Dr. Lauro Inácio de Moura Filho e Prof. Dr. Josenir Alcântara de Oliveira, por terem aceitado participar desta banca, contribuindo ricamente para a melhoria deste trabalho, até mesmo desde a etapa da qualificação.

Ao meu amigo Antonio, pela ajuda e parceria constante, atuando incansavelmente na revisão deste trabalho.

Ao Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, por ter acolhido meu projeto de pesquisa, o que me permitiu realizar o sonho de cursar um mestrado.

À professora Lidia Eugênia Cavalcante, que, por ocasião da disciplina *História dos registros do conhecimento*, do curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, me apresentou o fascinante universo dos manuscritos medievais, assunto até então desconhecido por mim e que me inspirou na definição do tema desta pesquisa.

Gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Este estudo analisa a representação simbólica da ave no *Livro das aves do Lorvão*, manuscrito com iluminuras produzido no século XII d.C., muito popular na Europa medieval. A obra consiste numa espécie de manual de normas e condutas que, na Idade Média, era usada com propósitos didáticos, com a finalidade de orientar os monges que viviam nos mosteiros a seguirem no caminho cristão. Para tal, o manuscrito se utiliza das aves para delas extrair uma mensagem de caráter simbólico e voltada para uma interpretação alegórico-cristã. Assim, seu conteúdo textual consiste numa descrição literal da ave seguida de uma interpretação de fundo moral, geralmente fazendo referência ao texto bíblico. Nesse sentido, este estudo objetiva traduzir e analisar os Tratados referentes às aves Pelicano, Gralha Noturna, Corvo, Galo e Avestruz, contempladas nos capítulos 38 a 42 da obra, com ênfase na descrição das virtudes e vícios identificados no comportamento das aves. Nesse sentido, observa-se que algumas aves apresentam virtudes, como o pelicano, que, assim como Cristo, sacrificou a própria carne para dar vida a seus filhos; outras ora representam o sagrado, ora condutas relacionadas ao profano, como o corvo, que, por um lado, simboliza mau presságio e mau agouro, mas que, por outro, representa a astúcia, a fertilidade e a sabedoria. Como aporte teórico, este estudo se apoia em Maciel (2008), que insere os animais no campo da Zooliteratura e investiga as relações existentes entre o humano e o não-humano; como também Plínio, o Velho (79 d.C.), Isidoro de Sevilha (1470-1530) e Varandas (2006), que se constituem como fontes essenciais e diretamente relacionadas à natureza dos bestiários medievais, objeto deste estudo. Já com relação à fonte do texto em latim, utilizou-se a edição de Willene B. Clark (1992).

Palavras-chave: livro das aves do Lorvão; simbologia cristã; sagrado; profano.

ABSTRACT

This study analyzes the symbolic bird representation in the *Lorvão Book of Birds*, an illuminated manuscript produced in the 12th century, very popular in medieval Europe. The work consists of a kind of rules and conduct handbook that was used, in the Middle Ages, for didactic purposes, with the goal of guiding the monks who lived in the monasteries to follow the Christian way. In order to do that, the manuscript makes use of the birds to extract from them a message, with a symbolic nature, facing an allegorical Christian interpretation. Thus, its textual content consists in a literal description of the bird, followed by a moral background interpretation, usually with a reference to the biblical text. In this sense, this research aims to translate and analyze the treatises referring to the birds Pelican, Jackdaw, Corvo, Cock and Ostrich, covered by the chapters 38 to 42 of the book, with emphasis on the description of the vices and virtues identified in the behavior of the birds. Therefore, it can be noted that some birds show virtues, like the pelican, which, just as the Christ, sacrificed its own flesh to give life to its sons. Others, however, sometimes represent the sacred, sometimes they present conduct related to the profane, such as the crow, which, on the one hand, symbolizes a bad message, but, on the other hand, represents cunning, fertility and wisdom. As for the theoretical support, this study is based on Maciel (2008), who inserts the animals into the field of the Zoo-literature and look into the relations that exist between the human and the non-human; as well as Pliny the Elder (79 A.D.), Isidore of Seville (1479-1530) and Varandas (2006), who are essential sources related to the medieval bestiaries nature, object of this study. Regarding the source of the text in Latin, the edition by Willene B. Clark (1992) was used.

Keywords: Lorvão book of birds; christian symbology; sacred; profane.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Pomba e o Gavião	27
Figura 2 – O Pelicano	38
Figura 3 – Brasão da Corpus Christi College Cambridge	40
Figura 4 – Brasão da Corpus Christi College Oxford	40
Figura 5 – A Gralha Noturna	42
Figura 6 – O Corvo	46
Figura 7 – O Galo	51
Figura 8 – A Avestruz	55
Figura 9 – Detalhe do lema de “O Corvo”	60
Figura 10 – Detalhe das letras “n” no lema de “O Corvo”	61
Figura 11 – Detalhe de <i>proximorum</i>	62

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	O TROPOS ALEGÓRICO	13
2.1	Alegoria	13
2.2	Metáfora	15
2.3	Símbolo	16
3	ZOOLITERATURA: A PRESENÇA DO ANIMAL NOS ESTUDOS LITERÁRIOS	18
4	O LIVRO DAS AVES DO LORVÃO E A PRODUÇÃO ESCRITA NA IDADE MÉDIA	21
4.1	O gênero Bestiário na Idade Média	21
4.2	O Livro das Aves do Lorvão	24
4.3	Estrutura, composição e natureza do LA	26
4.4	Esquema estrutural do LA	28
5	ANÁLISE DOS TRATADOS	37
5.1	O Pelicano	37
5.2	A Gralha Noturna	41
5.3	O Corvo	44
5.4	O Galo	50
5.5	A Avestruz	54
6	TRADUÇÃO DOS TRATADOS	59
6.1	Consulta ao manuscrito	59
6.2	Procedimentos tradutórios	62
6.3	Texto bilíngue dos tratados	65
7	CONCLUSÃO	87
	REFERÊNCIAS	88

1 INTRODUÇÃO

Durante a Idade Média, época em que o cristianismo atingiu o apogeu de sua influência, era comum a observação dos animais ser utilizada com finalidade teológica. Naquele contexto, eles eram descritos por um viés literal, no qual se abordavam seus hábitos e características físicas, bem como alegoricamente, buscando-se extrair de sua representação simbólica uma moral, remetendo, na maioria das vezes, a uma interpretação alegórico-cristã, com alusão versículos bíblicos. Como testemunhos desses conteúdos, há os códices manuscritos, elaborados nos *scriptoria*, seção dos mosteiros onde os livros eram reproduzidos por monges escribas. Assim, a partir de um exemplar original eram, geralmente, realizadas cópias. Os textos presentes nas páginas destas obras eram muitas vezes ilustrados com imagens abstratas ou figurativas, como as de animais. Chamadas de iluminuras, estas ilustrações eram, em alguns casos, pintadas a ouro.

Dentro, portanto, do conjunto dos manuscritos, destaca-se o *bestiário*, um gênero muito popular na Idade Média, que consiste num tratado sobre animais. O conteúdo textual presente nesses manuscritos descreve a fisionomia e costumes dos animais, e a partir dessa descrição apresenta uma interpretação alegórica, de teor místico e moral. A finalidade da simbologia animal consistia em aconselhar ou advertir o público monástico sobre determinado comportamento, alertando-o sobre vícios ou virtudes, simbolizados através do comportamento do animal. O emprego dos animais se explica porque a Idade Média, além de se configurar como um período intensamente religioso, as pessoas da época usavam animais domésticos e selvagens como fonte de alimento. Outro motivo para o emprego constante dos animais nesses manuscritos reside no fato de que a sociedade medieval era em sua maioria composta por um público iletrado. Assim as imagens funcionavam como símbolos, que conduziriam o público a decifrar o sentido expresso no texto.

Em relação à origem do bestiário, é importante observar que o referido gênero constitui uma continuação de uma tradição proveniente da Antiguidade. A obra conhecida como *O Fisiólogo*, por exemplo, consiste num texto mais abrangente que fornece tratados sobre plantas (herbário), pedras (lapidário) e animais (bestiário). De autor desconhecido e, hoje, desaparecido, o texto foi escrito em grego e acredita-se que tenha sido produzido em Alexandria. Neste contexto, dentro da hierarquia dos bestiários, surge o aviário, manuscrito que fornece tratados especificamente sobre aves, que, assim como o bestiário, tem a finalidade de servir como modelo de comportamento para aqueles que se dedicavam à vida monástica, isto é, os noviços e os recém-conversos que chegavam ao mosteiro.

Dentro dessa categoria, insere-se o único documento de que se tem notícia dedicado especificamente a aves, o *Livro das Aves (De Avibus)*, manuscrito de autoria de Hugo de Folieto¹, copiado em três mosteiros portugueses: São Mamede do Lorvão (1184), Alcobaça (1200-1210) e Santa Cruz de Coimbra (final do séc. XII e início do séc. XIII). Nesta pesquisa elegeu-se para investigação o *Livro das Aves do Lorvão*, por se tratar do manuscrito mais antigo entre as cópias existentes da obra de Folieto, fator que lhe confere riqueza material e histórica. Assim, devido ao seu conteúdo representar crenças e valores cultivados na Europa medieval, transmitidos por meio da simbologia das aves, considera-se de grande relevância que sua memória seja resgatada e disseminada no meio acadêmico, de modo que a obra em questão, já tão difundida na Europa, alcance pesquisadores e demais interessados no assunto, e desse modo possa ser inserida, também, no acervo de obras raras brasileiro.

Constituindo-se de 198 fólios, a obra apresenta um total de 60 capítulos, os quais se dividem em duas partes. A primeira, com 37 capítulos, trata de elementos diversos, como os mistérios da pomba e a descrição de suas partes físicas, como os olhos, os pés, o dorso, a cor das asas etc. A segunda parte, por sua vez, compõe-se de 23 capítulos, cada um dedicado à descrição de uma ave especificamente. Desse modo, considerando que a dimensão estrutural do manuscrito inviabilizaria o estudo integral da obra em um trabalho de dissertação, este estudo debruça-se sobre um recorte, de modo a contemplar os cinco primeiros tratados da segunda parte, referentes aos seguintes trechos: o capítulo 38, “O Pelicano”; o capítulo 39, “A Galha Noturna”; o capítulo 40, “O Corvo”; o capítulo 41, “O Galo”; e o capítulo 42, “A Avestruz”. Sendo assim, fica para um estudo posterior e mais aprofundado a tradução dos capítulos restantes e sua respectiva análise, de modo a contemplar as demais aves que integram o Manuscrito. A opção de se trabalhar com a segunda parte da obra em detrimento da primeira se justifica pelo fato de que esta é constituída por elementos mais abrangentes, ou seja, além da descrição da pomba, apresenta elementos da flora, como a Palmeira e o Cedro, etc. Há, ainda, uma dedicatória (no prólogo) do autor da obra para o amigo a quem estava presenteando. A segunda parte da obra, entretanto, é constituída por um conteúdo específico, voltado para a descrição de cada ave em particular, ou seja, essa parte é estruturada em capítulos, cada um dedicado a uma ave especificamente. Por essa razão considera-se mais oportuno e viável o estudo de alguns tratados presentes na segunda parte da obra.

1 Segundo Meirinhos (2001), Hugo de Folieto foi um Cónego regular, nascido “por volta de 1100 em Fouilloi, perto de Corbie, foi prior de Sain-Laurent-au-Bois, terá falecido cerca de 1272 e 1274” (MEIRINHOS, 2001, 173).

A busca pelas respostas que nortearam esta pesquisa se guiou por alguns objetivos, cujo principal é o de analisar os tratados referentes às aves contempladas nos capítulos de 38 a 42 do *Livro das Aves do Lorvão*. Já quanto aos objetivos auxiliares, esta investigação adotou certas estratégias de trabalho, pelas quais buscou: a) descrever virtudes e vícios atribuídos às aves no texto do manuscrito; b) investigar a frequência com que as aves são descritas sob um viés alegórico e moralizante por meio da alusão ao texto bíblico; c) compreender a relação sagrado/profano estabelecida entre o comportamento das aves e determinadas personagens bíblicas; e d) realizar uma tradução de natureza livre, de modo a servir de suporte às análises aqui desenvolvidas.

Esta pesquisa utiliza o método descritivo e possui natureza qualitativa, pois procura, através da tradução de alguns capítulos do *Livro da Aves* para o idioma português, fomentar a análise do conteúdo textual, além de buscar identificar as características inerentes a cada ave em particular, uma vez que tais características são relacionadas a um caráter moralizante, alegórico e místico, remetendo, na maioria das vezes, a percepções de cunho teológico. A realização da pesquisa envolveu algumas etapas, que incluem desde uma abordagem bibliográfica (embasamento teórico a partir de pesquisas anteriores) a processos de seleção, descrição e análise do conteúdo.

Para sua realização, a pesquisa foi dividida em cinco etapas, conforme descritas a seguir. A primeira consistiu na seleção dos fólios referentes às aves estudadas, já que a contemplação de todas as aves que compõem o texto do manuscrito implicaria em um *corpus* demasiado extenso, comprometendo a eficácia da pesquisa. Desse modo, foi feito um corte, que apresentará apenas o texto correspondente aos fólios, onde estão contempladas as aves presentes nos já citados capítulos, de 38 a 42, os quais respectivamente são os seguintes: *De Pelicano* “Do Pelicano”, *De Corvo* “Do Corvo”, *De Nycticorax* “Da Gralha Noturna”, *De gallo* “Do Galo”, e *De Strutio* “Da Avestruz”. Na segunda, foi feita a seleção dos capítulos utilizados na análise, na qual foi realizada a tradução do texto do latim ao português. Na terceira, após concluída a tradução, foi realizada a análise do texto, com foco nos elementos que representam virtudes e vícios, os quais, por sua vez, são usados em sentido simbólico, representando o modo de vida e comportamento das aves. Na quarta, investigou-se, ainda, por que as aves são comparadas a personagens bíblicas, em sentido teológico, portanto. Bem como o modo pelo qual suas características, em termos de sentido alegórico e moral, são direcionadas ao indivíduo, como os monges escribas, ou seja, que relação existe entre a ave e determinado vício ou virtude que lhe é atribuída. E, na quinta e última etapa, são apresentadas as considerações finais acerca dos resultados encontrados durante a pesquisa.

O texto latino foi extraído da edição de Willene B. Clark (1992), com vistas a uma melhor decodificação e apreensão do conteúdo, já que o manuscrito apresenta, entre outros empecilhos, abreviações e palavras ainda não decifradas que dificultaria a compreensão do texto. Além disso, levando-se em consideração que o latim e o português se diferem, dentre outros aspectos, por ser o primeiro uma língua sintética e o segundo uma língua analítica, na tradução realizada nesta pesquisa deu-se preferência ao emprego de palavras mais breves, a fim de manter uma maior aproximação possível do latim em termos de extensão textual, assim como também se manteve o cuidado em preservar o conteúdo semântico da língua-fonte. Além disso, esta pesquisa emprega algumas das modalidades da tradução defendidas por Aubert (1998), como a omissão, a transposição, a adaptação etc.

E, por fim, quanto à estrutura desta exposição, além deste segmento introdutório, o trabalho se divide em cinco capítulos. No primeiro, intitulado “O tropos alegórico”, é realizada uma abordagem a respeito de algumas acepções do termo *alegoria*, conforme Houaiss e Villar (2009), além de uma breve exposição sobre sua etimologia e sobre sua relação com Filosofia, Literatura e Artes plásticas. Na sequência, apresenta-se a relação entre alegoria, metáfora e simbologia e enfatiza-se a existência de duas vertentes para o mesmo conceito: *alegoria dos poetas* e *alegoria dos teólogos* ou *alegoria hermenêutica*. No segundo capítulo, com o título “Zooliteratura: a presença do animal nos estudos literários”, são apresentadas algumas obras que se utilizam de animais como personagens, situando-as cronologicamente: Antiguidade, Idade Média e Modernidade. No terceiro capítulo, cujo título é “O Livro das Aves do Lorvão e a produção escrita na Idade Média”, são expostas informações sobre o livro manuscrito, com ênfase nos bestiários e sua relevância em relação à disseminação na Europa medieval. Na sequência, são apresentadas as características materiais e estruturais do *Livro das Aves* e seu conteúdo simbólico atribuído ao comportamento das aves que compõem o manuscrito. No quarto capítulo, em a “Análise dos tratados”, é feita uma abordagem analítica do texto dos supracitados capítulos, enfatizando os aspectos alegóricos observados no comportamento das aves e sua alusão ao texto bíblico. No quinto capítulo, é apresentada uma versão bilíngue, com o texto latino seguido de sua tradução para o português brasileiro. E, ao final, no último item, é apresentada a conclusão desta pesquisa.

2 O TROPOS ALEGÓRICO

O substantivo “alegoria” vem literalmente do termo latino *allegoria*, que, por sua vez, deriva do também substantivo de origem grega ἀλληγορία (*allegoria*), o qual é formado por três elementos: o adjetivo ἄλλος “outro/outra”; o radical do verbo ἀγορεύω “falar em público”; e o sufixo *-ia*, formador de substantivo abstrato (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 88). Sendo assim, é possível inferir que o conceito elementar desse termo aponta para o sentido básico de “falar outra coisa”, que difere do seu sentido real. Os autores associam o emprego do termo a diferentes áreas do conhecimento, como Filosofia, Literatura e Artes plásticas. Para além deste conceito genérico, aqui, contudo, prioriza-se as definições relacionadas à Literatura e à Filosofia, áreas pertinentes ao objeto de estudo desta pesquisa.

De uma forma geral, o termo designa “modo de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 88). Em Filosofia, porém, o termo aponta para dois sentidos básicos, primeiramente, para o de “método de interpretação aplicado por pensadores gregos (pré-socráticos, estóicos etc.) aos textos homéricos, por meio do qual se pretendia descobrir ideias ou concepções filosóficas embutidas figurativamente nas narrativas mitológicas” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 88). E, secundamente, aponta para o sentido de “texto filosófico, escrito de maneira simbólica, com intuito de apresentar tropologicamente ideias e concepções intelectuais” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 88). Já em Literatura, o termo remete à noção de “sequências logicamente ordenadas de metáforas que exprimem ideias diferentes das enunciadas” (HOUAISS e VILLAR, 2009, p. 88).

Como é possível perceber, as definições apresentadas acima, embora apresentem sentidos que se afastam em alguns pontos, contudo, trazem traços conceituais que se aproximam em outros, expressos por termos como *metáfora*, *abstrato*, *figurativamente*, *simbólica*. Estes, de um modo geral, designam “algo que é dito de outra forma”, que difere da realidade. Nesse sentido, considera-se relevante a abordagem dos conceitos de *metáfora* e *simbologia*, ao mesmo tempo que é traçado um paralelo entre estes e o de *alegoria*.

2.1 Alegoria

Segundo Hansen (2006), não se deve falar em “alegoria” em sentido único, pois há duas vertentes desse mesmo conceito, que, embora apresentem diferenças no sentido semântico, se complementam, já que possuem a mesma origem lexical. De fato, conforme este autor: “O

verbo grego *allegoreîn*, tanto significa ‘falar alegoricamente’ quanto ‘interpretar alegoricamente’” (HANSEN, 2006, p. 8). Nesse sentido, são admitidas duas aplicações para o mesmo termo, das quais a primeira, chamada *alegoria dos poetas*, consiste numa “maneira de falar e escrever” (HANSEN, 2006, p. 8), estando “vinculada à utilização dos poetas e retores da Antiguidade” (FREITAS, 2014, p. 250). E a segunda, chamada *alegoria dos teólogos*, seria “um modo de entender e decifrar” (HANSEN, 2006, p. 8), que, por sua vez, “diz respeito à interpretação das Escrituras Sagradas” (FREITAS, 2014, p. 250). Realmente, Freitas (2006) reforça este conceito, diferenciando-o da *alegoria dos poetas*, dizendo que:

A “alegoria dos teólogos” ou “alegoria hermenêutica” diz respeito a uma técnica interpretativa apropriada pelos padres e teóricos da Igreja Católica na Idade Média que visa a decifração das Escrituras Sagradas. Diferentemente da alegoria dos poetas, que trabalha como uma transposição semântica entre os sentidos discursivos, a alegoria hermenêutica realiza a transposição semântica entre os eventos da realidade terrena e as verdades bíblicas, depositadas em homens, ações, acontecimentos e coisas. Desse modo, o sentido espiritual não está alegorizado nas palavras, mas sim nas coisas que são representadas por elas. (FREITAS, 2014, p. 255-256)

Esta pesquisa emprega esta última vertente, uma vez que se volta para a investigação da alegoria expressa na descrição do comportamento das aves em bestiários medievais.

Relacionadas à definição de Quintiliano, segundo a qual alegoria consiste na “apresentação de um sentido distinto das palavras e algumas vezes até mesmo contrário” (FREITAS, 2014, p. 252), são admitidas duas considerações a respeito desse conceito: uma coisa em palavras e outra em sentido. Contudo, ambas relacionam-se diretamente à metáfora, ao enigma e à comparação, enquanto algo totalmente diverso do sentido das palavras, na medida em que se observam as relações da alegoria com a contradição.

Segundo Freitas (2014), porém, essas divisões propostas por Quintiliano sugerem que a alegoria está submetida ao “conceito de tropo” (FREITAS, 2014, p. 252). O que, por sua vez, segundo Hansen (2006), consiste numa “transposição semântica de um signo presente para um signo ausente. A transposição se dá por semelhança (metáfora); por inclusão (sinédoque); por causalidade (metonímia); por oposição (ironia)” (HANSEN, 2006, p. 230). Assim, segundo o autor, tropos é referido como objeto da elocução, que, na retórica antiga, assume a função de regular a ornamentação dos discursos.

2.2 Metáfora

O termo “metáfora” vem literalmente do latim: *metaphōra, ae*, que, por sua vez, deriva do substantivo grego *metaphorá, ás*, o qual é formado a partir do verbo *metaphérō* “transportar”, significando mudança ou transposição, em sentido próprio ou figurado (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1281). Assim, a metáfora tem como função expressar um determinado sentido por meio de outras palavras.

A metáfora se constitui numa figura de linguagem que tem como função dizer algo de uma outra forma. Assim, utiliza-se de outra palavra ou frase para designar um determinado objeto mantendo traços semânticos comuns entre os dois objetos referidos. Para Fiorin (2018), a metáfora consiste numa *concentração semântica*, que, no eixo da extensão, despreza alguns traços, mantendo apenas aqueles que são comuns nos dois significados coexistentes (FIORIN, 2018, p. 34). Ainda segundo o autor, a metáfora pode “ter a dimensão de uma palavra, de uma frase ou de um texto” (FIORIN, 2018, p. 35). Ela corresponde a um *tropos*, que se manifesta não só na linguagem verbal, estando presente também na linguagem visual (FIORIN, 2018, p. 35). Como exemplos de metáfora, Fiorin cita a alegoria, que, por sua vez, está presente em gêneros como “as fábulas, os apólogos e as parábolas” (FIORIN, 2018, p. 34).

Do ponto de vista da semiótica discursiva, Greimas e Courtés (1979) apresentam algumas acepções para a metáfora. Segundo os autores, no “âmbito da retórica, a metáfora designava umas das figuras” (GREIMAS; COURTÉS; 1979, p. 274), denominadas tropos, com a função de modificar o sentido das palavras. Entretanto, ainda segundo os autores, “Atualmente, esse termo é empregado em semântica lexical ou frasal para denominar o resultado da substituição - operada sobre um fundo de equivalência semântica -, num contexto dado, de um lexema por outro” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 274). Quando, porém, relacionada ao que os autores chamam de *estruturas de recepção*, a metáfora é considerada “um corpo estranho (como uma “anomalia” na perspectiva gerativa), cuja legibilidade permanece sempre equívoca ainda quando é garantida pelo percurso discursivo no que se insere” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 274). Ainda conforme os autores, originalmente, a metáfora é considerada como uma palavra comum, que, quando fora de seu contexto ordinário, “deve ser considerada como uma figura (nuclear) que talvez carregue consigo, quando de sua transferência, alguns semas pertencentes ao contexto de origem” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 274).

2.3 Símbolo

Segundo Bruinelli (2009), o *símbolo* tem sido um recurso muito utilizado como meio de comunicação ao longo de todo o percurso da humanidade. Nos tempos primitivos se utilizavam desenhos (pinturas rupestres) feitos em cavernas. Além disso, os egípcios criaram o hieróglifo, modelo de escrita pictográfica caracterizada por símbolos e desenhos, com a finalidade de expressar objetos, animais, ideias, sentimentos etc. Posto dessa forma, o símbolo assume um papel de grande relevância na construção e disseminação do conhecimento. Por tal razão, segundo o autor, esse recurso passou a ser utilizado como ferramenta para designar aquilo que se deseja dizer de uma outra forma (BRUINELLI, 2009, p. 230).

No contexto da Idade Média, o símbolo foi um recurso muito emblemático nas produções literárias desse período, em que se empregou com muita representatividade sua expressão imagética, principalmente nos bestiários, livros sobre modo de vida e comportamento dos animais e que tinham uma finalidade alegórica. Nesse sentido, portanto, de representar forte influência na construção do imaginário medieval, o símbolo se fazia presente em todos os segmentos da sociedade.

De acordo com Campos (2010), o simbolismo consiste em recurso muito presente nos escritos da Idade Média. E tem como uma de suas características o fato de se fundamentar “em três tradições: o universo bíblico, preponderante sobre as demais heranças; a cultura greco-romana; e a cultura dos ditos povos bárbaros, dentre os quais figuram os celtas” (CAMPOS, 2010, p. 31). Segundo a autora, essa tradição triádica dos processos simbólicos na Idade Média apresenta componentes essenciais que se sobrepõem e se mesclam.

Nesse sentido, a autora acrescenta que o símbolo medieval resulta “ou de uma analogia entre dois elementos, ou da relação de semelhança que possa haver entre determinada coisa e uma ideia” (CAMPOS, 2010, p. 30). Assim, o homem medieval busca estabelecer “associações entre o universo terreno e o transcendental” (CAMPOS, 2010, p. 30), tentando decifrar tal relação entre os planos material e espiritual, com o intuito de “decifrar a verdadeira essência” (CAMPOS, 2010, p. 30) que se oculta no mundo visível.

Conforme atesta Le Goff (2002): “Na cultura medieval, o símbolo faz parte do instrumental mental. Ele exprime-se por múltiplos vetores, situa-se em diferentes níveis e pertence a todos os domínios da vida intelectual, social, moral e religiosa” (LE GOFF, 2002, p. 495). Assim, conforme o autor, “O símbolo [...] tem por significado não uma pessoa física, mas uma entidade abstrata, uma ideia, uma noção, um conceito” (LE GOFF, 2002, p.496). Ao

mencionar Santo Agostinho no contexto da simbologia medieval, Le Goff afirma que o mundo é constituído por dois elementos: *signa* e *res*; ou seja, por símbolos e por coisas. Nesse sentido:

As *res*, que são a verdadeira realidade, permanecem ocultas; o homem apercebe apenas sinais. O livro essencial, a Bíblia, tem uma estrutura simbólica. A cada personagem, a cada acontecimento do Velho Testamento, corresponde uma personagem e um acontecimento do Novo Testamento. O homem medieval é um «descodificador» contínuo, o que reforça a sua dependência em relação aos clérigos, peritos em simbologia (LE GOFF, 1989, p. 27).

Le Goff acrescenta, ainda, que a simbologia está frequentemente presente em áreas como a arte, a política e a literatura. Na arte, manifesta-se na arquitetura, sendo a Igreja um dos seus exemplos mais emblemáticos; na política, manifesta-se nas cerimônias simbólicas, como a sagração dos reis, as bandeiras, os brasões e insígnias; na literatura, frequentemente se manifesta em forma de alegoria.

3 ZOOLITERATURA: A PRESENÇA DO ANIMAL NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Como seres dotados de *anima* e personalidade, os animais têm, ao longo dos séculos, instigado a imaginação de muitos poetas e pesquisadores, obtendo, assim, seu espaço no campo da literatura. Dessa forma, o lugar destinado aos animais dentro dos estudos literários denomina-se Zooliteratura. Esse termo, de acordo com Maciel (2016), designa “o conjunto de diferentes práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que se voltam para os animais” (MACIEL, 2016, p. 14). É notória a constante presença dos animais em obras literárias, que tem se manifestado desde a antiguidade e permanecido até os dias contemporâneos.

De fato, a recorrente expressão simbólica dos animais na literatura de diferentes épocas e contextos testemunha sua relevância enquanto seres autênticos e donos de uma identidade própria, o que os insere em uma relevância significativa enquanto objeto de estudo. Como comprovação da atemporalidade dos animais como objeto de estudo, Aristóteles escreveu *História dos animais*, uma obra naturalista que descreve os animais em partes fragmentadas, como a reprodução, a fisiologia e a classificação científica desses seres. Plínio, o Velho, poeta romano, em sua *Naturalis Historia* (77d.C - 79 d. C), retratou vários animais nos livros VIII a XI de sua enciclopédia. Isidoro de Sevilha (1470-1530), em suas *Etymologiae*, dedicou o livro XII aos animais (*De animalibus*). Kafka retratou um animal em *A Metamorfose* (1915). Nesta obra, o personagem principal Gregor Samsa se transforma em um inseto e se vê impedido de realizar suas atividades, inerentes a um ser humano.

Na Antiguidade, os animais foram frequentemente explorados nas fábulas de Esopo, neste contexto o autor os insere, na maioria das vezes, na condição de antropomorfismo (um ser não humano assume características de humanos). Na Atenas clássica, Aristófanes², comediógrafo grego, insere os animais em variadas situações durante os festivais. O objetivo é levar uma mensagem muitas vezes satírica, que denunciava os problemas sociais envolvendo a *polis*, como a corrupção dos políticos, os abusos de autoridade, bem como as injustiças que ocorriam dentro dos próprios tribunais da época. Assim, como forma de expressar indiretamente sua visão política, Aristófanes, dentre seus trabalhos cômicos, intitulou três deles como seres não-humanos: *As Vespas* (422 a.C.), *As Aves* (414 a.C.) e *As Rãs* (405 a.C.).

2 Aristófanes foi um dramaturgo grego, nascido aproximadamente em 446 a.C., em Atenas, e falecido nessa mesma cidade por volta de 375 a.C. Escreveu 44 comédias, que foram encenadas durante os festivais atenienses. Desse total, 11 chegaram até nossos dias.

Em *As Vespas*, Aristófanes denuncia o gosto exacerbado pelos tribunais por parte do personagem Filócleon, um orador e general político controvertido, demagogo corrupto. Seu filho, Bdelícleon, insatisfeito com a mania incontrolável do pai de estar constantemente nos tribunais do júri, decide traçar um plano para curar seu pai de tal obsessão. Assim, Bdelícleon prende-o em sua própria casa e encarrega dois escravos, Xântias e Sósias, de vigiá-lo, a fim de evitar sua fuga. Chega o momento em que os companheiros de Filócleon, os quais assim como este são juízes, passam em sua casa para levá-lo ao tribunal. Essas personagens formam o coro da peça e se apresentam fantasiadas de vespa. Neste momento, Bdelicléon, referindo-se aos companheiros de seu pai, fala a Sósias:

Mas esta raça de velhos, imbecil, parece com as vespas quando elas se zangam. Mas, ó meu patego, a raça deles é tal, que se se irrita um desses velhotes, comportam-se como as vespas. E têm mesmo um agulhão bem afiado que lhes sai pelo rabo, com que picam; dançam ao som dos seus zumbidos, e é vê-los atacar como raios. (*Vespas*, vv. 223-226).

Em *As Aves*, dois atenienses, Evélpides e Pistêtairo, saturados da vida na cidade, buscam um lugar onde possam viver em paz e longe das preocupações e problemas urbanos, como os maus políticos, por exemplo. Assim, resolvem procurar o rei Tereu, que havia sido transformado em Poupa, para pedir-lhes sugestão de algum lugar onde possam morar e viver tranquilos como vivem as aves. A Poupa então sugeriu vários lugares, mas nenhum deles agradou aos visitantes. Pistêtairo, portanto, sugere a construção de uma cidade nas nuvens onde as aves possam reinar e controlar os deuses e os homens, pois dessa forma poderiam exigir que os homens fizessem sacrifícios primeiramente às aves e só depois aos deuses. O coro, que é composto por aves de espécies variadas, mostra-se inicialmente resistente à proposta, mas finalmente a aceitam e todos começam a construção da cidade nas nuvens, Nefelococigia (Cucolândia-nas-Nuvens), sob a direção de Pistêtairo e Evélpides (KURY, 1995, p. 6). Nesta peça, as aves são dotadas de personalidade e apresentam comportamentos próprios de um ser racional, ainda que suas características físicas sejam próprias de aves.

Em *As Rãs*, Dioniso vai ao Hades, lugar dos mortos e o deus dos mortos, a fim de resgatar à vida o poeta trágico Eurípedes. A peça é composta por dois coros distintos: o de iniciados ou coro principal, denominado *Coro* (*Corós*); e o secundário, denominado *Rãs* (*Bátracoi*), que coaxam enquanto Carón, o barqueiro do Hades, transporta em sua barca Dioniso através de um pântano.

Na Idade Média, mais especificamente na Europa medieval, os estudos voltam-se em sua maioria para a abordagem de gêneros relacionados ao cristianismo - ao catolicismo, em especial -, religião predominante na época. Nesse contexto, a disseminação da mensagem

teológica era tida como fonte indispensável na educação dos indivíduos, principalmente aqueles que se dedicavam à vida monástica.

Na Era Moderna, muitos autores têm demonstrado interesse pela investigação do animal em seus estudos, reconhecendo-o como excelente fonte de pesquisa e objeto de investigação. Edgar Allan Poe escreveu “ O corvo (1845)”, poema muito disseminado e que contribuiu para a fama do autor; Jorge Luís Borges, por exemplo, retratou os animais em *Manual de zoologia fantástica* (1957), obra que foi posteriormente ampliada para *O livro dos seres imaginários* (1967 e 1969). Outro autor que também se inspirou nos animais foi Wilson Bueno, resultando em sua obra *Manual de zoofilia* (1991). Mais recentemente, Maria Esther Maciel tem dedicado alguns de seus estudos à observação do animal, dentre seus trabalhos pode-se mencionar *Literatura e animalidade* (2016) e *O animal escrito* (2008). Os animais nos bestiários, por sua vez, assumem, na maioria das vezes, um caráter alegórico, ou seja, são descritos de um modo diferente da forma como se apresentam em sua realidade.

Admite-se, nesse sentido, que a influência dos animais nos escritos literários tem se mostrado muito emblemática, tanto no que diz respeito à extensão temporal, da antiguidade aos dias contemporâneos, quanto em relação à expansão geográfica, uma vez que esses seres vêm sendo empregados por autores de diferentes épocas e contextos, resistindo a passagem dos anos e ao mesmo tempo apresentando-se suscetíveis a romper fronteiras.

4. O LIVRO DAS AVES DO LORVÃO E A PRODUÇÃO ESCRITA NA IDADE MÉDIA

A Idade Média compreende o período entre a queda do império Romano do Ocidente e o início da Idade Moderna, entre os séculos V e XV d.C. A literatura da época era representada em sua maioria por produções de gêneros religiosos, uma vez que a sociedade era totalmente dominada pela Igreja Cristã.

Dessa forma, naquele período, os livros eram copiados por monges escribas nos *scriptoria* dos mosteiros. A realização das cópias exigia um trabalho criterioso envolvendo a participação de vários trabalhadores e obedecendo uma sequência pré-definida. Dessa forma, o trabalho era coordenado por um escriba denominado *armarius* ou *bibliothecarius*, que fazia a divisão das tarefas entre os demais, fiscalizava o desempenho deles e ainda providenciava todo o material necessário, como “tinta, penas, sovelas, canivetes e réguas” (CAMPOS, 1994, p. 145). A preparação do pergaminho era de responsabilidade do *pergamenarius*, que cortava o material em folhas de tamanho padronizado, o qual era denominado *quadratio*. Prosseguia-se com a dobra e uma leve pauta das folhas, tarefa realizada por monges aprendizes, denominados *librarii* ou *scriptorii*. A partir desse momento, iniciava-se a cópia propriamente dita, pelo monge copista, que, sentado diante de uma cadeira inclinada, tinha à sua disposição dois tinteiros de chifre em um dos lados, um destinado à tinta vermelha, outro à tinta preta. Nessa etapa, o texto era, geralmente, ditado pelo *armarius* a vários escribas simultaneamente (CAMPOS, 1994, p. 145).

Nesse contexto, dentre os gêneros mais enfáticos da produção literária dessa época, estão os *Livros de Horas* ou saltérios, que são livros de devoção pessoal, compostos por orações. Além destes, também podem ser citados os manuais de normas e costumes, como os bestiários, que narram o modo de vida e comportamento dos animais em geral. E, por fim, podem igualmente ser mencionados os aviários, manuscritos também relacionados à vida e ao comportamento de animais, mas especificamente de aves. Estes últimos consistem em conteúdo de sentido simbólico, usado para transmitir valores e virtudes às pessoas através do comportamento animal.

4.1 O gênero Bestiário na Idade Média

A produção literária medieval é predominantemente composta por gêneros de cunho religioso. Isso se deve ao fato de que a educação e a transmissão do conhecimento da época era de responsabilidade da Igreja, que detinha o monopólio do segmento. O suporte de

escrita da época era o pergaminho, material extraído da pele de carneiro, cabra, vitelo ou veado. Desta última espécie, havia uma preferência pelos animais de tenra idade ou natimortos. A partir deles era produzido um tipo especial de pergaminho, o velino, considerado de melhor qualidade, já que poderia “dar origem ao pergaminho de maiores dimensões e simultaneamente mais fino e resistente” (ALARCÃO, 1986, p. A18).

O processo de produção dos livros era criterioso e realizado em várias etapas, que incluía a preparação do pergaminho e a fabricação das tintas usadas na escrita do texto e na pintura das iluminuras. Assim, para a escrita, empregava-se a tinta denominada ferrogálica, desde o período medieval até o século XIX. Uma ampla variedade de fórmulas para esta tinta foi propagada ao longo dos séculos, com as receitas sendo adaptadas por artistas e escrivães para suas próprias necessidades e conforme os materiais disponíveis em cada região. É extremamente simples a confecção da tinta, e fácil de encontrar os ingredientes, consistindo de quatro produtos básicos: extratos de ácido tânico, vitríolo (sulfato ferroso), goma arábica e água; sendo criada a partir de uma reação química entre o ácido tânico e o sulfato ferroso em meio aquoso. Os principais componentes do tanino são os ácidos gálicos, que, junto com o sulfato ferroso, produzem um pigmento preto após exposição ao oxigênio. Forma-se uma pequena quantidade de pigmentos a partir dessa primeira exposição ao oxigênio na água, mas muito mais é produzido depois que se aplica a tinta ao papel e se a expõe ao ar durante vários dias. A tinta propriamente dita forma-se após a adição de um aglutinante, que tem a função de lhe dar corpo e permitir a aplicação com a pena da escrita, fixando-se ao suporte (ALMADA, 2006, p. 55-56).

Na Europa Ocidental, a religião era o cristianismo, enquanto no norte da África e no Oriente Médio era o islamismo. No período medieval, cristãos, judeus e muçumanos, de certa maneira, conviviam. E, apesar de experimentarem um frequente conflito entre si, essas três religiões concordavam em considerar sagrada a Bíblia Hebraica (Antigo Testamento), que, como se sabe, apresenta muitas referências a animais. A sociedade medieval era composta por um público majoritariamente iletrado, sendo, portanto, o acesso desse público ao conhecimento, condicionado à presença da imagem. Contudo, apesar dessa instabilidade e turbulência, desde o início da Idade Média, a herança cultural greco-latina foi resguardada nos mosteiros. Os monges eram os únicos letrados, porque nem os nobres, nem muito menos os servos, sabiam ler. Podemos então compreender a influência que a Igreja exerceu não só no controle da educação, como na fundamentação dos princípios morais, políticos e jurídicos da sociedade medieval (ARANHA, 2012, p 98-99).

Nesse sentido, a fim de instruir os iletrados sobre a mensagem teológica, o material literário da época consistia em texto associado à imagem, geralmente de um animal. Nesse âmbito, surge o bestiário, que, conforme já mencionado, consiste em um manuscrito composto de tratados sobre animais, de conteúdo simbólico e voltado para a instrução dos religiosos (VARANDAS, 2006, p. 1-2). Além disso, no contexto do Ocidente Cristão, o livro da natureza, manuscrito que trata da descrição de seres, como animais e plantas, era considerado uma fonte de instrução criada por Deus para orientar a humanidade (VARANDAS, 2006, p. 5). Essas questões relacionadas à natureza recebem influência do texto bíblico. Como exemplo disso, é possível citar a seguinte passagem de Jó:

Pergunta aos animais da terra, eles te ensinarão; e às aves do céu, e elas te mostrarão; ou aos répteis da terra, e eles te instruirão, e aos peixes do mar, e eles te contarão. Quem não sabe, entre todos estes seres, que a mão de Javé fez isso tudo? Em sua mão está a alma de todo vivente e o sopro de todo ser humano. (Jó 12,7-10)

O uso dos animais, com finalidade teológica, fundamentava-se no fato de que esses seres são frequentemente mencionados na Bíblia. Desse modo, a mensagem que figurava nos bestiários costumava relacionar o comportamento do animal a uma passagem bíblica. Conforme, pois, descrito a seguir:

Dizia-se que os animais tinham as características que não possuem apenas por acidente; Deus os criou com essas características para servir como exemplo de conduta adequada e reforçar os ensinamentos da Bíblia. Assim como o pelicano revive seus filhotes mortos depois de três dias com seu próprio sangue, Cristo também "reviveu" a humanidade com seu sangue depois de três dias na sepultura. A maneira como os filhotes da Poupa cuidam de seus pais idosos mostra como os filhos humanos devem cuidar deles. Como as pombas estão a salvo de seu inimigo, o dragão, enquanto permanecerem no abrigo da árvore *peridexion*, os cristãos estarão a salvo de seu inimigo Satanás, enquanto permanecerem no abrigo da Igreja. Como a águia rejeita qualquer um de seus filhotes que não consiga encarar firme o sol, Deus rejeitará os pecadores que não podem suportar a luz divina. Dizia-se que toda a Criação refletia o Criador e, para aprender sobre o Criador, era possível estudar a Criação³. (BADKE, 2022, tradução nossa)

Assim, os animais eram utilizados como instrumentos por meio dos quais se propagava o conteúdo desejado. Portanto, alguns animais podem apresentar virtudes, qualidades que deveriam ser seguidas, como o exemplo dos filhotes da Poupa; outros

3 Do inglês: *Animals were said to have the characteristics they do not merely by accident; God created them with those characteristics to serve as examples for proper conduct and to reinforce the teachings of the Bible. As the pelican revives her dead young after three days with her own blood, so Christ "revived" humanity with his blood after three days in the grave. The way the young of the hoopoe care for their elderly parents shows how human children should care for theirs. As doves are safe from their enemy the dragon as long as they stay in the shelter of the peridexion tree, so Christians will be safe from their enemy Satan as long as they stay in the shelter of the Church. As the eagle rejects any of its young that cannot stare unflinching into the sun, so God will reject sinners who cannot bear the divine light. All of Creation was said to reflect the Creator, and to learn about the Creator one could study the Creation.*

apresentavam vícios, que deveriam ser evitados; há outros que possuem características antagônicas, alternando-se entre o sagrado e o profano, como o Corvo, que ora é descrito como o diabo, ora como um pregador erudito.

De fato, como ilustração sobre os diferentes sentidos representados pelos animais, é possível citar, por exemplo, o que diz Pastore (2009), especificamente, sobre o galo, em sua pesquisa sobre a simbologia dos animais. Segundo a autora,

O galo é símbolo de vigilância, coragem, iluminação, virilidade, premonição, confiança e, como anunciador ou mensageiro do amanhecer, um símbolo de ressurreição espiritual. Essa simbologia positiva é mais disseminada culturalmente do que atributos negativos como orgulho, arrogância, luxúria e briga, fazendo alusão à briga desses animais uns com os outros, por vezes pela disputa da fêmea ou mesmo instigada pelos homens para gerar lucro. (PASTORE, 2009, p. 72-73)

De acordo com a descrição acima, ao galo é atribuída a virtude da vigilância, dentre outras, dentre outras, com a função de despertar os homens para um novo amanhecer. Quanto às outras aves, diferentemente, podem estar associadas a vícios. Nesse sentido, a avestruz, por apresentar um comportamento diferente de suas ações, pode ser comparada aos hipócritas. O milhafre, por sua vez, por não apresentar um voo firme, que desperte confiança, pode ser consequentemente relacionado à volúpia. E o pavão, por transformar-se completamente quando lhe é dirigida a palavra, é comparado, por exemplo, ao adulator.

4.2 O Livro das Aves do Lorvão

O *Livro das Aves do Lorvão* ou *Aviário do Lorvão* é um manuscrito do gênero bestiário, mais conhecido apenas como *Livro das Aves*⁴. Obra muito popular na Idade Média, sua autoria é atribuída a Hugo de Folieto, tendo sido copiado por um escriba identificado como Egeas, no Mosteiro do Lorvão. Esta obra, na verdade, consiste na primeira parte de outra maior, do mesmo autor, denominada *De avibus* ou *Liber avium*, pertencente à família do bestiário *De bestiis et aliis rebus*. Embora sua versão original, *De avibus*, tenha se perdido, felizmente, restam-lhe numerosas cópias. Neste manuscrito, os animais mencionados são essencialmente aves, razão pela qual ele se inclui no subgênero dos aviários. Nele, cada uma das aves retratadas possuem um conjunto básico de características, que lhe define, como uma virtude ou, até mesmo, um vício, com este último caracterizando o pecado. Funcionando como uma espécie de normas de boa conduta, estas características tinham a função de orientar o modo de vida dos

4 Doravante LA.

monges em seu cotidiano. Ou seja, consistem num conjunto de parâmetros de comportamento de caráter moralizante, cuja finalidade era advertir esse público sobre seus hábitos e costumes.

Segundo Ribeiro (2004), os bestiários latinos e romanos são derivados de um *Fisiólogo* grego datado do século II, uma obra escrita sobre animais, plantas e pedras, cujo conteúdo tinha sentido simbólico, com a finalidade de se promover uma educação doutrinária, fundamentada em preceitos morais. A autora acrescenta que a partir do original em grego surgiram várias versões que inicialmente pertenciam a línguas orientais, havendo, posteriormente, a partir do século V, uma tradução para o latim (RIBEIRO, 2004, p. 03).

O LA esteve inicialmente no Mosteiro do Lorvão, em um bairro de Portugal de mesmo nome, de onde foi retirado em data precisa desconhecida, entre 1860 e 1864, e depositado na Torre do Tombo, em Lisboa, lugar no qual até hoje se encontra. Sua versão digitalizada está disponível na página virtual da Torre do Tombo, com acesso aberto. Conforme Clark (1999), a obra recebeu várias denominações por monges escribas medievais, como *De avibus*, *De columba deargentata*, *De natura avium*, e *Libellus ad Rainerum* (CLARK, 1999, p. 11). A autora, contudo, adota em seus estudos a denominação *The Aviary* (o Aviário) para se referir ao Manuscrito.

Segundo Meirinhos (2001), a obra foi amplamente divulgada em toda a Europa medieval, tendo sido produzidas cerca de 127 cópias. Desse total, três códices se encontram em Portugal. Cada um deles é proveniente de um mosteiro e de ordens monásticas diferentes. Assim, o LA, o mais antigo, datado de 1184, é de ordem beneditina⁵ e proveniente do mosteiro de S. Mamede de Lorvão; o *LA de Alcobaça*, com data entre os séculos XII e XIII d.C., é proveniente do mosteiro cisterciense⁶ de Santa Maria de Alcobaça, e o *LA de Santa Cruz*, entre os séculos XII e o XIII d.C., é proveniente do mosteiro dos cônegos Regrantes de Santo Agostinho de Santa Cruz de Coimbra, Ordem de Santo Agostinho⁷, uma ordem religiosa católica de frades mendicantes, que seguem a linha de pensamento de Santo Agostinho. Seus membros são denominados frades agostinianos ou agostinhos (MEIRINHOS, 2001, p. 172).

5 Ordem beneditina designa uma comunidade religiosa da Idade Média seguidora de São Benedito.

6 Ordem de cister ou cisterciense: ordem religiosa fundada em Cister (na zona de Troyes, França), em 1098; os fundadores propunham-se estabelecer uma reforma na prática beneditina, com o intuito de a restituir à pureza primitiva, tomando como princípio voltar a uma equilibrada distribuição de tempos entre oração, trabalho e leitura – contemplação, pobreza, dedicação à Palavra divina (MIRANDA et al., [s.d.], p. A18).; (MIRANDA et al., 2007, Glossário).

7 Ordem de Santo Agostinho: comunidade religiosa na Idade Média, teve lugar antes da Regra de São Bento, em Hipona, no Norte de África, “que serviu de inspiração para os Cônegos Regrantes e para os Dominicanos” (MIRANDA et al., p. 11).

Esses mosteiros, segundo a autora, possivelmente realizavam permuta dos textos referentes aos três códices, o que pode indicar uma relação de interesse comum entre os mosteiros em questão.

O fato de esse manuscrito representar um item de valor atrativo está relacionado aos aspectos materiais e à difusão de seu conteúdo na Europa medieval. Além disso, um outro motivo que tornou o LA valorizado naquele período é o fato de haver uma adaptação ao português, do séc. XIV, que foi perdida, restando apenas 9 fólios, que hoje se encontram na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Assim, devido a esses elementos peculiares a um códice manuscrito, a obra tem sido objeto de interesse de pesquisadores historiadores, filólogos, codicólogos e também historiadores da arte (MEIRINHOS, 2001, p. 171).

4.3 Estrutura, composição e natureza do LA

Segundo o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, estruturalmente, o manuscrito no qual o LA está registrado encontra-se no formato de códice, composto de folhas retangulares coladas umas sobre as outras na dimensão de 210 x 137 mm, compreendendo um total de 194 fólios. O conteúdo textual encontra-se escrito em latim e em letra gótica, uma escrita comum da época, sobre pergaminho, material proveniente de pele de animais. Suas páginas apresentam letra inicial ornada⁸, com estilo em dimensão maior em relação ao restante do corpo do texto, dispendo de iluminuras, especialmente, com ilustrações referentes às aves. No prólogo, há a ilustração da Pomba (*Columba*) e do Gavião (*Accipter*), representando, respectivamente, Hugo, o autor, e Rainério, um amigo a quem o autor dedicou a obra (MEIRINHOS, 2001, p. 174).

8 Inicial ornada – letra que acompanha a abertura de um texto e que contém elementos ornamentais, vegetalistas, fitomórficos, geométricos ou zoomórficos (MIRANDA et al, 2008, p. 10).

Figura 1 - A Pomba e o Gavião



Livro das Aves. Prólogo. Miniatura. A Pomba e o Gavião. fl. 11.

O processo de produção das iluminuras do LA segue os padrões e recursos mencionados anteriormente. Desse modo, sobre a iluminura referente às imagens da pomba e do falcão, Miranda (2008) diz que:

A iluminura foi pintada com tintas obtidas misturando uma cola proteica, p.e., cola de pergaminho (C. de ligantes) com o mineral lápis lazuli (azul), os pigmentos sintéticos brancos de chumbo e vermelhão. Os contornos foram feitos a tinta ferrogálica (C. de instrumentos de escrita). O pigmento é previamente moído e em seguida muito bem misturado com a cola de pergaminho, obtendo-se uma tinta. Esta pode ser aplicada a pincel criando bonitas cores como as do Livro das Aves. (MIRANDA *et al.*, 2008, p. 1).

A descrição acima evidencia o quão cuidadoso e detalhado era o processo de produção das iluminuras do LA, exigindo dos profissionais que o produziram constante empenho e dedicação, de modo que resultasse, numa obra rica, dentre outros aspectos, em termos material e estrutural.

4.4 Esquema estrutural do LA

A primeira parte do manuscrito está dividida em 37 capítulos e é constituída por elementos de espécies distintas, englobando aves, como a pomba, o falcão e o gavião; árvores, como a palmeira e o cedro; e ventos, como o Aquilão e o Austro. Além destes elementos, segundo (CLARK, 1992, p. 13;14), há o prólogo I, em que o autor descreve a alegoria da pomba prateada com o dorso dourado atribuindo o sentido moral ao amigo Rainério; o prólogo II, dá continuidade ao conteúdo do prólogo anterior, utilizando as imagens da pomba e do falcão ou gavião⁹ para representar, respectivamente, o autor e o amigo a quem a obra é dedicada, atribuindo a simbologia dessas aves à relação de amizade entre os dois e enfatizando a função da imagem enquanto elemento de instrução aos iletrados, como é o caso de Rainério. Segundo Clark (1992), Hugo, por se considerar um clérigo, afirma estar sendo representado por uma pomba, ao mesmo tempo que compara Rainério, um ex-cavaleiro, a um falcão. No diagrama, o autor faz referência à regra monástica, expondo os dois amigos “no mesmo poleiro” (CLARK, 1992, p.13;14).

A segunda parte do manuscrito se constitui de tratados autônomos, dedicados especificamente às aves, distribuídas em 23 capítulos: pelicano, gralha noturna, corvo, galo, avestruz, abutre, grua, milhafre, andorinha, cegonha, melro, coruja, gralha, ganso, garça, caládrio, fênix, perdiz, codorna, poupa, cisne, pavão, águia.

Cada uma das aves presentes nos tratados possui características próprias, algumas apresentam virtudes, relacionadas ao sagrado; outras, vícios, comportamentos considerados profanos. Tais características são muitas vezes alusões a personagens bíblicas, por esse motivo eram utilizadas com propósitos didáticos na educação dos monges que viviam nos mosteiros medievais a fim de orientá-los a seguir no caminho espiritual cristão (Arquivo Nacional Torre do Tombo, 2008; VARANDAS, 2006).

As aves e os demais elementos abordados no LA podem ser visualizados no esquema a seguir, na sequência em que se encontram no manuscrito.

9 Clark (1992) afirma ter traduzido do latim *accipiter* por *falcon* - falcão. Porém menciona que, no contexto medieval, esse termo designa mais comumente *Hawk* (CLARK, 1992, p. 14). Os dois termos apresentam a mesma tradução tanto em Inglês como em português, o que difere as duas aves é o tamanho, pois, os *falcons* são geralmente menores que os *hawks*.

Hugo de Folieto

Aviarium

Prologus I

Incipit prologus primi libri

Desiderii tui, carissime...

Prologus II

Cum scribere illiterato...

Pars I

Caput I

*Incipit libellus cuiusdam ad Rainerum
conversum cognomine Corde Benignum.*

Incipit de tribus columbis.

Si dormiatis inter...

Caput II

Mystice de columba

Si dormiatis inter...

Caput III

Moraliter de columba

Si dormiatis inter...

Caput IV

Item de columba

Si dormiatis inter...

Caput V

De pedibus columbae

Columba de qua...

Caput VI

De pennis argentatis

Columba quae pedes...

Prólogo I

Inicia o prólogo do primeiro livro

Os teus desejos, caríssimo...

Prólogo II

Como devo escrever a não estudioso...

Parte I

Capítulo I

Inicia o livrinho, a Rainero, um convertido, por seu coração, chamado Benigno

Inicia sobre as três pombas

Se dormis entre...

Capítulo II

Misticamente, da pomba

Se dormis entre...

Capítulo III

Moralmente, da pomba

Se dormis entre...

Capítulo IV

Mais, da pomba

Se dormis entre...

Capítulo V

Dos pés da pomba

Desta pomba que...

Capítulo VI

Das penas prateadas

A pomba, que os pés...

Caput VII*De colore alarum**Alarum colorem scriptum...***Caput VIII***De posteribus dorsi columbae**Posteriora dorsi columbae...***Caput IX***De oculis columbae**Oculi tui columbarum...***Caput X***De colore reliqui corporis**Color reliqui corporis...***Caput XI***De diversis proprietatibus columbae**In diversis locis...***Caput XII***Aquilo frigidissimus ventus...***Caput XIII***Ponam, sedem meam...***Caput XIV***Auster calidissimus ventus...***Caput XV****Capítulo VII**

Da cor das asas

A cor das asas descrita...

Capítulo VIII

Das costas da pomba...

As costas da pomba...

Capítulo IX

Dos olhos da pomba

Os olhos teus, de pombas...

Capítulo X

Da cor do resto do corpo

A cor do resto do corpo...

Capítulo XI

Dos vários atributos da pomba

Em vários locais...

Capítulo XII

<Do Aquilão I>

Aquilão vento friíssimo...

Capítulo XIII

<Do Aquilão II>

Porei meu trono

Capítulo XIV

<Do Austro>

Austro vento calidíssimo...

Capítulo XV

<Do Austro e do Aquilão>

<i>Deus, inquit, ab....</i>	“Deus”, disse, “do...”
Caput XVI	Capítulo XVI
<i>Beatus Gregorius de accipitre qualiter plumescat</i>	São Gregório, de como se cria o gavião
<i>Numquid per sapientiam...?</i>	Acaso por sabedoria...?
Caput XVII	Capítulo XVII
<i>De domestico <et> silvestri accipitre</i>	Sobre: doméstico, selvagem, gavião
<i>Duae sunt species...</i>	São dois tipos...
Caput XVIII	Capítulo XVIII
<i>Qualiter accipiter plumescere debeat</i>	Como se deve criar o gavião
<i>Domesticis accipitribus, quo...</i>	Aos gaviões domésticos, para que...
Caput XIX	Capítulo XIX
<i>Quod accipiter in sinistra manu gestatur</i>	Porque o gavião é recebido na mão esquerda
<i>Accipiter in sinistra...</i>	O gavião na esquerda...
Caput XX	Capítulo XX
<i>De pertica accipitris</i>	Do poleiro do gavião
<i>Pertica accipitris designat...</i>	O poleiro do gavião significa
Caput XXI	Capítulo XXI
<i>De compedibus accipitris</i>	Dos grilhões do gavião
<i>Quasi compedes in...</i>	Como grilhões nos...
Caput XXII	Capítulo XXII
<i>De corrigia accipitris</i>	Da correia do gavião
<i>Corrigia per quam...</i>	A correia pela qual...

Caput XXIII*Incipit de turture et passere**Post columbae gemitum...***Caput XXIV***De palma et turture: quod turtur in
nidulo suo moritur et sicut palma
multiplicat dies**Sicut palma multiplicabo...***Caput XXV***Statura tua assimilata...***Caput XXVI***Iustus ut palma...***Caput XXVII***Ascendam in palmam...***Caput XXVIII***De turture**Vox turturis audita...***Caput XXIX***Item de turture**Turtur secretum deserti...***Capítulo XXIII***Inicia sobre a tartaruga e a ave**Após o gemido da pomba...***Capítulo XXIV***Da palmeira e da rola: como a rola morre em
seu ninho e a palmeira multiplica os dias**Como a palmeira multiplicarei...***Capítulo XXV**

<Da palmeira II>

*Tua altura semelhante...***Capítulo XXVI**

<Da palmeira III>

*O justo como a palmeira...***Capítulo XXVII**

<Da palmeira IV>

*Subirei na palmeira...***Capítulo XXVIII***Da rola**A voz da rola ouvida...***Capítulo XXIX***Idem da rola**A rola a solidão do deserto...*

Caput XXX*De cedro et passeribus qui ramis cedri
nidificant**In bona significatione...***Caput XXXI***Sunt cedri quas...***Caput XXXII***De passere**In Domino confido...***Caput XXXIII***De nido passeris**... passer invenit sibi.***Caput XXXIV***De calliditate passeris**Vigilavi et factus...***Caput XXXV***De laqueo passeris**Anima nostra sicut...***Caput XXXVI***De pretio passeris**luxta seriem Evangelii...***Caput XXXVII****Capítulo XXX**Do cedro e dos pardais que nidificam nos ramos
de cedro

Em bom sentido...

Capítulo XXXII

<O cedro II>

Há cedros que...

Capítulo XXXII

Do pardal

No Senhor confio...

Capítulo XXXIII

Do ninho do pardal

... o pardal acha para si...

Capítulo XXXIV

Da astúcia do pardal

Vigiei e feito...

Capítulo XXXV

Da armadilha de pardal

Nossa alma como...

Capítulo XXXI

Do preço do pardal

Segundo os Evangelhos...

Capítulo XXXVII

De immolatione passeris

Da imolação do pardal

Vox Moysi praecepit...

Uma voz disse a Moisés...

Pars II

Parte II

Caput XXXVIII

Capítulo XXXVIII

De pelicano

Do pelicano

Similis factus sum...

Tornei-me semelhante...

Caput XXXIX

Capítulo XXXIX

De nicticorax

Da gralha noturna

Factus sum sicut...

Tornei-me como...

Caput XL

Capítulo XL

De corvo

Do corvo

Corvus in Divina...

O corvo, na sagrada...

Caput XLI

Capítulo XLI

De gallo

Do galo

Quis dedit gallo...

Quem deu ao galo...

Caput XLII

Capítulo XLII

De strutio

Da avestruz

Penna strutionis similis...

A pena da avestruz semelhante...

Caput XLIII

Capítulo XLIII

De vulture

Do abutre

Semitam ignoravit avis...

O caminho a ave ignorou...

Caput XLIV

Capítulo XLIV

<i>De grue</i>	Da grua
<i>Grues dum pergunt...</i>	As gruas quando andam...
Caput XLV	Capítulo XLV
<i>De milvo</i>	Do Milhafre
<i>Milvus mollis et...</i>	O milvo é fraco...
Caput XLVI	Capítulo XLVI
<i>De hirundine</i>	Da andorinha
<i>Turtur et hirundo...</i>	A rola e a andorinha...
Caput XLVII	Capítulo XLVII
<i>De ciconia</i>	Da cegonha
<i>Ciconiae vocatae a...</i>	As cegonhas chamadas...
Caput XLVIII	Capítulo XLVIII
<i>De merula</i>	Do melro
<i>Isidorus de merula...</i>	Isidoro, do melro...
Caput XLIX	Capítulo XLIX
<i>De bubone</i>	Da coruja
<i>Isidorus de bubone...</i>	Isidoro da coruja...
Caput L	Capítulo L
<i>De graculo</i>	Da gralha
<i>Hrabanus de graculo...</i>	Rábano, da gralha...
Caput LI	Capítulo LI
<i>De ansere</i>	Do ganso

<i>Anser vigilias noctis...</i>	O ganso as vigílias da noite...
Caput LII	Capítulo LII
<i>De ardea</i>	Da garça
<i>Ardea vocata quasi...</i>	A garça chamada como...
Caput LIII	Capítulo LIII
<i>De caladrio</i>	Do <i>caládrio</i>
<i>Physiologus dicit de...</i>	<i>O Fisiólogo</i> diz do...
Caput LIV	Capítulo LIV
<i>De phoenice</i>	Da fênix
<i>Phoenix Arabiae avis...</i>	A fênix ave da Arábia...
Caput LV	Capítulo LV
<i>De perdice</i>	Da perdiz
<i>Clamavit perdix et ...</i>	A perdiz gritou...
Caput LVI	Capítulo LVI
<i>De coturnice</i>	Da codorna
<i>Coturnices a sono...</i>	As codornas pelo som...
Caput LVII	Capítulo LVII
<i>De upupa</i>	Da poupa
<i>Upupam Graeci appellant...</i>	Os gregos chamam poupa...
Caput LVIII	Capítulo LVIII
<i>De cigno</i>	Do cisne
<i>Olor avis est...</i>	<i>Olor</i> é a ave...

Caput LIX*De pavone**Classis Salomonis per...***Caput LX***De aquila**Aquila vocata ab...***Capítulo LIX**

Do pavão

A frota de Salomão por...

Capítulo LX

Da águia

A águia chamada por...

5 ANÁLISE DOS TRATADOS

Os tópicos a seguir abordarão os achados referentes às aves estudadas nesta pesquisa. Assim, o Pelicano, presente no capítulo 38, possui uma alegoria relacionada a Cristo, pelo fato de sacrificar sua própria carne e assim reviver os filhos com seu próprio sangue. A Gralha noturna, capítulo 39, apresenta comportamentos relacionados às trevas, pois vive nas paredes em ruínas e à noite vigia a partir das alturas das muralhas. Sua alegoria a relaciona aos judeus, que, ao rejeitarem Cristo, preferiram as trevas em detrimento da luz. O Corvo, capítulo 40, possui características antagônicas, pois, ora é comparado a um santo pregador, ora ao diabo. A este a ave é relacionada, devido ao seu hábito de extrair o cérebro dos cadáveres através do olho, tal como o diabo, que, ao extinguir a capacidade de discernimento, destrói o sentido da mente. O Galo, capítulo 41, é comparado a um pregador, aquele que desperta os indivíduos para um novo dia. Além disso, a forma como o galo executa seu canto, fazendo a distinção das horas noturnas das diurnas, é comparada à forma como um santo pregador age ao elaborar um discurso adequado a cada tipo de ouvinte, pois é necessário contemplar a individualidade dos componentes de sua audiência, já que cada um possui um tipo de hábito específico. Sobre a avestruz, capítulo 42, diz-se que esta ave, embora tenha asas, não consegue se erguer do chão, mas apenas simula o voo. Seu comportamento é comparado aos hipócritas, que ao simularem uma vida de santo, têm uma falsa imagem santa, mas não uma verdadeira santidade. Alegoricamente, aqueles que têm penas na aparência, estendem as asas por imitação da santidade, mas não se erguem do chão devido ao peso dos pecados.

5.1 O pelicano

O pelicano é tradicionalmente descrito como uma ave egípcia, associada à solidão, pois vive no deserto do rio Nilo. Simbolicamente, esta ave representa o amor paternal, o sacrifício e a ressurreição de Cristo, devido ao suposto hábito de alimentar os filhotes com seu próprio sangue e carne, da mesma forma que Cristo se sacrificou para salvar a humanidade. O pelicano é ainda associado a Cristo devido às chagas do coração, de onde jorra sangue e água, elementos considerados símbolos da vida. Em outras palavras, conforme sugere Cirlot (1992), enquanto símbolo, o pelicano pode também ser descrito como uma “Ave aquática da qual lendariamente se supunha que amava tanto as suas crias que as alimentava com seu sangue,

pelo qual abria o peito às bicadas. É uma das mais conhecidas alegorias de Cristo”¹⁰ (CIRLOT, 1992, p. 356).

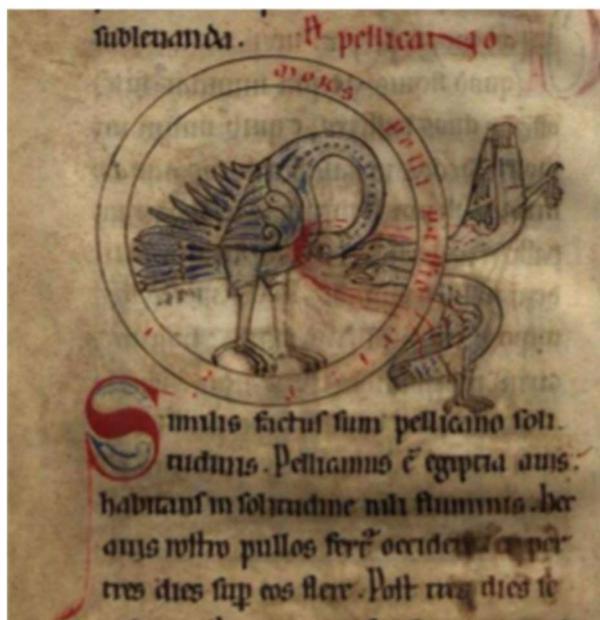
No *LA*, o pelicano é apresentado no capítulo XXXVIII, o primeiro da segunda parte da obra, entre os fólhos 62 e 64. Após o título do capítulo, ornamentado em rubrica *De pelicano*, o texto inicia com a capitular *S*, pela seguinte frase: *Similis factus sum pelicanus* “tornei-me semelhante ao pelicano do deserto” (FOUILLOY, 1992, p. 168). O autor não menciona os aspectos físicos da ave, mas já inicia apresentando sua característica mais emblemática, a cristã:

Haec avis fertur rostro pullos occidere, et per tres dies super eos flere. Post tres dies seipsam rostro percutit, et suo sanguine pullos aspergit. Et sic quos prius occiderat, asperso sanguine vivificando sanat.

Esta ave mata os filhos com o bico, e por três dias chora sobre eles. Depois de três dias perfura a si mesma com o bico, e com seu sangue molha os filhotes. E assim os que tinha matado anteriormente, primeiro, molhando com o sangue, cura-os, ressuscitando-os com o seu sangue aspergido. (FOUILLOY, 1992, p. 168)

A cena descrita pode ser observada na iluminura da ave, reproduzida a seguir, presente no início do tratado.

Figura 2 - O pelicano



De pelicano. Livro das Aves, ANTT. fl. 62.

¹⁰ Do espanhol: *Ave acuática de la cual se suponía legendariamente que amaba tanto a sus crías que las alimentaba con su sangre, para lo cual se abría el pecho a picotazos. Es una de las más conocidas alegorias de Cristo.*

Neste ponto, em alusão ao texto bíblico referente ao evangelho de João (11,44), Folieto afirma que o pelicano é Cristo, porque *cum resuscitaret Lazarum misericorditer flevit. Et sic post tres dies sanguine suo pullos vivificat, quia Christus proprio sanguine suo redemptos salvat* “quando reviveu Lázaro, [Cristo] chorou piedosamente. E, assim, após três dias, vivifica com sangue suas crias, pois Cristo com seu próprio sangue salva os redimidos” (FOUILLOY, 1992, p. 168-170).

Isidoro de Sevilha corrobora estas informações sobre o pelicano, afirmando em suas *Etymologiae* que:

Pelicanus avis Aegyptia habitans in solitudine Nili fluminis, unde et nomen sumpsit; nam Canopus Aegyptus dicitur. Fertur, si verum sit, eam occidere natos suos, eosque per triduum lugere, deinde se ipsam vulnerare et aspersione sui sanguinis vivificare filios.

O pelicano é um pássaro egípcio que vive no deserto do rio Nilo, de onde tira o nome, pois o Egito é chamado Canopus. Dizem, como se verdade fosse, ela matar suas crias, chorar três dias por elas, depois se ferir e, com a aspersão de seu sangue, reviver os filhos (*Etymologiae*, Livro 12, 7:26, tradução nossa).

Embora o pelicano seja tradicionalmente considerado o símbolo de Cristo, Isidoro não faz nenhuma associação da ave com o cristianismo. A razão para isso talvez seja devido à escolha do autor em explorar apenas uma descrição literal, do mundo da zoologia, tratando do mesmo modo os demais animais apresentados na obra.

Em *As Aves*, Aristófanes menciona o pelicano, incluindo-o entre as aves heróis, ao lado de outras, como o pica pau, a águia-marinha e o pavão:

...e para as aves heróis e para os filhos de heróis,
para o púrpura e para o pica-pau e para o pelicano
e para a águia-marinha e para o tetraz e para o pavão e
[para o mocho. (*As Aves*, vv. 881-883)

Plínio, por sua vez, em sua *Historia Naturalis* diz que “Os pelicanos têm um segundo estômago na garganta, no qual as criaturas insaciáveis colocam comida, aumentando sua capacidade; depois eles pegam a comida desse estômago e passam para o estômago verdadeiro” (10, 66).

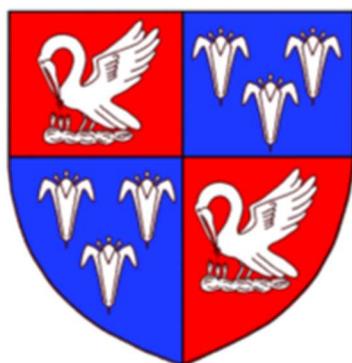
Por outro lado, o pelicano tem uma associação tão emblemática com o cristianismo que sua imagem é usada em objetos ritualísticos da Igreja Católica, como em peças de vestiário e cálices. Dessa forma, portanto, a ave assume os sentidos de símbolo da imolação.

O hábito de se ferir, atribuído ao pelicano, provavelmente tinha origem numa lenda disseminada na Idade Média, pela qual se afirmava que, com seu sangue, a ave tinha revivido os filhos mortos por um predador, que os matara enquanto a ave-mãe estava ausente buscando

comida. Em seu bestiário, Leonardo da Vinci descreve o pelicano nesse mesmo sentido, dizendo que esta ave “guarda grande amor por suas crias, e encontrando no ninho os filhotes mortos por uma serpente, fere-se no coração, e banha-os com os pingos de seu sangue, fazendo-os voltar à vida”¹¹ (DA VINCI, 1974, p, 39, tradução nossa). No entanto, a alegoria diz que, em vez disso, o sangue jorrado da ave reviveu os filhotes, enquanto a ave pai/mãe morreu. Assim, o pelicano morreu para reviver os filhotes.

A imagem do pelicano se tornou símbolo de muitas entidades religiosas. As Faculdades de Oxford e de Cambridge, por exemplo, apresentam a imagem do pelicano em seus brasões (ver figuras 3 e 4). Essas instituições foram estabelecidas por ordens religiosas católicas, por isso ainda conservam esses símbolos em suas dependências.

Figura 3 - Brasão da Corpus Christi College Cambridge.



Brasão da Corpus Christi College Cambridge, representando a cena do Pelicano Eucarístico sob dois ângulos (utilização de cores intensas para representar a cena de Cristo e sua paixão).
Fonte: Cambridge University

Figura 4 - Brasão da Corpus Christi College Oxford.



Brasão da Corpus Christi College Oxford, representando o Pelicano Eucarístico bicando o próprio peito, respingando sangue.
Fonte: College Oxford

De acordo com a tradição do pelicano, as características da ave coincidem em muitas das descrições disponíveis, mas divergem um pouco no que se refere ao motivo pelo qual a ave bica o próprio peito para jorrar sangue. Algumas dizem ter a finalidade de alimentar os filhos com a própria carne e sangue na ausência de comida, outras dizem ser pelo desejo da ave em, ao ver os filhotes mortos, querer morrer para estar novamente junto deles. Assim, o pelicano na maioria das descrições representa Cristo pelo fato de derramar seu sangue em prol da salvação.

¹¹ Do italiano: *porta grande amore a' sua nati, e trovando quelli nel nido morti dal serpente, si punge a riscontro al core, e col suo piovente sangue bagnandoli li torna in vita.*

5.2 A Gralha Noturna

A gralha noturna é uma ave que possui denominações diversas, que ora sugerem se tratar de um corvo noturno, ora de uma espécie de coruja, com a maioria das denominações apontando para “coruja” ou “coruja noturna”¹². Possuindo hábitos noturnos, tal qual a coruja, esta ave não enxerga diante da luz e por isso prefere as trevas. E, como o corvo, é uma ave que parece gostar da sujeira. Diz-se que a gralha noturna polui o próprio ninho com seu esterco. A alegoria moral da ave diz que ela representa os judeus, que, ao rejeitarem Cristo, preferiram as trevas em detrimento da luz.

Isidoro, em suas *Etimologiae*, apresenta algumas espécies dessa ave. A “coruja”, ou *bubo*, que tem esse nome devido ao som da sua voz, vive em cavernas e vagueia em tumbas dia e noite, é coberta de penas e é considerada um pássaro mortal e preguiçoso. A “coruja noturna”, ou *noctua*, que é menor que a *bubo*, voa à noite e não enxerga durante o dia, pois o brilho do sol a cega. O “corvo noturno”, ou *Nycticorax*, que, da mesma forma que a *noctua*, ama a noite e não suporta a luz do sol. A coruja *strix*, que recebe esse nome por alusão ao seu som estridente, segundo o autor, relaciona-se esta ave à palavra grega *amma* “enfermeira”, porque diz-se que ama bebês e fornece leite aos recém-nascidos (*Etimologiae*, Livro 12, 7: 39-42).

Observa-se nitidamente que uma das características que coincide na maioria dos relatos sobre esta ave é o fato de ela ser considerada uma ave noturna. Algo que, alegoricamente, sugere representar as trevas, as quais são relacionadas, na maioria das vezes, a hábitos profanos.

Plínio, o Velho, em sua *Historia Naturalis*, menciona um tipo particular dessa ave, a “coruja-águia”. De acordo com o autor, esta ave habita lugares desertos e representa um péssimo presságio, sendo considerada uma ave fúnebre (*Historia Naturalis* - séc I - Livro 10, 16). Plínio, por sua vez, descreve a mesma ave como “coruja noturna”, que, segundo ele,

são astutas em batalhas com outros pássaros e quando cercadas e em menor número, deitam-se de costas e lutam com os pés e usam os bicos e as garras para tentar se proteger. Elas têm uma aliança com o Falcão, que chega e as defendem dos inimigos. (*Historia Naturalis* – séc. I - Livro 10, 41)

Mencionando Nigidius, Plínio afirma ainda que as corujas hibernam por 60 dias. Algumas dessas características remontam àquelas do corvo, tanto pelo fato de ser considerada uma ave fúnebre, por se alimentar de cadáveres, quanto por representar mau presságio.

12 Em página do portal The Medieval Bestiary, é possível encontrar a seguinte lista de nomes para o termo grego *Nycticorax*: *Bubo*, *Bubone*, *Chouette*, *Fresaie*, *Hibou*, *Huen*, *Huerans*, *Huhan*, *Hulotte*, *Nycticorax*, *Night raven*, *Night-owl*, *Noctua*, *Nycticorax*, *Strix* e *Ulula*.

Na obra em análise, a gralha noturna é apresentada no capítulo XXXIX. O segundo da arte II do *LA*. Nela, o texto está distribuído em 21 linhas e 1 coluna, compreendendo os fólhos 65 e 66. E, abrindo o capítulo, apresenta a capitular *F* ornamentada em estilo gótico e rubricada. Além disso, possui uma iluminura na página inicial do tratado, à esquerda do texto, formada pela imagem da ave, que está centralizada em um arco, apresentando a seguinte frase em rubrica na região circular da imagem: *Factus sum sicut nicticorax in domicilio* “Tornei-me uma gralha noturna em casa” (FOUILLOY, 1992, p. 172). Ver a figura abaixo:

Figura 5 - Nicticorax - A Gralha



De Nycticorax. Livro das Aves, fl. 65.

No tratado da gralha noturna, não há informações sobre as características físicas da ave. Seu conteúdo é voltado para os hábitos da ave, tais como o fato de ela morar nas paredes das ruínas, guardar a casa nas alturas das muralhas sem teto e observar os atos dos pecadores, bem como fugir deles. Assim, esta ave, segundo Folieto, tanto *Habitat in ruinis parietum, dum mundi defectum considerat et expectat occasum* “Vive nas ruínas das paredes, enquanto observa o fracasso do mundo e aguarda (sua) queda” (FOUILLOY, 1992, p. 174). Além disso, para o autor, esta *avis quae amat tenebras noctis [...]. Lucem refugit; in nocte volitans cibos quaerit* “ave ama as trevas da noite [...] foge à luz, durante a noite, esvoaçante, procura comida” (FOUILLOY, 1992, p. 172).

Em sentido alegórico, a ave é comparada a Cristo, que ... *noctis tenebras amat, quia non vult mortem peccatoris, sed ut convertatur et vivat*. “ama as trevas da noite, pois não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva”.

Nesse sentido, referindo-se ao evangelho de João (3, 16), o autor alude à Bíblia, ao afirmar que *Ita enim Deus Pater dilexit mundum ut pro redemptione mundi morti traderet filium*

“Deus Pai amou o mundo de modo que entregou seu filho à morte em prol da redenção do mundo” (FOUILLOY, 1992, p. 172). Em momento posterior, ao mencionar que Cristo desejou nascer do povo judeu, cita um trecho de Mateus: *Non sum missus, inquit, nisi ad oves quae perierunt domus Israel* “Não fui enviado, diz, senão para as ovelhas que estão perdidas da casa de Israel” (FOUILLOY, 1992, p. 172). Esse trecho refere-se a uma passagem do evangelho de Mateus, na qual os discípulos de Jesus o aconselham a mandar embora a mulher que a Ele suplica para curar sua filha, que está tomada pelo demônio (Mt 15,24). Jesus, então, menciona que sua missão é atender aqueles que estão perdidos, ou seja, os que estão desviados do seu caminho.

Assim, diante destas passagens, é possível considerar que a simbologia atribuída à cor negra, representando a escuridão da noite, pode remeter a uma conotação positiva. Nesse sentido, se as trevas representam o pecado, é justamente para lá que se dirige Cristo, que tem como missão resgatar os desviados para o caminho da luz. Ou seja, estar nas trevas pode implicar a oportunidade de uma aproximação com Deus, que tem como principal objetivo conduzir Seu filho à luz, à conversão do pecado.

Outro ponto da obra em que o autor se utiliza de um trecho bíblico é o que fala metaforicamente sobre “fugir à luz”, afirmando que Cristo “foge à luz” pelo fato de aconselhar o leproso, o qual acabara de ser por Ele curado, a não contar nada a ninguém. Neste ponto, o autor diz: *Cum enim leprosum curaret, ut nobis exemplum humilitatis daret ait leproso: "Vide nemini dixeris"* “Pois quando curara o leproso, para nos dar exemplo de humildade, [Cristo] diz ao leproso: ‘Veja, não diga a ninguém’. *De hac luce dicitur: “Auferetur ab impiis lux sua”, id est, praesentis vitae gloria”. Ipse autem est lux inaccessibilis quae illuminat omnem hominem.* Sobre esta luz é dito: dos ímpios sua luz será tirada, ou seja, a glória da vida presente”¹³ (FOUILLOY, 1992, p. 172). Isso quer dizer que, em certas ocasiões, a luz pode significar falta de humildade. Assim, metaforicamente, a luz pode estar relacionada ao conhecimento, que nesse caso é, para Cristo, ver o inconveniente. Portanto, as trevas, quando têm o sentido de anular o conhecimento de algo que seja desnecessário ou até mesmo nocivo, pode representar uma virtude apreciada no contexto cristão.

5.3 O Corvo

13 Do latim: *Cum enim leprosum curaret, ut nobis exemplum humilitatis daret ait leproso, Vide nemini dixeris. De hac luce dicitur, Auferetur ab impiis lux sua, id est, praesentis vitae gloria.*

Em termos simbólicos, o corvo é uma ave milenarmente disseminada em diferentes culturas, apresentando sentidos antagônicos, ora positivo, ora negativo. Nesse sentido, a tradição do corvo lhe atribui características múltiplas e às vezes antagônicas. Por um lado, representa o mau agouro, a morte e o azar; por outro, representa a sabedoria, a astúcia e a fertilidade. Assim, de acordo com Bruce-Mitford (2001), apesar de representar o mal em muitas culturas – como na China, no Japão e na Pérsia –, o corvo era considerado o mensageiro dos deuses e símbolo do sol (BRUCE-MITFORD, 2001, p. 64). Para o autor, na lenda escandinava, o deus Odin está acompanhado de dois corvos. Já no mito indígena norte-americano, essa ave havia criado a terra e nela “deixou cair pedrinhas,” que contribuíram para a formação de ilhas no mar (BRUCE-MITFORD, 2001, p. 64).

Devido ao seu caráter polissêmico, o corvo costuma ser utilizado também em obras moralizantes a fim de transmitir um ensinamento, que pode se configurar em conselho ou um aviso, como as fábulas de Esopo, por exemplo. Nesse sentido, a representação simbólica do corvo existe desde a Antiguidade e foi amplamente difundida em toda a Europa medieval, na qual os animais, por meio de sua simbologia, eram utilizados para transmitir uma mensagem, positiva ou negativa. Nesse período, o conteúdo expresso por meio dos animais tinha uma alegoria predominantemente cristã, visto que a educação era de responsabilidade exclusiva da Igreja.

Baseada na observação dos costumes dos corvos, a tradição diz que eles “se recusam a alimentar seus filhotes até que suas penas cresçam e se tornem pretas e os pais possam reconhecê-los como seus” (THE MEDIEVAL BESTIARY, 2011). De acordo com essa afirmação, podemos inferir que os corvos estabelecem uma condição, a de que tenham penas pretas como as suas, para que seus filhotes possam ser alimentados pelos pais. Isso, portanto, possibilita considerar que a plumagem negra da ave em questão representa o principal atributo para sua identificação entre as aves da mesma espécie. Embora muitas referências apontem que o corvo valoriza a sua cor, Esopo, na fábula “O corvo e o cisne”, mostra que essa ave manifesta o desejo de mudar a cor de sua plumagem. Nesse sentido, a fábula conta que um corvo sentiu inveja da cor do cisne e julgou que a cor dessa ave era determinada pelas águas onde se banhava. Então, o corvo abandonou os lugares onde tinha alimento e passou a viver nos lagos e rios. Porém, além de não ter mudado de cor com o banho, o corvo acabou morrendo devido à falta de alimento. Para esta fábula, a moral consiste em afirmar que “O regime de vida não sabe mudar a natureza” (ESOPO, 2017, p.174).

Esopo, na fábula “O corvo e Hermes”, menciona a ingratidão da ave em relação a seu benfeitor. A fábula conta que, preso em uma armadilha, o corvo suplica proteção de Apolo, Deus olímpico que representa o amor, e assim prometia queimar incenso em sua honra, porém esqueceu a promessa quando se viu livre do perigo. Entretanto, ao ser submetido a outra armadilha, negligenciou Apolo e prometeu sacrifícios a Hermes. Este, já conhecendo o mau costume da ave, lhe diz que não pode acreditar no que ela diz, uma vez que esta “renegou e lesou seu primeiro senhor”, o deus Apolo. A moral da fábula adverte que “os que foram ingratos com os benfeitores, quando caírem em dificuldades, não terão proteção” (ESOPO, 2017, p. 173). Em outro momento, Esopo retoma essa informação, na fábula O corvo doente, quando este pede a sua mãe que não se lamente, mas que reze aos deuses, e logo a mãe lhe pergunta qual deus poderá ter-lhe piedade, insinuando que a ave havia roubado carne de todos eles. A moral diz que “os que têm na vida inúmeros inimigos, numa urgência não encontrarão nenhum amigo” (ESOPO, 2017, p. 170).

No LA, o tratado sobre o corvo está distribuído em sete fólios, iniciando no final do fólio 67, depois do tratado da Gralha Noturna, até o fólio 73, antecedendo o tratado do galo. O texto está escrito em latim e em letra gótica e está distribuído em 21 linhas e uma coluna, com a inicial do nome da ave escrita em vermelho e o restante do texto em preto. Apresenta, no início do texto, uma iluminura com a imagem da ave, inserida dentro de um círculo duplo, no qual se encontra, escrita em latim, a frase *Corvus crocitanus doctor praedicans*, pintada na cor vermelha, literalmente significando “o corvo crocitando, o sábio predicando”. Conforme ilustração a seguir:

Figura 6 - O Corvo



De Corvo. Liber avium. ANTT. Ordem de Cister. Fl. 67.

No LA o corvo é descrito como uma ave de características diversas, apresentando costumes tanto positivos, que devem ser seguidos, quanto negativos, que devem ser evitados. Sob a perspectiva de uma interpretação alegórica cristã, o corvo recebe múltiplas interpretações: *aliquando praedicator*, *aliquando peccator*, *aliquando Diabolus intellegatur* “ora é entendido como um pregador, ora como um pecador, ora como o diabo” (FOUILLOY, 1992, p. 174). A relação estabelecida entre o corvo e o diabo é suscitada pelo costume da ave de extrair o cérebro dos cadáveres através do olho, pois, assim como o diabo, ao destruir a capacidade de discernimento, destrói o sentido da mente. Dessa forma, a ave é entendida na *Página Sagrada*, como diz o autor do LA.

Com relação às referências externas feitas no tratado do corvo, o autor alude às *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, em que, baseado no comportamento da ave, estabelece uma comparação entre o corvo e o diabo:

Isidorus in Libro Etymologiarum dicit quod corvus prius in cadaveribus oculum petit. Corvus est Diabolus, qui in cadaveribus prius oculum petit, quia in carnalibus intellectum discretionis extinguit, et sic per oculum extrahit cerebrum. Per oculum cerebrum extrahit, quia extincto discretionis intellectu sensum mentis evertit.

Isidoro, no Livro das Etimologias, diz porque o corvo nos cadáveres primeiro ataca o olho. O corvo é o Diabo, que nos cadáveres primeiro ataca o olho, porque nos carnis extingue o senso de discernimento e assim pelo olho extrai o cérebro. Pelo olho extrai o cérebro, pois extinto o senso de discernimento, inverte o sentido da mente. (FOUILLOY, 1992, p. 174)

O hábito necrófago do corvo de perfurar o olho dos cadáveres também é mencionado na Bíblia, em Provérbios 30,17: “Os olhos que zombam do pai, ou desprezam a obediência à mãe, corvos do ribeiro os arrancarão e os filhotes da águia os comerão”. A alegoria presente neste trecho sugere uma punição aos filhos que apresentam desobediência aos pais, o que implica agir de modo contrário às orientações cristãs.

Assim a descrição do corvo é associada a uma conotação negativa, conduzindo o leitor do período medieval – no caso, os monges que residiam nos mosteiros –, a uma interpretação moral cristã, com a finalidade de afastar o indivíduo do pecado e direcioná-lo a uma postura regrada, baseada nos preceitos da Igreja. A partir das informações explícitas no tratado do corvo, podemos constatar que a plumagem negra dessa ave constitui o principal elemento utilizado no manuscrito para a construção da imagem negativa da ave, uma vez que a cor preta é associada, metaforicamente, a *quilibet peccator intellegitur qui quasi peccatorum plumis nigrescentibus vestitur* “todo pecador que se veste com penas escuras” (FOUILLOY, 1992, p. 174). Ou seja, aqueles que duvidam da misericórdia de Deus permanecem na escuridão de pecados.

Um outro aspecto negativo atribuído ao corvo, mas que põe em dúvida a sua inteligência, pode ser observado na fábula “O corvo e a raposa”, em que o corvo é superado pela esperteza da raposa. Assim, ao ver o corvo pousado em uma árvore com um pedaço de carne no bico, a raposa começa a fazer-lhe elogios induzindo-o a cantar e então soltar a carne para que ela possa desfrutar do alimento. Dentre os elogios, a raposa fala ao corvo que este se trata de uma ave muito bonita e que, se seu canto tiver tanta beleza quanto sua fisionomia, logo será proclamado rei dos pássaros. O corvo então, influenciado pela vaidade, solta um potente canto. Nesse momento, a carne lhe escapa e é imediatamente abocanhada pela raposa, que, desdenha afirmando que o corvo tem voz, porém falta-lhe inteligência. A moral desta fábula sugere que devemos ter cuidado com aquele que muito nos elogia (ESOPO, 2017, p. 172).

Em suas *Etimologiae*, Isidoro diz que

Corvus, sive corax, nomen a sono gutturis habet, quod voce coracinet. Fertur haec avis quod editis pullis escam plene non praebeat, priusquam in eis per pinnarum nigredinem similitudinem proprii coloris agnoscat; postquam vero eos tetros plumis aspexerit, in toto agnitos abundantius pascit.

O Corvo tem esse nome devido ao som de sua garganta [crocitar], porque clama através do choro. Esta ave não fornece inteiramente comida aos filhotes voantes até que reconheça neles a semelhança de negritude de sua própria cor e penas (*Etimologiae*, liber XII: VII, XLIII).

Isidoro finaliza afirmando que o corvo procura primeiro o olho nos cadáveres, conforme já mencionado.

Referindo-se ainda ao corvo, o autor do LA menciona a passagem bíblica sobre Elias, na qual é dito que a ave o alimentou: “Os corvos alimentaram Elias”. “Pelos corvos, portanto, os pecadores querem ser entendidos, os quais nutrem de sua essência os religiosos. Eles, pois, Elias representa, os que o lugar e o hábito da religião oculta”¹⁴ (FOUILLOY, 1992, p. 176). De fato, no Antigo Testamento, há a passagem na qual Deus enviou o profeta Elias para o rio Querite, no Jordão, onde, por determinação de Deus ele seria alimentado pelos corvos. Como é possível conferir no seguinte trecho do primeiro livro de Reis:

Dirigiu, então, Javé sua palavra a Elias, dizendo: “Parte, vai para o Oriente, e esconde-te junto à torrente de Carit, a este do Jordão. Tu beberás da torrente, e ordenei aos corvos que te alimentem”. Partiu ele, pois, em cumprimento à ordem de Javé, e foi morar junto à torrente de Carit, a este do Jordão. Os corvos traziam-lhe pão e carne pela manhã, e pão e carne à tarde, e ele bebia da torrente. (1Rs 17,2-6)

Entretanto, o corvo também é visto de uma forma positiva no LA, quando é comparado a um pregador sábio: “Mas o corvo também é tomado no bom sentido, de modo que pelo corvo um douto pregador seja entendido” (FOUILLOY, 1992, p. 176). Na sequência o autor faz referência a figuras religiosas, como o Jó bíblico e São Gregório Magno, em relação à forma como os filhotes de corvo são alimentados, dizendo o seguinte:

Unde per beatum lob dicitur, Quis praeparat corvo escam suam quando pulli eius ad Deum clamant vagantes, eo quod non habeant cibos? "Corvus," sicut ait beatus Gregorius, "est quisque praedicator doctus qui magna voce clamat dum peccatorum suorum memoriam quasi quendam colons nigredinem portat.

Daí é dito pelo Santo Jó: Quem dá sua comida ao corvo quando seus filhotes vagando clamam a Deus sem alimento?” O “Corvo”, como diz São Gregório, “é todo sábio pregador que discursa enquanto leva a memória de seus pecados como algo negro de cor. (FOUILLOY, 1992, p. 176)

De fato, essa mesma informação é encontrada em trecho do Salmo 147: “E dá o alimento aos animais, e aos filhos dos corvos, quando clamam” (Sl 147,9). E ainda sobre a questão da alimentação dos filhotes de corvo, Bartolomeu Ânglico, em passagem livro 12 sua obra *De proprietatibus rerum*, afirma que o corvo não alimenta os filhotes até que suas penas se tornem pretas, e assim, pela semelhança da cor das penas do pai e dos filhos, possa reconhecê-los como seus. No Evangelho de Lucas é mencionada essa mesma questão: “Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm despensa nem celeiro, e Deus os alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves?” (Lc 12,24).

Na Bíblia, o corvo é também considerado uma ave impura, imprópria para o sustento. Em *Levítico* e em *Deuteronômio*, por exemplo, é possível apontar passagens em que

¹⁴ Do latim: *De quibus dicitur, corvi paverunt Heliam, Per corvos igitur peccatores intellegi volunt, qui de sua substantia religiosos pascunt, illos enim Helias significat quos locus et habitus religionis occulta.*

isso se confirma. No primeiro, é dito que: “Entre as aves, eis as que tereis abominação e de cuja carne não comereis, porque é uma abominação: a águia, o falcão e o abutre, o milhafre e toda variedade dos falcões, em toda sociedade de corvo” (Lv 11,13-15). E, quanto ao segundo, a mesma informação é encontrada no seguinte trecho: “Eis as que não podereis comer: a águia, o falcão e o abutre, o milhafre e toda variedade de falcão, toda espécie de corvo” (Dt 12,14).

É ainda possível citar uma passagem do *Gênesis*, na qual o corvo é descrito como o mensageiro enviado por Noé para verificar se as águas do dilúvio já haviam cessado: “e deixou sair um corvo, o qual, saindo, voava de um lado para outro, até que aparecesse a terra seca” (Gn 7,7).

Além disso, a inteligência e astúcia do corvo é mencionada em Esopo, na fábula “o corvo e o jarro”. Nela é narrado que o corvo, vendo-se diante de muita sede, encontra um jarro no qual deseja encontrar água. Porém, percebe que a quantidade de água ali existente é tão pouca que não lhe permite alcançá-la. Entretanto, após várias tentativas mal sucedidas de acesso à água, o corvo decide atirar várias pedras no jarro, uma a uma, até que finalmente teve seu volume aumentado, chegando à borda do jarro. Dessa forma, conseguiu sanar sua sede e consequentemente salvou sua vida. (AESOP, 2009, p. 76)

Ainda a respeito das qualidades positivas do corvo, Antunes (2010) lembra de uma passagem do bestiário de Aberdeen no qual o corvo é descrito quanto às suas virtudes conjugais. Segundo a autora, o corvo “não é só monógamo e sempre fiel ao seu par, como protege e cuida de suas crias atentamente” (ANTUNES, 2010, p. 130). Nesse sentido, a autora faz referência ao Sermão da Paternidade, no qual se recomenda aos homens seguir o exemplo do corvo no seu senso de dever e amar seus filhos. Onde ainda se argumenta que, de modo inverso, as mulheres “desmamam” seus bebês logo que podem, mesmo aqueles a quem elas amam (ANTUNES, 2010, p. 131). Nesse trecho há uma alusão ao que foi mencionado anteriormente por Isidoro nas *Etymologiae* em relação a uma das características da ave, que diz que os corvos não alimentam os filhotes até suas penas se tornarem negras e assim tenham a certeza de que os filhotes são seus.

Em *As Aves*, é possível apontar duas passagens em que Aristófanes menciona a característica mais enfática do corvo, a de furar os olhos. A primeira, na qual fala que o ataque aos olhos do gado gera custos, é a seguinte:

Que os corvos, por sua vez, furem os olhos das juntas de bois,
que lavram a terra, e dos carneiros, como exemplo
É então Apoio, que é médico, que os cure. Ele é pago para isso
(*As Aves*, vv. 582-584).

Já na segunda, ao ser sugerido que o ataque do corvo aos olhos dos que juram, seja por Zeus seja por ele mesmo, consiste numa espécie de castigo contra o perjuro, parecendo associar o corvo e seu comportamento a um tipo de “divindade” de função expiatória:

quando alguém jurar pelo corvo e por Zeus,
o corvo, se aproximando do perjuro às escondidas,
voará em sua direção, ferirá seu olho e o arrancará fora.
(*As Aves*, vv. 1612-1614)

Igualmente, em *As Vespas* (422 a.C.), Aristófanes traz aspectos negativos ligados ao corvo, mencionando uma situação que relaciona o corvo ao inferno: “Ainda perguntas? Acontece que o tipo, de homem, se transformou de repente em corvo. Ora, não se está mesmo a ver que, em menos de nada, nos vai deixar em paz para... ir aos corvos?” (*As Vespas*, vv. 53-56). O sentido expresso nessa indagação consiste em condenar alguém a se enforcar, que metaforicamente significa ir para o Hades. Nesta obra, como é possível perceber, o corvo é associado a um sentido sombrio, que remete a coisas fúnebres e infernais.

As informações referentes ao corvo no LA apontam para seu caráter polissêmico, uma vez que a ave ora apresenta costumes considerados profanos, como o hábito de perfurar os olhos dos cadáveres para extrair o cérebro, ora é comparada aos pregadores sábios, que proclamam em voz alta a Palavra de Deus aos seus discípulos desprovidos do conhecimento cristão. Dessa forma, o corvo recebe denominações antagônicas, por um lado é interpretado como um pecador, por outro como um pregador. Baseado nessa pluralidade de sentidos, e apesar de o corvo ser descrito como uma ave de hábitos sombrios, a ele são atribuídas também virtudes, as quais, na vida monástica nos mosteiros medievais, eram sugeridas como um exemplo a ser seguido.

5.4 O Galo

O galo é uma ave muito disseminada ao longo dos séculos em diversas culturas e mitologias. Tem como principal característica anunciar a chegada de um novo dia e despertar as pessoas para o início de um novo ciclo.

Por anunciar o nascer do sol, o galo é, universalmente, considerado um comunicador e também um símbolo solar. No Oriente, a ave possui um simbolismo associado à virtude da coragem, ao bom augúrio, à bondade e à segurança. Entretanto, a simbologia do galo não é unânime. Assim, em algumas culturas a ave possui um significado positivo e em outras, negativo. Para o cristianismo, o galo representa Cristo e está associado, também, ao

simbolismo solar da luz e da revelação; para o budismo, o galo é considerado um dos *três venenos*, ao lado do porco e da serpente, simbolizando a cobiça, o apego e a sede (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2008-2022).

No LA, o Galo é apresentado no quarto capítulo da segunda parte da obra, que corresponde ao capítulo XLI. O tratado inicia no final do fólio 73, ponto onde termina o tratado do corvo, com o título *De Gallo* em rubrica e termina na metade do fólio 81, onde inicia o tratado da Avestruz. O capítulo consta de uma iluminura da ave centralizada em um círculo (arco), que contém a seguinte informação: *Gallus alis se percutiens est doctor aliis exemplum praebens* “O galo se batendo com as asas é o mestre oferecendo um exemplo/modelo aos outros”.

Figura 7 - O Galo



De Gallo. Livro das Aves, Arquivo Nacional Torre do Tombo, fl. 74.

O texto inicia com um questionamento sobre quem deu inteligência ao galo. E prossegue mencionando São Gregório Magno em *Moralia de Jó*:

De gallo quaeritur a quo ei intellegentia tribuatur. Sed haec quaestio cito solvitur si beatus Gregorius loquens in Moralibus audiatur. “Intellegentiam,” sicut ait beatus Gregorius, “gallus accipit ut prius nocturni temporis horas discutiat et tunc demum vocem excitationis emittat, quia videlicet sanctus quisque praedicator prius in auditoribus suis qualitatem vitae considerat, et tunc demum ad erudiendum congruam vocem praedicationis format.

Do galo, busca-se por que se lhe deu inteligência. Mas esta questão é logo respondida se São Gregório falando nas *Moralia* for ouvido. Assim diz São Gregório: “O galo recebeu inteligência para que, antes, acabe a noite e, depois, dê o alarme, pois obviamente todo santo pregador, antes, observa em seus ouvintes o tipo de vida e,

depois, molda a voz da pregação adequada à erudição. (FOUILLOY, 1992, p. 180, tradução nossa)

Uma característica muito enfatizada ao longo do tratado do galo é a comparação entre o canto da ave, que é modulado de acordo com o período do dia ou da noite, e a atitude dos pregadores, em relação à forma como constroem o seu discurso baseando-se nas especificidades do seu público. Nesse sentido, ao mencionar São Gregório, o autor faz um paralelo entre o que é dito nas *Moralia* sobre o comportamento do galo e a conduta que deve ser adotada pelo pregador. Assim, pois, como o galo distingue as horas noturnas das diurnas, o pregador santo deve observar seus ouvintes para que possa elaborar um discurso adequado à instrução de cada um. A inteligência do galo, nesse sentido, é considerada uma providência divina e está relacionada à capacidade de discernimento: “E assim o galo recebe inteligência do alto (céu), porque a virtude do discernimento é divinamente fornecida ao mestre da verdade, para que saiba a quem oferecer o quê, quando e de que maneira”¹⁵ (FOUILLOY, 1992, p. 180, tradução nossa).

Em sua *Naturalis História*, Plínio, o Velho, diz que os galos *norunt sidera* “conhecem os astros”, pois cantam no início do período de cada três horas e na quarta hora da noite acordam as pessoas com seu canto. Para determinar quem reinará, os galos duelam entre si e, definido o vencedor, este exibe orgulho, enquanto o perdedor passa a servir e não mais cantará. Acrescenta, ainda, que o comportamento dos galos pode revelar presságios e augúrios (*História Natural*, Livro 10, 24-25). Já Isidoro, em suas *Etimologiae*, a respeito da origem da palavra, diz que *Gallus a castratione vocatus; inter ceteras enim aves huic solo testiculi adimuntur* “o galo recebe esse nome em analogia à *galli*, que em grego significa “castrados”, ou seja, quando está sozinho entre os pássaros o galo tem seus testículos removidos (*Etimologias*, Livro 12, 7:50).

Na fábula “O gato e o galo”, Esopo aborda indiretamente a inteligência e esperteza do galo, que, ao ser questionado pelo gato, que estava prestes a lhe devorar, argumenta com agilidade em prol de sua própria defesa. Então, ao ouvir do gato que ele seria um estorvo para os homens, pois não os deixava dormir, o galo prontamente respondeu-lhe que, muito pelo contrário, seu canto contribuiria bastante para o bem dos homens, pois os despertaria para os afazeres rotineiros. Mas, persistindo com as acusações, o gato fala que o galo é um ser ímpio, por acasalar-se com sua própria mãe e irmãs. O galo, então, afirma que continua agindo bem, já que desse modo fornece muitos ovos aos patrões. (ESOPO, 2017, p. 217).

15 Do latim: *Gallo itaque intellegentia desuper tribuitur, quia doctori veritatis discretionis virtus ut noverit quibus quid quando vel quomodo inferat divinitus ministratur.*

O galo possui uma simbologia muito emblemática, pois é considerado o anunciante de um novo dia, aquele que tem a função de despertar os homens, o que contribui para conduzi-los na retomada de suas rotinas. Além disso, o galo é considerado uma ave inteligente e essa inteligência é interpretada como uma virtude vinda dos céus, o que revela sua alegoria cristã. Assim, pode-se admitir que o galo apresenta mais virtudes do que vícios.

Na comédia antiga, o galo é mencionado frequentemente. Em *As Aves*, Aristófanes o apresenta como uma ave persa, pois reinou sobre eles e por isso tem a missão de perpetuar essa soberania. Neste sentido, Pistetairo, ao argumentar com Evélpides que as aves são mais antigas que os deuses, menciona sua função de despertar as pessoas, principal atributo da ave:

Ele foi forte e poderoso um dia, e muito. Tanto que,
[ainda hoje, devido ao poder passado, só quando ele canta
[de madrugada,
saltam todos para o trabalho: ferreiros, oleiros,
[curtidores,
sapateiros, criados, moleiros, fabricantes de liras e de armas.
Outros calçam as sandálias e se põem a caminho
[ainda de noite. (*Aves*, vv. 488-492)

No referido trecho, Aristófanes menciona que o galo reinou sobre todos os persas antes de Dário e Megábazos, e que por isso é chamado de ave persa e até hoje é o único entre as aves que desfila como o Grande Rei, portando um turbante reto sobre a cabeça (vv. 484-487). As características do galo são mencionadas também em outras obras desse autor, como em *As Vespas*.

Em *As Vespas*, Aristófanes menciona o mesmo comportamento em relação ao galo. Numa cena desta peça, um personagem, chamado Filoclêon, pergunta a outro, de nome Bdeliclêon, por que este lhe trouxe um galo. E, como resposta, o outro disse que é para a ave lhe despertar cantando (*Vespas*, vv. 86-87). A ave é associada também à bravura, tendo como característica a capacidade de afugentar os inimigos: “Frínico espanta seus rivais de maneira terrível, como se fosse um galo no terreiro...” (*Vespas*, vv. 816-817). Em outro momento da obra, é mencionada a briga de galo, uma prática muito comum entre aves dessa mesma espécie e que hoje é considerada ilegal em muitos países.

Uma outra versão simbolizada do galo pode ser conferida no mito grego de Alectrion, cuja forma original em grego antigo ἀλεκτρούων significa “galo/galinha”. Em trecho do canto VIII, entre versos 266-366 da *Odisseia*, Homero narra que o personagem Ares, o deus da guerra, mantém uma relação extraconjugal com a deusa Afrodite, esposa de Hefesto, o deus coxo. Porém, um certo dia, o sol, o deus que tudo vê antes de todos, os descobre e os denuncia

a Hefesto, que, movido pela ira devido à traição que sofrera, os expõe a todos os demais deuses, ridicularizando-os, pois se encontravam em pleno ato sexual (HOMERO, 2015, vv. 266-366).

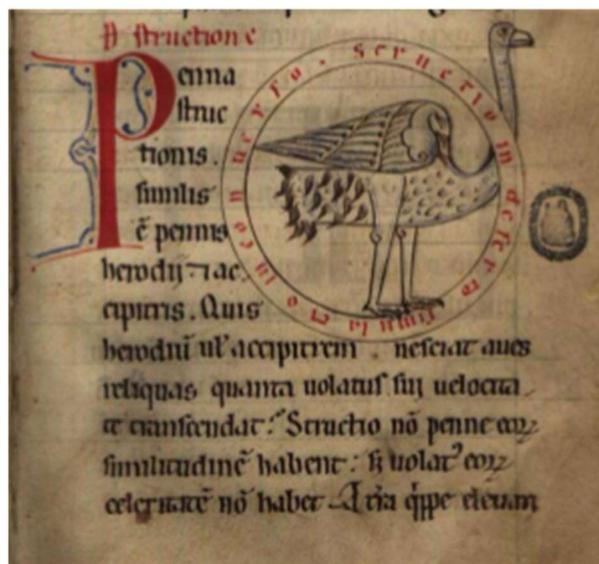
Além das narrativas presentes na *Odisseia* sobre a traição de Ares e Afrodite contra Hefesto, Luciano de Samósata acrescenta um novo desfecho para este mito. Nessa versão, Ares encarrega o jovem Alectrion de acordá-lo cedo e assim evitar que seja flagrado por Hefesto. Porém, um certo dia, Alectrion dorme e o Sol surpreende os amantes na cama, ainda sonolentos. O sol então os denuncia a Hefesto e este resolve providenciar uma rede de malha fina e invisível na qual prende os dois, mantendo-os imóveis, ainda na mesma posição sexual como haviam sido flagrados pelo sol. Como punição, Ares transforma Alectrion em galo, atribuindo-lhe a obrigação de sempre cantar cedo e acordar as pessoas antes do sol. A moral da história diz que o lento atinge o veloz, uma vez que Hefesto, o deus coxo, apanhou Ares, o deus mais rápido dos deuses, por sua má ação. E, como uma má ação nunca atinge um só, Alectrion passa da condição humana à condição animal, servindo aos homens, na condição de despertá-los para a labuta diária.

Como é possível perceber, a imagem do galo atravessa os séculos sendo utilizada como símbolo, pelo qual se ressalta seu papel de anunciante. Hoje, por exemplo, o galo se tornou símbolo do curso de publicidade e propaganda, já que representa o maior comunicador no mundo animal, sendo responsável por despertar todos para o novo dia. Nesse sentido, a maior virtude de um publicitário consiste em anunciar antes dos seus concorrentes.

5.5 A Avestruz

No LA a Avestruz é apresentada no capítulo 42 da segunda parte da obra. O tratado dessa ave inicia no fôlio 81, que divide espaço com a última parte do tratado do Galo, com texto distribuído em uma coluna, título em rubrica e uma abreviação: *D strutione*. A imagem da ave está circundada em arcos com uma frase que define sua alegoria: *Penna strutionis similis est pennis herodii et accipitris* “A pena da avestruz é semelhante às penas do falcão e do gavião” (FOUILLOY, 1992, p. 188). Tais características podem ser visualizadas na figura a seguir.

Figura 8 - A Avestruz



De Strutio. Livro das aves, ANTT. fl.81.

Inicialmente a ave é comparada fisicamente ao falcão e ao gavião, por possuir penas de cor semelhante às destas aves. Em seguida, porém, é dito não ser possível compará-los em relação à rapidez do voo, já que a avestruz sequer pode elevar-se do chão. Assim, embora tenha penas semelhantes às das aves de rapina, não pode voar como tal. A interpretação alegórica desse trecho consiste em afirmar que: “apenas as virtudes sólidas dos eleitos elevam aos ventos do favor humano. Porém, toda ação dos hipócritas, que pareça boa não basta para voar, pois, de fato, o vento do elogio humano vence a pena de mole virtude”¹⁶ (FOUILLOY, 1992, p. 180). Desse modo, estabelece-se uma relação entre um par de paradoxos, representados na avestruz pelo fato da ave ter penas, mas não poder voar e nas ações dos hipócritas, que aparentemente têm boas ações, mas são insuficientes para alçar voo, ou seja para elevar-se espiritualmente.

O autor do LA utiliza-se dessa condição inerente à ave para estabelecer uma relação entre seu comportamento e a hipocrisia. Desse modo, relaciona-a ao comportamento dos fariseus hipócritas, ao afirmar que:

Strutio vero pennae eorum similitudinem habet, sed volatus eorum celeritatem non habet. A terra quippe elevari non valet, et alas quasi ad volatum specie tenuis erigit, sed tamen numquam se a terra volando suspendit. Ita sunt nimirum omnes hypocritae qui dum bonorum vitam simulant, imitationem sanctae visionis habent, sed veritatem sanctae actionis non habent.

Mas a avestruz, embora tenha a semelhança de suas penas, não tem a rapidez de seu

16 Do latim: [...] nisi quod electorum virtutes solidae evolant ut ventos humani favoris premant? Hypocritarum vero actio quamlibet recta videatur volare non sufficit, quia videlicet fluxae virtutis pennam humanae laudis aura pertransit.

voou. De fato, não consegue se elevar do chão. E até ergue as asas como se fosse voar, mas nunca se suspende do chão voando. Assim são, de fato, todos os hipócritas, que, enquanto simulam a vida dos bons, têm uma falsa imagem santa, mas não têm uma verdadeira ação santa (FOUILLOY, 1992, p 188.).

De acordo com essa definição, os fariseus exibem uma coisa na aparência, mas apresentam uma ação divergente, pois simulam uma santidade que não possuem. O peso da ave alude aos pecados seculares que impedem os hipócritas de se erguerem:

Speciem namque phariseorum reprobans Dominus quasi strutionis pennam redarguit, quae in opere aliud exercuit, et in colore aliud ostendit, dicens: "Vae vobis, scribae et pharisaei hypocritae!" Ac si diceret: "Sublevare vos videtur species pennae, sed in infimis vos deprimit pondus vitae".

O Senhor, pois, acusa reprovando a aparência dos fariseus, que, como a pena do avestruz, na ação faz uma coisa e na cor ostenta outra, dizendo tanto: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas!", quanto: "Parece-vos elevar, raça emplumada! Mas no fundo vos deprime o peso da vida". (FOUILLOY, 1992, p 188)

O trecho acima faz referência a uma passagem do capítulo 23 do evangelho de Mateus:

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Limpais por fora o copo e o prato e por dentro estais cheios de roubo e de intemperança. (Mt 23,27-28)

Sobre o comportamento e aspectos físicos da ave, Isidoro, em suas *Etimologias*, corrobora com as informações sobre o fato de que, embora tenha penas, não pode se elevar do chão, bem como enfatiza a negligência da ave em relação a seus ovos:

Struthio Graeco nomine dicitur, quod animal in similitudine avis pinnas habere videtur; tamen de terra altius non elevatur. Ova sua fovere neglegit; sed proiecta tantummodo fotu pulveris animantur.

A avestruz é chamada por um nome grego, pois é entendida como um animal que tem penas com a semelhança de uma ave, porém não se eleva mais alto do chão. Esquece de acalantar seus ovos; mas apenas lançados ao chão são aquecidos" (*Etymologiae*, Livro XII: 7: 20).

Pelo exposto acima, pode-se evidenciar que o conteúdo desse capítulo é predominantemente voltado para a abordagem da negligência da ave com os seus ovos, pois ela, não demonstrando nenhuma preocupação com o desenvolvimento dos filhos, abandona os ovos, deixando para que a terra os aqueça. Sobre essa questão, o tratado encontra correspondência na Bíblia, que diz:

O avestruz bate as asas alegremente, não tem asas nem penas de bondade? Abandona os seus ovos na terra e os deixa aquecer no solo, esquecendo-se que um pé poderá esmagá-los ou que animais selvagens poderão pisá-los. (Jó 39,13-18)

Novamente, o LA recorre à Bíblia para enfatizar a hipocrisia do avestruz metaforizada pelo peso da ave, que a impede de voar:

De hoc pondere per Prophetam dicitur: "Fili hominum, usquequo graves corde?" Huius strutionis conversurum se hypocrisim Dominus pollicetur cum per Prophetam dicitur, "[Glorificabit] me bestia agri, dracones et strutiones. Quid enim draconum nomine nisi in aperto malitiosae mentes exprimuntur, quae per terram semper in infimis repunt cogitationibus? Quid vero per strutionis vocabulum nisi hi qui se bonos simulant designantur, qui sanctitatis vitam, quasi volatus pennam, per speciem retinent, sed per opera non exercent.

Deste peso é dito pelo profeta: "Os filhos dos homens, até os pesados pelo coração, a hipocrisia desta avestruz se converterá". O Senhor promete quando pelo profeta é dito: "[Glorificar-me-á] a fera do campo, áspides e avestruzes!" Por que, então, em nome das áspides, se não às claras as mentes maliciosas se exprimem, que pelo chão sempre se retorcem em mesquinhas cogitações? Por que, porém, pela palavra da avestruz, se não estes que fingem, declaram-se bons, a vida de santidade, como a pena do voo, possuem na aparência, mas não praticam pela ação (FOUILLOY, 1992, p. 188).

Pelo exposto, nota-se que é estabelecida uma relação entre o peso do corpo da avestruz e os homens pesados pelo coração, ou seja, aqueles que estão sobrecarregados de ações profanas. Prossegue a descrição da ave inserindo-a em um contexto ao lado da áspide, a serpente, pois em nome dela se exprimem as mentes maliciosas, que em mesquinhas cogitações se retorcem, assim como a serpente se locomove retorcendo-se no chão. Dessa forma o fato de a avestruz não poder se erguer da terra é alegoricamente relacionado à condição da serpente de rastejar e se retorcer sobre o chão.

Outra questão enfatizada sobre o comportamento da avestruz diz respeito ao seu desinteresse em acalentar os ovos, atitude que permitiria o desenvolvimento ideal e necessário dos filhotes, tornando-os seres alados. Desse trecho se extrai um sentido alegórico que sugere que, assim como os ovos inertes transformam-se em seres alados quando aquecidos, são os pequenos ouvintes, que, se não forem aquecidos pela atenta exortação divina, permanecem frios e insensíveis espiritualmente.

Neste ponto, vale lembrar que, em *As Aves*, a avestruz é mencionada como a Mãe dos deuses e dos homens, e Mãe de Cleócrites. Nesse sentido, é possível citar os seguintes trechos: "...e para a frígila Sabázios, e para a avestruz, grande Mãe dos deuses e dos homens" (*As Aves*, vv.873-874) e "Ó senhora Cibele, a avestruz, Mãe de Cleócrites!" (*As Aves*, vv. 876).

Sánchez e Auroux (2018), em estudo realizado sobre fragmentos de cascas de ovos de avestruz no depósito de Zacatín, observaram que tais fragmentos eram encontrados em necrópoles, sugerindo fazer parte do enxoval do morto. Assim, segundo os autores, as cascas de ovos dessa ave possuem uma função prática em espólios funerários, sendo comparadas a outros objetos, como louças e bijuterias, por exemplo, que eram geralmente sepultados junto

com o falecido que os possuía. Por causa de tal costume, esses objetos recebiam algum significado específico (SÁNCHEZ; AUROUX, 2018, p. 154). Dessa forma, segundo os autores, os ovos de avestruz, utilizados em rituais indígenas para representarem a vida após a morte, assumem uma simbologia associada à vida e ressurreição.

A descrição da avestruz está predominantemente voltada para o efeito negativo a que seu comportamento alude. As penas, atributos que normalmente permitem ao animal alçar voo, não proporcionam tal efeito na avestruz. Esta, que, ao simular o voo, se vê impossibilitada de concretizá-lo. Dessa forma, a atitude da avestruz gera uma interpretação alegórica, remetendo aos hipócritas, que agem de forma contrária ao que realmente são. Além das características já mencionadas, a avestruz também tem o hábito de esquecer os ovos na terra, negligenciando-os e assim pondo em risco a qualidade do desenvolvimento dos filhotes. A alegoria deste trecho consiste no fato de, assim como os ovos da avestruz não são aquecidos se deixados na terra, os pequenos ouvintes permanecem insensíveis se não são acalentados com a providência espiritual.

6. TRADUÇÃO DOS TRATADOS

Nesta seção, apresenta-se o texto dos cinco tratados referentes aos já mencionados capítulos 38 a 42 do LA, respectivamente, os seguintes: o capítulo XXXVIII, *De Pelicano* “Do Pelicano”; o capítulo XXXIX, *De Nycticorace* “Da Gralha Noturna”; o capítulo XL, *De Corvo* “Do Corvo”; o capítulo XLI, *De Gallo* “Do Galo”; e o capítulo XLII, *De Strutio* “Da Avestruz”. O texto aqui apresentado vai em versão bilíngue, em latim, sinalizado basicamente em itálico, e em português, em tipografia normal, sem grifos, com exceção do uso do itálico, que corresponde aos trechos em negrito presentes na versão em língua-fonte. Estes, por sua vez, além de sinalizar a numeração e os títulos dos capítulos, correspondem aos trechos grifados em itálico na versão de Clark (1992), mas que aqui são sinalizados em negrito para diferenciá-los da tipologia inclinada empregada na versão em língua original na subseção 6.3.

Já com relação ao texto em latim, ele é basicamente retirado à versão fornecida pela publicação de Clark (1992). Contudo, nos processos tanto de leitura e tradução quanto no de análise do texto, as imagens digitalizadas do manuscrito foram também constantemente consultadas. As razões disso variam conforme a importância de seus objetivos, indo desde o fato de consistir numa forma a se ter uma maior consciência do texto em torno de suas particularidades, até mesmo à solução de dificuldades que comprometeriam de forma capital os processos de descrição, análise e tradução aqui desenvolvidos. Por outro lado, o texto a ser traduzido guarda certas características, que conseqüentemente exigiram a adoção de diferentes processos pertinentes à prática tradutória.

Sendo assim, adiante são apresentadas três subseções, nas quais se trata basicamente de duas ordens de processos necessários aos procedimentos de tradução. Na primeira, em 6.1, são apresentados exemplos em que se ilustram os procedimentos de consulta ao manuscrito por meio de suas imagens digitalizadas. Na segunda, em 6.2, trata-se dos procedimentos de tradução propriamente ditos. E, por fim, na terceira, em 6.3, é apresentado o texto bilíngue relativo aos tratados acima mencionados, os quais serviram de base a esta pesquisa.

6.1 Consulta ao manuscrito

Sobre a necessidade desse procedimento de consulta direta ao manuscrito, permitida por suas imagens digitalizadas, pode ser mencionado, não só aquele exigido pela descrição e análise das iluminuras feita no decorrer da seção 5, mas também aquele necessário

à solução de dúvidas relativas a certas estranhezas, as quais o texto fornecido por Clark (1992) com não rara frequência apresentava. Assim, como ilustração desse processo de consulta ao manuscrito, necessário à leitura, descrição e análise do texto, é possível citar a decifração do lema *corvus crocitans doctor praedicans*, disposto em formato circular na abertura do capítulo 40, citado em 5.3. Na figura abaixo, é possível conferir em detalhe a dificuldade para sua devida decifração, representada pelas características da imagem.

Figura 9 - Detalhe do lema de “O corvo”



De Corvo. Liber avium. ANTT. Ordem de Cister. Fl. 67.

Na figura acima¹⁷, podemos ver que há duas peculiaridades dignas de nota com relação à dificuldade de decifração. A primeira delas tem a ver com a disposição desagregada dos grafemas relativos a *crocitans* e *doctor*, os quais estão irregularmente agrupados, mais ou menos da seguinte forma:

cro ci t a n s do c tor

A segunda ordem de dificuldade, relativa à decifração deste trecho, tem a ver com a variação na grafia das letras, em especial, de cinco delas, as seguintes: *c*, *r*, *t*, *a* e *n*. Destas, como ilustração, destaca-se em primeiro lugar a grafia da *c*, que, em suas três ocorrências, é grafada duas vezes de forma semelhante, mas representando dificuldade na sua leitura em *crocitans*, porém, embora diferentemente, mas sem representar qualquer dificuldade, em *doctor*. Também há variação na grafia da *r*, que, na primeira palavra, é regularmente grafada,

¹⁷ A imagem foi rotacionada para melhor visualização.

sem representar qualquer dificuldade em sua leitura, mas variando em seu formato no fim da segunda, causando alguma estranheza em seu entendimento. O mesmo vale para as duas ocorrências da letra *t*, nas quais, em sua trave horizontal, é traçada de forma tangencial à ponta superior da barra vertical, em *crocitans*, mas transversalmente cruzada, em *doctor*. Já com relação ao grafema *a*, este se encontra estranhamente grafado, com a trave vertical prolongada para além da curvatura da letra, à semelhança de um *d*.

E, por fim, com relação à letra *n*, na figura abaixo, é possível constatar as diferenças em sua grafia nas duas ocorrências, respectivamente, em *predicans* e *crocitans*.

Figura 10 - Detalhe das letras “n” no lema de “O corvo”



De Corvo. Liber avium. ANTT. Ordem de Cister. Fl. 67.

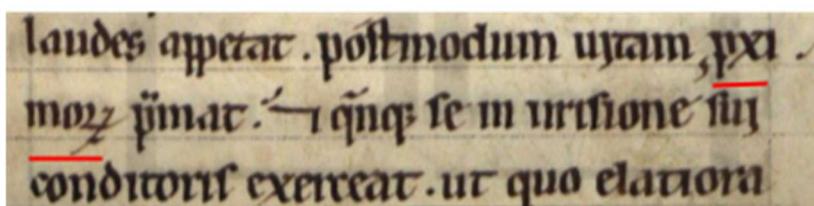
Na figura é possível perceber que há basicamente dois elementos que comprometem a leitura da letra *n*, por estar borrada e irregularmente traçada, com a distância das traves paralelas entre si, proporcionalmente, maior em uma do que na outra. Porém, se comparadas, é possível distingui-las perfeitamente, com ambas apresentando a mesma trave diagonal ligando a ponta superior da barra perpendicular esquerda ao extremo inferior de sua paralela à direita. Assim, quanto a esta série de exemplos, sem a necessária consulta ao manuscrito, permitida pela imagem digitalizada de seus fôlios, não só a decifração estaria comprometida, como consequentemente a plena tradução deste trecho estaria virtualmente impossibilitada¹⁸. Já com relação ao processo de tradução propriamente dito, embora seja possível citar vários problemas que o texto original apresenta, será dado pelo menos um exemplo para ilustrar essa dimensão do processo tradutório aqui desenvolvido.

É o caso de ser citada a estranha decisão da autora Clark (1992) de substituir o adjetivo *proximorum* pelo também adjetivo *christianorum*, em sentença pertencente ao tratado

18 Somente após finalizada esta série de comentários, foi lembrado que, entre as páginas 261 e 266, Clark (1992) oferece um apêndice intitulado *Diagram texts and illustration inscriptions*, com um levantamento esquematizado dos títulos dos capítulos e suas respectivas ilustrações, no qual é possível encontrar a transcrição do lema *Corvus crocitans, doctor praedicans*, traduzido pela autora como *The raven cawing is the teacher preaching*. Contudo, diante das considerações baseadas nas justificativas aqui construídas, não foi verificado qualquer motivo para omiti-las, razão pela qual foram integralmente conservadas.

da avestruz: *Eat ergo hypocrita et nunc suas laudes appetat, postmodum vitam Christianorum premat*. A sentença encontra-se na porção final do capítulo e pode ser traduzida da seguinte forma: “Assim age o hipócrita que antes quer seus louvores, depois que oprime a vida dos cristãos”. A estranheza com relação à escolha da autora se expressa, principalmente, por duas razões. A primeira é a evidência de que o termo realmente apresentado no manuscrito, sem a menor sombra de dúvida quanto à sua grafia, é o segmento *proximorum*, cuja forma, marcada em vermelho, é reconhecível na figura abaixo.

Figura 11 - Detalhe de *proximorum*



De Strutio. Liber avium. ANTT. Ordem de Cister. Fl. 93.

Além disso, apesar de que o termo esteja registrado em sua forma abreviada, a grafia, porém, não permite qualquer equívoco quanto ao reconhecimento da forma do adjetivo *proximorum*. O segundo motivo, para ser considerada estranha a decisão da autora pela substituição de um termo por outro, encontra-se na sua ocorrência, pois, se por um lado o adjetivo *christianus* não ocorre em nenhum ponto do capítulo, por outro lado o adjetivo *proximus*, além desta, ocorre outras três vezes, justamente nesta parte final do capítulo, duas vezes como *proximum* e uma como *proximo*. Mais do que isso, demonstrando ser categórica a sua escolha, pois é afirmado ser o termo *proximorum* recorrente em vários manuscritos, os quais configuram o conjunto “ABBrlPT” (CLARK, 1992, p. 198), como a própria autora em nota admite. É graças a estas razões, que, embora o termo *christianorum* tenha sido mantido no texto em latim aqui apresentado, em sua tradução, foi retomado o sentido relativo ao termo *proximorum*.

6.2 Procedimentos tradutórios

O autor do primeiro comentário conceitual, do qual se tem notícia a respeito do processo de tradução, é costumeiramente mencionado Cícero, que, segundo Barbosa (1990), “foi pioneiro em defender a fidelidade ao conteúdo em detrimento da forma” (BARBOSA, 1990, p. 13). Isso é o mesmo que dizer que o maior orador da Antiga Roma advogava por uma tradução fiel a palavras quanto aos seus significados, ou melhor, quanto aos efeitos de sentido

construídos no texto. De fato, em passagem retirada do quinto capítulo de sua obra *De optimo genere oratorum*, Cícero diz com todas as letras que, em sua tradução dos discursos opostos entre si de Ésquines e Demóstenes, procedeu não *ut interpres sed ut orator* “como intérprete, mas como orador”. Segundo, portanto, suas próprias palavras, ele traduziu:

enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; nec converti ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi.

pois, dentre os Áticos, dos dois mais eloquentes os mais famosos discursos, contrários entre si, de Ésquines e Demóstenes. Porém não traduzi como intérprete, mas como orador, pelas mesmas opiniões e esquemas deles bem como pelas expressões, com palavras segundo nosso entendimento, nos quais, não palavra por palavra tive necessidade de verter, mas a classe de cada uma das palavras e o sentido preservei.

Destas considerações de Cícero, é possível entender que seus procedimentos se pautavam menos em critérios de *fidelidade* e *liberdade* do que quanto em termos de *estrangeirização* e *domesticação*. Primeiro, porque seu objetivo como tradutor era o de adequação e efeito de sentido junto ao público. Segundo, porque, embora sua prática aparentemente se incline mais para um processo de domesticação do que de estrangeirização, é igualmente manifesta uma preocupação em produzir uma espécie de meio termo entre estes processos. Por um lado, porque, ao mesmo tempo que busca reproduzir, embora contrárias entre si (*inter seque contrarias*), as mesmas opiniões (*sententiis isdem*), disposição de argumentos (*earum formis*) e traços estilísticos (*figuris*), por outro, tenta fazer corresponder, no texto de chegada, os mesmos valores morfossintáticos e semânticos das palavras articulados no texto de partida.

Mas para finalizar este comentário a respeito de Cícero, quanto à sua forma de traduzir, não *ut interpres sed ut orator*, parece ser possível de algum modo relacionar sua reflexão sobre o processo tradutório ao que Paulo Henriques Britto (2012) chama de *efeito de literariedade*. Realmente, quanto ao objetivo da prática tradutória, segundo este autor:

Não se trata, portanto, de produzir um texto que apenas contenha as mesmas informações que o original, trata-se, sim, de produzir um texto que provoque no leitor um *efeito de literariedade* - um efeito estético, portanto - de tal modo análogo ao produzido pelo original que o leitor da tradução possa afirmar, sem mentir, que leu o original. (BRITTO, 2012, p. 50)

Como é possível perceber, se, por um lado, Cícero pensa num efeito sobre o leitor, por outro, apesar da clara preocupação estilística manifesta em sua reflexão, dela está afastado - em alguma medida, mas não de todo -, o elemento essencialmente literário, base do comentário de Britto. E é exatamente a este ponto, relativo à dimensão literária, que estas considerações

iniciais sobre o processo tradutório aqui desenvolvido deveriam chegar. A razão disso é que houve, senão nenhuma, pelo menos não se constituiu em preocupação orientadora dos procedimentos aqui empregados para com os aspectos estilísticos de natureza literária na elaboração do texto traduzido.

Por outro lado, a prática da tradução, como é possível perceber, é extremamente exigente e complexa, não apenas em termos teóricos, cujo desenvolvimento vem desde a antiguidade, manifesto em sua prática cotidiana embora com esparsos comentários como este de Cícero, até o desenvolvimento de pesquisas e o estabelecimento de cursos superiores nos tempos atuais. Mas também, porque, justamente por conta de sua complexidade conceitual, tem sido proposto um conjunto de numerosos procedimentos técnicos, cujo objetivo consiste em orientar a prática tradutória. Como exemplo desta profunda complexidade do processo de tradução, resultado de sua pesquisa sobre cinco modelos teóricos - respectivamente, os de Vinay e Darbelnet, Nida, Catford, Vázquez-Ayora e Newmark -, vale observar o conjunto de 13 procedimentos técnicos proposto por Barbosa (1990), os seguintes: a tradução *palavra-por-palavra*, a tradução *literal*, a *transposição*, a *modulação*, a *equivalência*, a *omissão* vs. a *explicitação*, a *compensação*, a *reconstrução de períodos*, as *melhorias*, a *transferência*, a *explicação*, o *decalque* e a *adaptação*.

No entanto, apesar do rigor desta proposta, mas também diante da inequívoca complexidade representada por tal modelo, os parâmetros aqui adotados foram bem menos ambiciosos. E a razão disso é o fato de que o texto de chegada teve como propósito principal o de atender ao objetivo de elaborar um texto básico, de caráter operatório, de modo a permitir o melhor possível as análises aqui elaboradas. Preocupação esta que, todavia, não deve estar totalmente fora do escopo de uma futura etapa desta pesquisa, mas que deve ser mantida em perspectiva para posteriores desenvolvimentos. Muito embora, isso também não queira dizer que a elaboração do texto-meta não tenha atendido a determinados critérios de natureza objetiva previamente estabelecidos.

Nesse sentido, não é difícil perceber que muitas traduções de textos antigos, em especial os escritos originalmente em latim, frequentemente resultam em textos de chegada comparativamente mais longos do que os de partida. Diferentemente do grego antigo, que, embora tenha artigos definidos, é justamente por meio de sua ausência uma das formas de expressar o sentido de indefinição próprio do artigo¹⁹. O latim, por outro lado, é desprovido

19 Segundo Kühner: *The substantive without the article represents the idea in a merely general and indefinite manner, without any limitation; e. g. ἄνθρωπος, man, i.e. an individual or some one of the race of men* “O

tanto de artigos indefinidos quanto de definidos. Além disso, a língua latina é considerada uma língua sintética, caracterizando-se, por exemplo, por expressar a voz passiva, em tempos verbais do *infectum*, por meio de morfemas sufixais, como em *amo/amor* “amo/sou amado”, *habebas/habebaris* “tinha/era tido” e *partietis/partiemini* “dividireis/sereis dividido”. Como se pode ver, a consequência mais natural dessa característica é que, no processo de tradução, um maior número de palavras é empregado para construir determinados sentidos na língua de chegada, sejam os de definição e indefinição com a adição de artigos, sejam os de passividade verbal por meio do verbo auxiliar associado ao participípio, no caso da língua latina.

Diante dessa realidade, enquanto forma de tentar dimensionar essa tendência natural de se produzir textos de chegada mais extensos que o de partida, a principal estratégia foi a de se utilizar ao máximo dos recursos de síntese disponíveis em língua portuguesa. Uma destas estratégias, por exemplo, foi a de se tentar reproduzir, na medida do possível, em português, as mesmas estruturas oracionais reduzidas infinitivas e participiais. Além disso, sempre que houvesse a oportunidade, a escolha das palavras geralmente foi pautada pela eleição de termos mais curtos em comparação com seus correspondentes contextuais. Como exemplo desse procedimento, pode ser citado o caso do advérbio de lugar *unde* “de onde”, muito empregado no texto de partida, mas frequentemente introduzindo outras relações lógicas, como as de consequência, ou de causa e/ou de conclusão. Nestes pontos, nossa escolha recaiu quase que invariavelmente sobre a contração *dai*, na tentativa de reproduzir os sentidos articulados no texto de partida, ao mesmo tempo, valendo-se de um termo com poucos caracteres, como estratégia de compensar a diferença de extensão entre os textos de partida e de chegada.

6.3 O texto bilíngue dos tratados

CAPUT XXXVIII

DE PELICANO

Similis factus sum pelicano solitudinis.

Pelicanus est Aegyptia avis, habitans in solitudine Nili fluminis. Haec avis fertur rostro pullos occidere, et per tres dies super eos flere. Post tres dies seipsam rostro percutit, et

substantivo sem o artigo representa a ideia de uma forma meramente geral e indefinida, sem qualquer limitação; ex.: ἄνθρωπος, ‘homem’, isto é, um indivíduo ou alguém da raça dos homens”. (KÜHNER, 1848, p. 185).

suo sanguine pullos aspergit. Et sic quos prius occiderat, asperso sanguine vivificando sanat. Mystice pelicanus significat Christum, Aegyptus mundum. Pelicanus habitat in solitudine quia Christus solus de virgine dignatus est nasci sine viri copulatione. Est etiam solitudo pelicani quod immunis est a peccato vita Christi.

Haec avis rostro pullos suos occidit quia verbo praedicationis incredulos convertit. Super pullos suos flere non desinit, quia Christus cum resuscitaret Lazarum misericorditer fleuit. Et sic post tres dies sanguine suo pullos vivificat, quia Christus proprio sanguine suo redemptos salvat. Moraliter autem per pelicanum intellegere possumus non quemlibet iustum, sed a carnali voluptate longe remotum; per Aegyptum vitam nostram ignorantiae tenebris involutam, Aegyptus enim “tenebrae” interpretatur. In Aegypto igitur solitudinem facimus dum a curis et voluptatibus saeculi longe sumus. Sic et iustus in civitate solitudinem facit dum se immunem, in quantum humana natura patitur, a peccato custodit.

*Rostro pelicanus pullos suos occidit, quia iustus cogitationes et opera quae male gessit ore proprio iudicat et confundit, dicens, **Confitebor adversum me iniustitiam meam Domino: et tu remisisti impietatem peccati mei.** Super eos triduo deflet, quia quicquid cogitatione, locutione et opere male gesserit lacrimis deleri docet. Et sic pullos suos asperso sanguine vivificat dum carnis et sanguinis opera minuit, et actus spirituales bene vivendo servat.*

Huius etiam volucris natura talis dicitur esse quod semper afficitur macie, et quicquid glutit cito digerit, quia venter eius nullum habet diverticulum in quo retineat cibum. Non igitur cibis ille corpus impingat, sed tantum sustinet et confortat. Huic siquidem pelicano eremitae vita fit similis, qui parvo pascitur, nec quaerit repletionem ventris, qui non vivit ut comedat, sed comedit ut vivat.

CAPÍTULO 38

DO PELICANO

Tornei-me como um pelicano do deserto.

O pelicano é uma ave egípcia, vivendo na solidão do rio Nilo. Esta ave leva no bico as crias para matar e chorar por elas por três dias. Após três dias, fere-se com o bico e asperge as crias com seu sangue. E, assim, aos que antes matara, cura vivificando pelo sangue asperso. Misticamente, o pelicano significa Cristo, e o Egito, o mundo. O pelicano vive em solidão, pois só Cristo foi digno de nascer de virgem, sem cópula de homem. Tal é a solidão do pelicano, pois é livre de pecado a vida de Cristo.

Esta ave mata com o bico suas crias, pois converte os incrédulos com o verbo da pregação. Não para de chorar sobre as crias, pois Cristo, para Lázaro reviver, chorou piedosamente. E, assim, após três dias, vivifica com sangue suas crias, pois Cristo com seu próprio sangue salva os redimidos. Moralmente, porém, pelo pelicano podemos entender não todo justo, mas o que está longe da volúpia carnal. Pelo Egito, nossa vida, envolta pelas trevas da ignorância, pois, pelo Egito, entende-se trevas. No Egito, portanto, ficamos em solidão, enquanto estamos longe das questões e ambições do século. Assim também o justo na cidade fica em solidão, que, enquanto a natureza humana aguenta, mantém-se livre de pecado.

Com o bico, o pelicano mata suas crias, pois, com pensamentos e atos, o justo age mal, com sua boca julga e confunde, dizendo: “Confessarei, Senhor, minha injustiça e tu perdoaste a impiedade de meu pecado”. Por três dias, chora-os, pois quem, em pensamento, palavra e ato, agir mal, ensina, pelas lágrimas, a morrer. E assim, vivifica suas crias pelo sangue asperso, enquanto a obra de carne e sangue diminui e, bem vivendo, guarda a obra espiritual. Tal também é a natureza desta ave, pois se diz sempre ser afetada de magreza. E o que come logo digere, pois, o ventre dela não tem onde reter o alimento. A comida, por isso, não engorda o corpo, mas apenas sustém e satisfaz. Se quem a este pelicano eremita a vida tornar parecida, que come pouco nem quer encher a barriga: que não vive para comer, mas come para viver.

CAPUT XXXIX

DE NYCTICORACE

Factus sum sicut nycticorax in domicilio.

*Nycticorax est avis quae amat tenebras noctis. In parietinis habitat, quia in ruinis maceriarum quae sunt sine tecto domicilium servat. Lucem refugit; in nocte volitans cibos quaerit. Mystice nycticorax Christum significat qui noctis tenebras amat, quia **non vult mortem peccatoris, sed ut convertatur et vivat.** Ita enim Deus Pater dilexit mundum ut pro redemptione mundi morti traderet filium. Quod autem peccatores tenebrae vocentur, Apostolus testatur, dicens, **Fuistis aliquando tenebrae, nunc autem lux in Domino.***

*Habitat nycticorax in ruinis parietum, quia Christus nasci voluit de populo ludeorum. **Non sum missus, inquit, nisi ad oves quae perierunt domus Israel.** Sed Christus opprimitur a ruinis, quia occiditur a Iudeis. Lucem refugit, quia vanam gloriam detestatur et odit. Cum enim leprosum curaret, ut nobis exemplum humilitatis daret ait leproso. **Vide nemini dixeris.** De hac luce dicitur, **Auferetur ab impiis lux sua, id est, praesentis vitae gloria.** Ipse*

autem est lux inaccessibilis quae illuminat omnem hominem. Lux igitur Christi refugit lucem, id est, veritas mundanae gloriae vanitatem. In nocte volitans escas quaerit, quia peccatores in corpus ecclesiae praedicando convertit.

*Moraliter autem nycticorax non quemlibet iustum nobis innuit, sed eum qui inter homines degens ab intuitu hominum se in quantum potuit abscondit. Lucem refugit, quia humanae laudis gloriam non attendit. De qua luce dicitur, **Nonne lux impii extinguetur, nec splendet flamma ignis eius?** Lucem dicit praesentis vitae prosperitatem. Sed lux impii extinguitur, quia fugitivae vitae prosperitas cum ipsa terminatur. Nec splendet flamma ignis eius. Ignem dicit temporalium desideriorum fervorem. Cuius flamma est decor vel potestas exterior, quae de intemo eius ardore procedit. Sed non splendet, quia in die exitus omnis exterior decor et potestas peribit.*

In nocte vigilat, dum peccatorum tenebras attendens eorum errores vitat. Habitat in ruinis parietum, dum mundi defectum considerat et expectat occasum. Escam in nocte quaerit, quia peccantium vitam recogitans de exemplis iustorum mentem pascit.

CAPÍTULO 39

DA GRALHA NOTURNA

Tornei-me tal uma gralha noturna em casa.

A gralha noturna é uma ave que ama as trevas da noite. Vive nas ruínas, pois vigia a casa nas bordas das paredes sem teto. Foge à luz, à noite voando, busca comida. Misticamente, a gralha noturna significa Cristo, que ama as trevas da noite, pois *não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva*. Assim, pois, Deus Pai preferiu o mundo, para que, pela redenção de um mundo morto, ofereceu o filho. Porém, por isso, os pecadores são chamados de trevas. O apóstolo confirma dizendo: “Fostes trevas, mas já sois luz no Senhor”.

A gralha noturna vive nas ruínas das paredes, pois Cristo quis nascer do povo judeu. Disse ele: “Não fui enviado senão pelas ovelhas que pereceram, Casa de Israel”. Mas Cristo é cercado pelas ruínas, pois foi morto pelos judeus. Foge à luz, pois a glória vã acusa e odeia. Quando, pois, curou o leproso, para nos dar exemplo de humildade, disse-lhe: “Olha, a ninguém dirás”. Desta luz se diz: “Virá dos ímpios sua luz”. Isto é, a glória da vida presente. Mas ele mesmo é luz inacessível, que ilumina todo homem. Por isso, a luz de Cristo foge à luz, como a verdade, à vanidade da glória mundana. Voando à noite, busca comida, pois, pregando, traz os pecadores para o corpo da igreja.

Mas, moralmente, a gralha noturna não nos remete a qualquer justo, mas ao que, vivendo entre os homens, ocultou-se deles, o quanto pôde. Foge à luz, porque não atende à glória do elogio humano. Luz da qual se diz: “A luz do ímpio se extinguirá e a chama de seu fogo não brilhará?” Diz: “A luz da prosperidade da vida presente.” “Mas a luz do ímpio se extingue, pois a prosperidade da vida fugaz acaba por si mesma e a chama de seu fogo não brilhará.” Diz: “O fogo do fervor dos desejos temporais, cuja chama é ornato, ou poder exterior, que vem de seu ardor interno. Mas não brilhará, pois, de dia, findo todo ornato exterior e poder, perecerá.

À noite, vigia, enquanto, atento às trevas dos pecados, evita seus erros. Vive nas ruínas das paredes, enquanto pensa nas falhas do mundo e observa o ocaso. À noite, busca comida, pois, pensando na vida dos que pecam, nutre de exemplos a mente dos justos.

CAPUT XL

DE CORVO

Corvus in Divina Pagina diversis modis accipitur, ut per corvum aliquando praedicator, aliquando peccator, aliquando Diabolus intellegatur. Isidorus in Libro Etymologiarum dicit quod corvus prius in cadaveribus oculum petit. Corvus est Diabolus, qui in cadaveribus prius oculum petit, quia in carnalibus intellectum discretionis extinguit, et sic per oculum extrahit cerebrum. Per oculum cerebrum extrahit, quia extincto discretionis intellectu sensum mentis evertit.

Iterum per corvum quilibet peccator intellegitur qui quasi peccatorum plumis nigrescentibus vestitur. Sunt autem quidam peccatores qui de misericordia Dei desperant. Sunt et alii qui adhuc ut religiosorum precibus adiuventur exorant. De quibus dicitur, corvi paverunt Heliam. Per corvos igitur peccatores intellegi volunt, qui de sua substantia religiosos pascunt, illos enim Helias significat quos locus et habitus religionis occultat.

Sunt autem alii qui desperant, terrenis inhiant, cum intus deberent esse, foras spectant. De quibus Scriptura dicit, corvus ad archam non rediit, quia forsan aquis diluvii interceptus periit; vel cadaveribus inventis forsitan supersedit. Similiter peccator qui carnalibus desideriis foras pascitur, quasi corvus qui ad archam non rediit, curis exterioribus detinetur.

*Sed et in bona significatione corvus accipitur, ut per corvum quilibet doctus praedicator intellegatur. Unde per beatum Iob dicitur, **Quis praeparat corvo escam suam***

quando pulli eius ad Deum clamant vagantes, eo quod non habeant cibos? “Corvus,” sicut ait beatus Gregorius, “est quisque praedicator doctus qui magna voce clamat dum peccatorum suorum memoriam quasi quendam coloris nigredinem portat. Cui nascuntur in fide discipuli, sed fortasse adhuc considerare infirmitatem propriam nesciunt, fortasse a peccatis praeteritis memoriam avertunt, et per hoc eam quam assumi oportet contra huius mundi gloriam humilitatis nigredinem non ostendunt.

“Hi velut ad accipiendas escas os aperiunt cum doceri de secretis sublimibus quaerunt, sed eis doctor suos alimenta praedicatorum sublimium tanto minus tribuit, quanto illos peccata praeterita minus digne deflere cognoscit. Expectat quippe atque admonet ut a nitore vitae praesentis prius per poenitentiae lamenta nigrescant, et tunc demum congrua praedicationis subtilissimae nutrimenta percipiant. Corvus in pullis ora inhiantia respicit, sed ante in eis pennarum nigredine indui corpus quaerit, et discretus doctor interna mysteria eorum sensibus non ministrat quos adhuc ab hoc saeculo nequaquam se abiecisse considerat. Et quo se a temporali gloria non evacuant, eo a spiritali refectione ieiunant. Eisque hiantibus in ore cibum revocat dum ex ea intellegentia quam ceperit esurientibus discipulis alimenta vitae loquendo subministrat. Quos tanto ardentius de superioribus reficit, quanto verius a mundi nitore nigrescere poenitentiae lamentatione cognoscit. Pulli autem dum nigro se pennarum colore vestiunt de se etiam volatum promittunt, quia cum magis discipuli abiecta de se sentiunt, quo magis sese despicientes affligunt, eo amplius spem provectus sui in altiora pollicentur. Unde et curat doctor festinantius alere quos iam per quaedam indicia providet post se aliis prodesse.

*“Quae doctrinae discretio dum caute a praedicatore custoditur, ei Divinitus largior copia praedicationis datur. Dum enim per caritatem compati afflictis discipulis novit, dum per discretionem congruum doctrinae tempus intellegit, ipse non solum pro se, sed etiam pro eis quibus laboris sui studia impendit, maiora intellegentiae munera percipit. Unde apte dicitur, **Quis praeparat corvo escam suam quando pulli eius ad Deum clamant, vagantes eo quod non habeant cibos?** Cum enim pulli ut satientur clamant, corvo esca praeparatur, quia dum verbum Dei boni auditores esuriunt, pro reficiendis eis maiora doctoribus intellegentiae dona tribuuntur.*

*“Cuius pulli, id est, praedicatores ex eo editi non in se praesumunt, sed in viribus Redemptoris sui. Unde bene dicitur, ... **quando pulli eius ad Deum clamant, nihil enim sua virtute posse se sciunt, et quamvis animarum lucra piis vocibus esuriant, ab Illo tamen qui cuncta intrinsecus operatur haec fieri exoptant. Vera enim fide comprehendunt, quia neque qui plantat est aliquid, neque qui rigat, sed qui incrementum dat.** Quod vero dictum est, ...*

vagantes eo quod non habeant cibos, in hac vagatione nil aliud quam aestuantium praedicatorum vota signantur, qui dum in ecclesiae sinum recipere populos ambiunt, magno ardore succensi, nunc ad hos, nunc ad illos colligendo desiderium mittunt. Quasi quaedam quippe vagatio est ipsa cogitationis aestuatio. Et velut ad loca varia mutatis nutibus transeunt, dum pro adunandis animabus in modos innumeros, in partes diversas esurienti mente discurrunt.

Potest haec auctoritas aliter exponi, ut per corvum quidam ecclesiarum praelati intellegantur, peccatorum fuligine nigri. Qui non tantum escam suam sibi parant, sed etiam praeparant ut prae ceteris delicatius vivant. Quorum pulli sunt eorum discipuli, qui ad Deum clamant et tamen murmurant, quod eorum magistri in cibum delicatiora sumant. Vagantes a claustris exeunt, et sic abundantiam victualium sibi quaerunt. Sunt et alii maiores corvi, potestate maiores, dignitate sublimes, qui quandoque populos in ecclesiis congregant, ieiunia praedicant; ipsi tamen in diebus ieiuniorum carnes edunt, et sic simplices scandalizant et offendunt. Inde populi vagantes mente dubitant utrum praelati, qui ieiunia docent, ea populis prodesse credant.

Et hoc ad praesens de corvo sufficiat, donec aliquis de eo potiora dicat.

CAPÍTULO 40

DO CORVO

Na Página Divina, o corvo é tomado de diversas formas, de modo que, pelo corvo, entenda-se ora o pregador, ora o pecador, ora o Diabo. Isidoro, no *Livro das Etimologias*, diz por que o corvo nos cadáveres primeiro ataca o olho. O corvo é o Diabo, que nos cadáveres primeiro ataca o olho, porque nos carnavais extingue o senso de discernimento, e assim pelo olho extrai o cérebro. Pelo olho extrai o cérebro, pois, extinto o senso de discernimento, inverte o sentido da mente.

Também, pelo corvo, tem-se todo pecador que também se vista com as negras plumas dos pecados. Há, porém, pecadores que duvidam da misericórdia de Deus e há outros que até rogam para serem ajudados pelas preces dos religiosos. Destes se diz: “Os corvos alimentaram Elias”. Pelos corvos, portanto, os pecadores querem ser entendidos, aos quais os religiosos nutrem com sua essência. Eles, pois, Elias representa, aos quais oculta o lugar e o hábito da religião.

Mas há outros, que duvidam, desejam coisas terrenas, quando deveriam estar

dentro, olham de fora. Destes a Escritura diz: “O corvo não voltou para a Arca, porque talvez morreu preso nas águas do dilúvio ou talvez pousou nos corpos encontrados. Como o pecador, que por fora se nutre dos desejos carnisais, como o corvo que não voltou à arca, detém-se nos problemas externos.

Mas o corvo também é tomado no bom sentido, de modo que pelo corvo um sábio pregador seja entendido. Daí pelo santo Jó se dizer: “Quem dá sua comida ao corvo quando seus filhotes vagando clamam a Deus sem alimento?” “O corvo”, como diz São Gregório, “é todo sábio pregador que discursa enquanto leva a memória de seus pecados como algo negro de cor. Para quem os discípulos se convertem, mas talvez até nem sabem considerar a própria insegurança. Talvez dos antigos pecados desviam a memória, e, por isto, convém ser assumida, a qual, contra a glória deste mundo, não ostentam o negror da humildade.

Ou, como estes, abrem a boca ao receber comida, quando procuram ser ensinados sobre os segredos sublimes, mas seu sábio tanto não lhes oferece os alimentos das sublimes pregações quanto não lhes sabe chorar dignamente os antigos pecados. De fato, acolhe e aconselha, para que, do fulgor da vida presente, primeiro, enegreçam pelos lamentos da penitência e enfim tenham a dieta adequada da mais sutil pregação. O corvo vê nos filhotes a boca faminta, mas antes espera neles o corpo cobrir-se do negro das penas, e o cuidadoso doutor os internos mistérios não lhes provém aos sentidos, os quais, até deste século jamais considera ter se abtido. E, como da glória temporal não se livram, por isso jejuam da refeição espiritual. E devolve na boca dos esfomeados o que tira do entendimento, dizendo servir aos famintos discípulos o alimento da vida. A estes tanto mais ardente nutriu de coisas celestes, quanto mais verdadeiro sabe, pelo fulgor do mundo, enegrecer com os lamentos da penitência. Mas as crias, quando se vestem com o negror das penas, até ameaçam voar, pois como mais os discípulos se sentem rejeitados, mais se afligem temendo, por isso mais firmes em seu avanço lançam-se às alturas. E daí logo cuida o doutor de nutrir os que, já por certos sinais, percebe outros ajudar, depois de si.

Por que o discernimento da doutrina, enquanto, com cuidado é guardado pelo pregador, a ele tamanha pregação é divinamente dada? Porque, enquanto soube pela caridade sofrer com os aflitos discípulos, enquanto pelo discernimento entendeu ele mesmo o tempo próprio à doutrina – não só por si, mas até pelos que dedicou seu esforço –, obtém maiores prêmios do estudo. Daí com razão se dizer: “Quem ao corvo dá sua comida, quando suas crias clamam errantes a Deus, pois não têm alimentos?” Porque quando as crias pedem comida, ela é dada ao corvo, pois enquanto os bons ouvem famintos a palavra de Deus pelos que se fartam, maiores dons do saber são dados aos doutos.

Que crias, isto é, pregadores, que, assim criados, não creem antes em si, mas no poder de seu redentor? Daí bem se dizer que *suas crias clamam a Deus*, porque sabem nada deles obter. E, contudo, com as pias vozes das almas, anseiam o lucro, mas dele, que em si tudo produz. Isto querem fazer, porque entendem com fé verdadeira, pois, *não é algo que alguém planta ou rega, mas que faz crescer*. Por isso é dito, *que os errantes não têm comida*. Nesta errância nada além dos votos de fervorosos pregadores lhes são ensinados, os quais buscam acolher os povos no seio da igreja, incendiando-se de grande ardor, ora a uns ora a outros, enviam o desejo de arrebanhar. De fato, assim como uma errância é o próprio ardor do pensamento, vão a vários locais por muitas direções, quando pelas almas a recolher correm de incontáveis formas por diversas partes da mente faminta.

Esta autoridade pode ser mostrada de outro modo, de forma que, pelo corvo, entendam-se quaisquer prelados das igrejas, que, negros pela tigna dos pecados, não só fazem para si a comida, mas também para que antes passem melhor que os outros. Suas crias são seus discípulos, que clamam a Deus, porém murmuram que os mestres pegam as melhores comidas. Saem errantes dos claustros e assim buscam para si abundância de provisões. E há outros, corvos maiores, maiores em poder, sublimes em dignidade, que quando juntam o povo nas igrejas predicam jejuns, mas, em dia de jejum, eles mesmos comem carne. E assim escandalizam e ofendem os simples. Daí, povos errantes intimamente duvidam de qualquer prelado, que, ensinando jejum, creia isso favorecer os povos.

E isto por ora basta sobre o corvo, até que outro diga mais dele.

CAPUT XLI

DE GALLO

Quis dedit gallo intellegentiam?

De gallo quaeritur a quo ei intellegentia tribuatur. Sed haec quaestio cito solvitur si beatus Gregorius loquens in Moralibus audiatur. "Intellegentiam," sicut ait beatus Gregorius, "gallus accipit ut prius nocturni temporis horas discutiat et tunc demum vocem excitationis emittat, quia videlicet sanctus quisque praedicator prius in auditoribus suis qualitatem vitae considerat, et tunc demum ad erudiendum congruam vocem praedicationis format. Quasi enim horas noctis discernere est peccatorum merita diiudicare. Quasi horas noctis discernere est actionum tenebras apta increpationis voce corripere. Gallo itaque intellegentia desuper tribuitur, quia doctori veritatis discretionis virtus ut noverit quibus quid

quando vel quomodo inferat divinitus ministratur. Non enim una eademque cunctis exhortatio convenit, quia nec cunctos par morum qualitas astringit. Saepe autem aliis officiunt, quae aliis prosunt. Nam et plerumque herbae quae haec animalia reficiunt, alia occidunt; et lenis sibilus equos mitigat, catulos instigat; et medicamentum quod hunc morbum imminuit, alteri vires iungit; et panis qui vitam fortium roborat, parvulorum necat. Pro qualitate igitur audientium formari debet sermo doctorum, ut ad sua singulis congruat et tamen a communis aedificationis arte numquam recedat. Quid enim sunt intentae mentes auditorum nisi quasi quaedam in cythera tensiones stratae chordarum? Quas tangendi artifex ut non sibimetipsi dissimile canticum faciant, dissimiliter pulsat, et idcirco chordae consonam modulationem reddunt, quia uno quidem plectro, sed non uno impulsu feriuntur. Unde et doctor quisque ut in una cunctos virtute caritatis aedificet, ex una doctrina, non una eademque exhortatione tangere corda audientium debet.

“Habemus vero aliud quod de galli huius intelligentia considerare debeamus, quia profundioribus horis noctis valentiores ac productiores edere cantus solet; cum vero matutinum iam tempus appropinquat leniores ac minutiores omnimodo voces format. In quibus galli huius intelligentia quid nobis innuat considerata praedicatorum discretio demonstrat. qui cum adhuc iniquis mentibus praedicant altis et magnis vocibus aeterni iudicii terrores intimant, quia videlicet et quasi in profundae noctis tenebris clamant. Cum vero iam auditorum suorum cordibus veritatis lucem adesse cognoscunt, clamoris sui magnitudinem in levitatem dulcedinis vertunt, et non tam illa quae sunt de poenis terribilia quam ea quae sunt blanda de praemiis proferunt. Qui etiam minutis tunc vocibus cantant, quia propinquante mane subtilitate quadam quaeque de mysteriis praedicant, ut sequaces sui eo minutiora quaeque de caelestibus audiant quo luci veritatis appropinquant.

*“Et quos dormientes longus galli clamor excitaverat, vigilantes succisior delectat, quatenus correcto cuilibet cognoscere de Regno subtiliter dulcia liberat, qui prius de iudicio adversa formidabat. Quod bene per Moysen exprimitur cum ad perducendum exercitum tubae clangere concisus iubentur. Scriptum namque est, **Fac tibi duas tubas argenteas ductiles.** Et paulo post, **Cum concisus clangor increpuerit, movebuntur castra.** Per duas enim tubas exercitus ducitur, quia per duo praecepta caritatis ad procinctum fidei populus vocatur. Quae idcirco argenteae fieri praecipiuntur, ut praedicatorum verba lucis nitore pateant, et auditorum mentem nulla sui obscuritate confundant. Idcirco autem ductiles, quia necesse est ut hi qui venturam vitam praedicant tribulationum praesentium tusionibus crescant. Bene autem dicitur, **Cum concisus clangor increpuerit movebuntur castra,** quia nimirum praedicationis sermo cum subtilius ac minutius agitur, auditorum corda contra temptationum certamina*

*ardentius excitantur. “Est adhuc aliud in gallo intuendum sollerter, quia cum iam edere cantum parat, prius alas excutit, et semetipsum feriens vigilantiores reddit. Quod patenter cernimus si sanctorum praedicatorum vitam vigilanter videmus. Ipsi quippe cum verba praedicationis movent prius se in Sanctis actionibus exercent, ne in semetipsis torpentes opere, alios excitent voce. Sed ante se per sublimia facta excutiunt, et tunc ad bene agendum alios sollicitos reddunt. Prius cogitationum alis semetipsos feriunt, quia quicquid in se inutiliter torpet sollicita investigatione deprehendunt, districta animadversione corrigunt. Prius sua punire fletibus curant, et tunc quae aliorum sunt punienda denuntiant. Prius ergo alis insonant, quam cantus emittant, quia antequam verba exhortationis proferunt, omne quod locuturi sunt operibus clamant, et cum perfecte in semetipsis vigilant, tunc dormientes alios ad vigiliis vocant. Sed unde haec tanta doctori intelligentia, ut et sibi perfecte vigilet et dormientes ad vigiliis sub quibusdam clamoris profectionibus vocet; ut et peccatorum tenebras prius caute discutiat, et discrete postmodum lucem praedicationis ostendat, ut singulis iuxta modum et tempora congruat, et simul omnibus quae illos sequantur ostendat? Unde ad tanta et tam subtiliter tenditur, nisi intrinsecus ab eo a quo est conditus doceatur? Quia igitur laus tantae intelligentiae non praedicatoris virtus est, sed Auctoris, recte per eundem Auctorem dicitur vel **quis dedit gallo intelligentiam?**, ac si diceret, “Nisi Ego qui doctorum mentes quas mire ex nihilo condidi, ad intellegenda quae occulta sunt mirabilius instruxi.”*

Potest etiam de gallo dici quod sint quidam ecclesiae praelati quibus a Deo intelligentia datur, nec tamen iuxta intelligentiam a Deo sibi datam aliquid operantur. Non seipsos alis excitant, nec alios monent ut ad bene operandum surgant. Seipsos amant, et sic otio et voluptati vacant. Horas noctis sicut gallus non annuntiant, quia culpas delinquentium non accusant. Confessionis et poenitentiae discretionem non attendunt, sed in acquirendis rebus transitoriis intelligentiam a Deo sibi datam ponunt. Animarum lucra quaerere noverunt, ea tamen quae ad delectationem carnis pertineant tota mente quaerunt.

Sunt et alii nimis simplices et illiterati, qui quasi gallus sedent in pertica regiminis, id est, in cathedra praelationis. Locum occupant, et tamen Officium Divinae Legis ignorant. Sedent et tacent, seipsos pascunt, nec gregem sibi commissum ad pascua aeternae veritatis ducunt. Et hic igitur, cui intelligentia datur, nec populo verbum Dei praedicat. Et hic qui tacet, quia nescit quid dicat.

Uterque caveat ne quasi gallus de pertica cadat. Filios suos Heli saepe corripuit, sed quia manum correctionis non adhibuit, fractis cervicibus de sella cecidit. Antequam moreretur, mortem filiorum audivit et archam Domini ab allophilis captam fuisse cognovit.

CAPÍTULO 41

DO GALO

Quem deu inteligência ao galo?

Do galo, busca-se por que se lhe deu inteligência. Mas esta questão é logo respondida se São Gregório, falando nas *Moralia*, for ouvido. Assim diz São Gregório: “O galo recebeu inteligência para que, antes, acabe a noite e, depois, dê o alarme, pois, de fato, todo santo pregador, antes, observa em seus ouvintes o tipo de vida e, depois, molda a voz da pregação adequada à erudição. Como, pois, discernir a noite é reconhecer os méritos dos pecadores, discernir a noite é dissipar as trevas das ações com a hábil voz da repreensão. Por isso uma inteligência superior foi dada ao galo, pois, ao doutor lhe é divinamente dado o poder de discernir a verdade, para que saiba a quem, o quê, quando ou como intervir. Porque não convém a todos um só chamado, pois nem a todos cabe um só tipo de hábitos. Amiúde, porém, a uns impede o que a outros favorece, pois assim como muitas ervas, que a uns animais sanam, a outros matam. E o doce assobio, que acalma os cavalos, aos cães instiga. E o remédio, que enfraquece uma doença, reforça outra. E o pão, que reforça a vida dos fortes, mata os fracos. Por isso, a fala dos doutores deve se moldar ao tipo de audiência, para que se adeque a cada uma e nunca recue da arte da comum edificação. O quê, pois, são as atentas mentes dos ouvintes, se não, como na cítara, certas tensões esticadas das cordas, as quais, para que, ao tocar, o artista, um canto diferente não lhe façam, fere diferentemente, e, por isso, as cordas retornam um som afinado, pois são tocadas, não todas, mas uma a uma? Daí também o sábio, para que a todos edifique num só poder da caridade, de um só saber, não de um só sentido, deve tocar os corações dos ouvintes.

Temos, porém, outra forma de entender a inteligência deste galo, pois nas horas mais profundas da noite costuma soar mais altos e longos cânticos. Mas quando a manhã se aproxima, forma todo tipo de sons, mais suaves e breves, nos quais, a inteligência deste galo nos leva ao que o considerado discernimento dos pregadores demonstra: os que pregam até com mentes iníquas anunciam em alto e bom som os terrores do juízo eterno, pois assim gritam nas trevas da noite profunda. Mas quando sabem já haver nos corações de seus ouvintes a luz da verdade, mudam da grandeza de seu clamor para a leveza da doçura. E proferem não tanto o terror das penas quanto os prazeres que há nos prêmios. E os que depois cantam em voz baixa, pois, aproximando-se a manhã, com tal sutileza pregam sobre os mistérios. Por isso, para que seus seguidores a todas as sutilezas celestes ouçam, aproximam-se da luz da verdade.

“E os sonolentos que o longo clamor do galo acordara, mais deleita os vigilantes, enquanto livra de saber sutilmente as delícias do Reino ao correto, que antes temia os males do juízo. Pois, bem se exprime por Moisés, quando ao exército guiado mandam-se as tubas soar breve. Pois está escrito: “Faz para ti duas tubas dúcteis de prata, e, pouco depois, quando o breve clangor soar, mover-se-á o acampamento.” Porque o exército é conduzido por duas tubas, pois o povo é chamado à luta da fé por dois preceitos de caridade. Estas, portanto, ensina-se ser feitas de prata, para que as palavras dos pregadores se abram pelo esplendor da luz e que nenhuma, portanto, confunda a mente dos ouvintes com obscuridade. E dúcteis porque, para que estes, que pregam uma vida venturosa, cresçam com as batidas das tribulações presentes. Bem se diz, porém, que *ao soar o breve clangor move-se o acampamento*, pois, de fato, a fala de pregação, como mais sutil e suave se faz, os corações dos ouvintes se animam com mais ardor contra os ataques das tentações.

“Há ainda outra visão sobre o galo, pois, com astúcia, quando, para cantar já se prepara, antes bate as asas e, ao se bater se faz mais atento, pois claramente discernimos se com atenção vemos a vida dos santos pregadores. De fato, quando as palavras da pregação comovem, antes eles treinam nas santas ações, para que, dormentes na própria obra, não acordem outros com a voz. Mas antes se batem pelos feitos sublimes e então tornam outros atentos ao bem agir. Antes, batem-se com as asas dos pensamentos, pois tudo que neles inutilmente adormece, com atento exame superam, com severa censura corrigem. Antes, punem-se com lamentos, e então apontam as faltas alheias. Por isso, batem as asas antes de cantar, pois antes proferem palavras de aviso. Clamam tudo que dirão por ações e, como a si mesmos vigiam com perfeição, chamam então outros sonolentos às vigílias. Mas, de onde vem ao sábio tamanha inteligência, de modo que, bem como se vigia com perfeição, chama sob clamores os sonolentos às vigílias? Bem como antes cuida de dissipar as trevas dos pecados, depois com discernimento mostra a luz da pregação? Bem como ajusta a cada um segundo o tipo, ao mesmo tempo, a todos mostra o que lhes convém? De onde vem tamanha e tanta sutileza se não é ensinada dentro de quem foi criado? Por isso, o louvor a tamanha inteligência não é virtude do pregador, mas do Autor. De fato, pelo mesmo autor tanto é dito: “Quem deu inteligência ao galo?” Quanto: “Senão eu, que as mentes dos sábios, que, admirável, do nada criei, mais admirável, instrui que o oculto fosse entendido?”

Pode ainda do galo ser dito que a todos os prelados da igreja é dada a inteligência por Deus. Mas não é segundo a inteligência que por Deus lhes é dada que algo ocorre, nem se com as asas se acordam para que advirtam a outros a bem agir. Amam-se e, assim, por ócio e volúpia, vagam. As horas da noite, como o galo, não anunciam, pois não acusam as culpas dos

que delinquem. Não atendem ao discernimento da confissão e da penitência, mas põem a inteligência dada a si por Deus na obtenção de coisas transitórias. Souberam das almas tirar vantagens, que, embora pertençam ao prazer da carne, desejam.

Há ainda outros bem simples e iletrados, que, como o galo, sentam-se no leme, isto é, no trono papal. Ocupam o lugar, mas ignoram o Ofício da Lei Divina. Sentam e calam. Nutrem-se, mas não levam o rebanho a si enviado aos pastos da eterna verdade. Por isso, tanto este, a quem a inteligência é dada, não leva ao povo a palavra de Deus, quanto este, que cala, pois ignora o que diz.

Ambos tratam de, tal o galo, não cair do leme. Seus filhos Elias amiúde prendeu, mas como não aplicou mão do rigor, após lhes partirem os pescoços, caiu da cadeira. Antes de morrer, ouviu a morte dos filhos e soube ter sido levada por estrangeiros a arca do Senhor.

CAPUT XLII

DE STRUTIO

Penna strutionis similis est pennis herodii et accipitris.

*“Quis herodium vel accipitrem nesciat aves reliquas quanta volatus sui velocitate transcendat? Strutio vero pennae eorum similitudinem habet, sed volatus eorum celeritatem non habet. A terra quippe elevari non valet, et alas quasi ad volatum specie tenuis erigit, sed tamen numquam se a terra volando suspendit. Ita sunt nimirum omnes hypocritae qui dum bonorum vitam simulant, imitationem sanctae visionis habent, sed veritatem sanctae actionis non habent. Habent quippe volandi pennas per speciem, sed in terra repunt per actionem, quia alas per figuram sanctitatis extendunt, sed curarum saecularium pondere praegravati, nullatenus a terra sublevantur. Speciem namque phariseorum reprobans Dominus quasi strutionis pennam redarguit, quae in opere aliud exercuit, et in colore aliud ostendit, dicens, **Vae vobis scribae et pharisaei, hypocritae, ac si diceret, ‘Sublevare vos videtur species pennae, sed in infimis vos deprimat pondus vitae.’ De hoc pondere per Prophetam dicitur, **Filii hominum usquequo graves corde?*****

*“Huius strutionis conversurum se hypocrisim Dominus pollicetur cum per Prophetam dicitur, **[Glorificabit] me bestia agri, dracones et strutiones.** Quid enim draconum nomine nisi in aperto malitiosae mentes exprimuntur, quae per terram semper in infimis repunt cogitationibus? Quid vero per strutionis vocabulum nisi hi qui se bonos simulant designantur, qui sanctitatis vitam, quasi volatus pennam, per speciem retinent, sed per opera non exercent.*

Glorificari itaque se Dominus a dracone vel strutione asserit, quia et aperte malos et ficte bonos plerumque ad sua obsequia exintima cogitatione convertit.

“Habemus adhuc quod in consideratione strutionis huius de accipitre et herodio attentius perpendamus. Accipitris quippe et herodii parva sunt corpora, sed pennis densioribus fulta, et idcirco cum celeritate transvolant, quia eis parum inest quod aggravat, multum quod levat. At contra, strutio raris pennis induitur, et immani corpore gravatur, ut etsi volare appetat, ipsa pennarum paucitas molem tanti corporis in acre non suspendat. Bene ergo in herodio et accipitre electorum persona designatur qui, quamdiu in hac vita sunt, sine quantulocumque culpae contagio esse non possunt. Sed cum eis parum quid inest quod deprimit, multa virtus bonae actionis suppetit, quae illos in superna sustollat. At contra hypocrita etsi qua facit pauca quae elevent, perpetrat multa quae gravent. Neque enim nulla bona agit hypocrita, sed quibus ea ipsa deprimat multa perversa committit. Paucae igitur pennae strutionis corporis non sublevant, quia parvum bonum hypocritae multitudo pravae actionis gravat.

“Haec quoque ipsa strutionis penna ad pennas herodii et accipitris similitudinem coloris habet, virtutis vero similitudinem non habet, illorum namque conclusae et firmiores sunt, et volatu aerem premere virtute suae soliditatis possunt. At contra strutionis pennae dissolutae eo volatum sumere nequeunt, quo ab ipso quem premere debuerant aere transcenduntur. Quid ergo in his aspicimus nisi quod electorum virtutes solidae evolant ut ventos humani favoris premant? Hypocritarum vero actio quamlibet recta videatur volare non sufficit, quia videlicet fluxae virtutis pennam humanae laudis aura pertransit.

*“Sed ecce cum unum eundemque bonorum malorumque habitum cernimus, cum ipsam in electis et reprobis professionis speciem videmus, unde nostrae intellegentiae suppetat ut electos a reprobis, ut a falsis veros comprehendendo discernat perspiciamus. Quod tamen citius agnoscimus si intemerata in memoria Praeceptoris nostri verba signamus qui ait. **Ex fructibus eorum cognoscetis eos.** Neque enim pensanda sunt quae ostendunt imagine, sed quae servant in actione.*

*“Unde Hic postquam speciem strutionis huius intulit, mox subiunxit facta, dicens. **Qui derelinquit in terra ova sua.** Quid enim per ova nisi tenera adhuc proles exprimitur quae diu fovenda est, ut ad vivum volatile producat. Ova quippe insensibilia in semetipsis sunt, sed tamen calefacta in vivis volatilibus convertuntur. Ita nimirum parvuli auditores ac filii: certum est quod frigidi insensibilesque remaneant nisi doctoris sui sollicita exhortatione calefiant. Ne igitur derelecti in sua insensibilitate torpescant, assidua doctorum voce fovendi sunt quo usque valeant et per intellegentiam vivere et per contemplationem volare.*

*"Quia vero hypocritae, quamvis perversa semper operentur, loqui tamen recta non desinunt, bene loquendo autem in fide vel conversatione filios pariunt, sed eos bene vivendo nutrire non possunt. Recte de hac strutione dicitur, quae **derelinquit in terra ova sua**. Curam namque filiorum hypocrita negligit, quia ex amore intimo rebus se exterioribus subdit in quibus quanto magis extollitur, tanto minus de prolis suae defectu cruciatur. Ova ergo in terra dereliquisse est natos per conversionem filios nequaquam a terrenis actibus interposito exhortationis nido suspendere. Ova in terra dereliquisse est nullum caelestis vitae exemplum filiis praebere. Quia enim hypocritae per caritatis viscera non calent, de torpore prolis editae, id est, de ovorum suorum frigore nequaquam dolent. Et quanto se libentius terrenis actibus inserunt, tanto negligentius eos quos generant agere terrena permittunt.*

*"Sed quia derelictos hypocritarum filios superna cura non deserit, nonnullos namque etiam ex talibus intima electione praescitos largitae gratiae respectu calefacit. Recte subiungitur, ... **tu forsitan in pulvere calefacies ea**. Ac si dicat ut 'Ego qui illa in pulvere calefacio, quia scilicet parvulorum animas in medio peccantium positas amoris mei igne succendo.' Ova ergo Dominus in pulvere derelicta calefacit, quia parvulorum animas praedicatorum suorum sollicitudine destitutas, etiam in medio peccantium positas amoris sui igne succendit. Hinc est enim quod plerosque cernimus et in medio populorum vivere, et tamen vitam torpentis populi non tenere; hinc est enim quod plerosque cernimus et malorum turbas non fugere, et tamen superno ardore flagrare. Hinc est quod plerosque cernimus, ut ita dixerim, in frigore calere. Unde enim nonnulli, inter terrenorum hominum torpores positi, supernae spei desiderii inardescunt; unde et inter frigida corda succensi sunt, nisi quia omnipotens Deus derelicta ova scit etiam in pulvere calefacere; et frigoris pristini insensibilitate discussa, per sensum Spiritus Vitalis animare, ut nequaquam iacentia in infimis torpeant, sed in vivis volatilibus versa, sese ad caelestia contemplando, id est, volando suspendant.*

"Notandum vero est quod in his verbis non solum hypocritarum actio perversa reprobatur, sed bonorum etiam magistrorum si qua fortasse subrepserit elatio premitur. Nam cum de se Dominus dicit quod derelicta ova in pulvere ipse calefacit, profecto aperte indicat quia ipse operatur intrinsecus per verba doctoris; quia et sine verbis ullius hominis calefacit quos voluit in frigore pulveris. Ac si aperte dicat doctoribus, "Ut sciatis quia Ego sum qui per vos loquentes operor: ecce, cum volero cordibus hominum etiam sine vobis loquor." Humiliata igitur cogitatione doctorum ad exprimendum hypocritam sermo vertitur; et qua fatuitate torpeat adhuc sub strutionis facto plenius indicatur.

*Nam sequitur, **Obliviscitur quod pes conculcet ea, aut bestia agri conterat**. Quid in pede nisi transitus operationis accipitur? Quid in agro nisi mundus iste signatur? De quo in*

*Evangelio Dominus dicit, **Ager autem est mundus.** Quid in bestia nisi antiquus Hostis exprimitur, quia huius mundi rapinis insidians humana quotidie morte satiatur. De qua per Prophetam pollicente Domino dicitur, **Et mala bestia non transibit per eam.** Strutio itaque ova sua deserens obliviscitur quod pes conculcet ea, quia videlicet hypocritae eos quos in conversatione filios generant derelinquunt, et omnino non curant ne autem exhortationis sollicitudine aut disciplinae custodia destitutos pravorum operum exempla pervertant. Si enim ova quae gignunt diligenter, nimirum metuerent ne quis ea perversa opera demonstrando calcaret. Obliviscitur etiam quod bestia agri conterat, quia nimirum si Diabolus, in hoc mundo saeviens, editos in bona conversatione filios rapiat, hypocrita omnino non curat. Habeant ergo veraces magistri super discipulos suos timoris viscera ex virtute caritatis. Hypocritae autem tanto minus commissis sibi metuunt, quanto ne sibimetipsis quid timere debeant deprehendunt. Et quia obduratis cordibus vivunt, ipsos etiam quos generant filios nulla [pietate amoris] agnoscunt.*

“Unde adhuc strutionis sub specie subditur: duratur ad filios quasi non sint sui. Quem enim caritatis gratia non infundit, proximum suum etiam si ipse hunc Deo genuit extraneum respexit; ut profecto sunt omnes hypocritae. Quorum videlicet mentes dum semper exteriora appetunt intus insensibiles fiunt; et in cunctis quae agunt dum sua semper expetunt, erga affectum proximum nulla caritatis compassione mollescunt. Quia et caritatis viscera nesciunt, eorum mens quanto per mundi concupiscentiam in exteriora resolvitur, tanto per affectionem suam interius obduratur. Et torpore insensibili frigescit intrinsecus, quia amore damnabili mollescit foris; seque ipsam considerare non [valet], quia cogitare se minime studet. Cogitare vero se non potest, quia tota apud semetipsam non est. Tota vero esse apud semetipsam non sufficit, quia per quot concupiscentias rapitur, per tot a semetipsa species dissipatur et sparsa in infimis iacet, quae collecta si vellet ad summa consurget.

*“Unde iustorum mens, quia per custodiam disciplinae a cunctorum visibilium fluxus appetitu constringitur, collecta apud semetipsam intrinsecus integratur. Qualisque Deo vel proximo esse debeat plene se conspicit, quia nihil suum exterius derelinquit. Et quanto ab exterioribus abstracta compescitur tanto aucta in infimis inflammatur. Et quo magis ardet, eo ad deprehendenda vitia amplius lucet. Hinc est enim quod sancti viri, dum se intra semetipsos colligunt, mira ac penetrabili acie occulta etiam aliena delicta deprehendunt. Sequitur, **Cum tempus fuerit in altum alas erigit.** Quid enim alas huius strutionis accipimus nisi pressas hoc tempore quasi complicatas hypocritae cogitationes? Quas cum tempus fuerit in altum elevat, quia opportunitate comperta, eas superbiendo manifestat. Alas in altum erigere est per effrenatam superbiam cogitationes aperire. Nunc autem quia sanctum se simulat, quia in*

semetipso stringit quae cogitat, quasi alas in corpore per humilitatem plicat. Eat ergo hypocrita et nunc suas laudes appetat, postmodum vitam Christianorum premat, et quandoque se in irrisione sui Conditoris exerceat, ut quo elatiora semper excogitat, eo se suppliciis atrocioribus immergat.

*“Unde et subditur, **Obliviscitur quod pes conculcet ea et hestia agri conterat.** Tunc ova pes conculcat et bestia agri conterit cum in terra deseruntur, quia videlicet humana corda dum semper terrena cogitare, semper quae ima sunt agere appetunt. Ad conterendum se agri bestiae, id est, Diabolo, sternunt, ut cum diu infima cogitatione abiecta sunt, quandoque etiam maiorum criminum perpetracione frangantur.*

*“Sequitur, **Duratur ad filios quasi non sint sui.** Quasi non suos respicit quos aliter vivere quam docuit ipsa deprehendit, et durescente saevitia terrores admovet, seque in eorum cruciatibus exercet. Atque invidiae facibus inflammata in quibus non laboravit ut possent vivere, laborat ut debeant interire.” Hypocritae ergo, qui per strutionem intellegitur, consuetudo talis esse perhibetur ut de nullo curam habeat, sed de his quae agit in se glorietur, et sibi soli bonum quod agit prae ceteris ascribat.*

CAPÍTULO 42

DA AVESTRUZ

A pena da avestruz é semelhante às penas do falcão e do gavião.

“Quem não sabe que a garça ou o gavião superam as demais aves com a grande velocidade de seu voo? Mas a avestruz, embora tenha a semelhança de suas penas, não tem a rapidez de seu voo. De fato, não consegue se elevar do chão. E, como se fosse voar, ergue as asas, mas nunca se suspende do chão voando. Assim são, de fato, todos os hipócritas, que, enquanto simulam a vida dos bons, têm uma falsa imagem santa, mas não têm a verdade da santa ação. De fato, têm penas para voar na aparência, mas no chão rastejam na ação, pois estendem as asas por imitação da santidade, mas, pesados pelo fardo dos cuidados seculares, nenhum se ergue do chão. O Senhor, pois, acusa reprovando a aparência dos fariseus, que, como a pena da avestruz, na ação faz uma coisa e na cor ostenta outra, dizendo: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas!”. E assim dissesse: “Parece-vos elevar, raça emplumada! Mas no fundo vos oprime o peso da vida”. Deste peso é dito pelo profeta: “Filhos dos homens, até os pesados de coração!

“A hipocrisia desta avestruz se converterá. O Senhor promete quando pelo profeta é dito: “[Glorificar-me-á] a fera do campo, áspides e avestruzes!” Por que, pois, o nome de áspides, senão às claras as mentes maliciosas se exprimem, que pelo chão sempre se retorcem em mesquinhas cogitações? Porque, porém, pela palavra da avestruz, se não estes, que fingem, declaram-se bons. Que a vida de santidade, como a pena do voo, possuem na aparência, mas não praticam na ação. Por isso o Senhor afirma ser glorificado na áspide ou na avestruz, porque tanto os francamente maus quanto os falsamente bons com frequência converte da íntima cogitação à sua obediência.

Temos ainda que, no caso desta avestruz, ponderar com mais atenção sobre o gavião e o falcão. De fato, são pequenos os corpos do gavião e do falcão, mas sustentados por penas mais densas. E, por isso, voam com velocidade, pois têm pouco que pese, muito que eleve. Mas a avestruz, ao contrário, cobre-se com raras penas e é agravada por imenso corpo, de modo que, embora tente voar, a própria falta de penas não sustém a massa de tamanho corpo no ar. Por isso é bem representada no falcão e no gavião, a figura dos eleitos, que, enquanto estão nesta vida, mal podem ficar sem o menor sentimento de culpa. Mas, como eles têm pouco peso, muita virtude da boa ação basta para os erguer às alturas. Mas, ao contrário, o hipócrita, que, embora pouco faça que o eleve, muito faz que o agrave. Mas não porque o hipócrita nada faça de bom, mas, como ao próprio bem oprime, muito mal comete. Por isso as poucas penas do corpo da avestruz não elevam, pois, a multidão de maus atos agrava o pouco bem do hipócrita.

“Esta mesma pena da avestruz também tem a semelhança da cor das penas do falcão e do gavião, porém não tem a semelhança da virtude, pois as deles são densas e mais firmes, e no voo podem cortar o ar com sua dureza. Mas, ao contrário, as penas ralas da avestruz, por isso, não conseguem alçar voo, pelo próprio ar que deveriam cortar para serem transportados. Por isso que nisto vemos que só as firmes virtudes dos eleitos elevam aos ventos do favor humano. Porém, toda ação dos hipócritas que pareça boa não basta para voar, pois, de fato, o vento do elogio humano vence a pena de mole virtude.

“Mas eis que, como discernimos um só e igual hábito de bons e maus, como vemos a mesma forma de prática em eleitos e réprobos, daí notamos bastar à nossa inteligência para tanto distinguir os eleitos dos réprobos, quanto saber dos falsos os verdadeiros. Por isso, contudo, mais rápido sabemos se guardarmos as palavras puras de nosso preceptor, quando diz: “De seus frutos os conhecereis!” Mas porque não deve ser considerado o que mostram na aparência, mas o que servem na ação.

“Daí Este, após trazer a aparência desta avestruz, rápido une os feitos, dizendo que *deixa seus ovos na terra*, pois, por ovos senão tenros ainda faz-se a prole que mais deve ser

cuidada para que se torne um ser alado. De fato, os ovos são em si mesmos inertes, mas, aquecidos, convertem-se em seres alados. Assim, claro, os pequenos ouvintes e filhos, de fato, permanecem frios e insensíveis se não forem aquecidos pela atenta exortação de seu doutor. Para que, portanto, deixados à sua inércia, não se entorpeçam, têm de ser cuidados com a atenta voz dos doutores até que possam tanto viver pela sabedoria quanto voar pela contemplação.

“Mas porque os hipócritas, embora sempre cometam erros, contudo, não deixam de falar direito. Porém, bem falando, na fé ou conversão geram filhos, mas não podem nutri-los do bem viver. Com retidão se diz desta avestruz, que *deixa seus ovos na terra*. E, como o hipócrita não cuida dos filhos, pois promove o íntimo amor pelas coisas exteriores, nas quais mais se agrada, quanto menos se aflige pela falha de sua prole. Por isso, ter deixado os ovos na terra é, depois de posto o ninho da exortação, jamais elevar, das ações terrenas, os filhos gerados pela conversão. Ter deixado os ovos na terra é não dar aos filhos um exemplo de vida celeste. Como, pois, os hipócritas não aquecem pelas vísceras da caridade, jamais sofrem pelo torpor da prole gerada, isto é, pelo frio de seus ovos. E mais se empenham nas ações terrenas, quanto menos permitem aos que geram praticá-las.

“Mas, como o cuidado celeste, tanto não se afasta dos abandonados filhos dos hipócritas, quanto, por íntima escolha predestinados, muitos destes aquece no refúgio da grande graça, corretamente se diz: *Tu talvez no pó os aquecerás*. E assim diga: “Eu no pó os aqueço, porque, de fato, animo as almas dos pequenos, colocadas entre os pecadores, com o fogo do meu amor”. Por isso, o Senhor aquece no pó os ovos abandonados, pois as almas dos pequeninos, desprovidas da atenção de seus pregadores, mesmo postas no meio dos pecadores, acende com o fogo de seu amor. É por isso que vemos muitos viverem entre os povos, mas sem viver como um povo entorpecido. É por isso que muitos discernimos, sem fugir às turbas dos maus, mas inflamar com celeste ardor. Daí é que muitos vemos, como direi, no frio aquecer. Daí, tanto como nenhum dos homens terrenos postos entre torpores queima por desejo da esperança celeste, quanto como até entre os frios corações se acendem, senão porque o Deus onipotente sabe tanto aquecer no pó os ovos abandonados, quanto, dissipada a insensibilidade do antigo frio, animar pelo sentido do Espírito Vital, para que jamais as mentiras entorpeçam nos pequenos, mas em seres alados, ao contrário, elevem-se aos céus contemplando, isto é, voando.

“Porém deve ser notado que nestas palavras não só reprova-se a ação má dos hipócritas, mas também dos bons mestres se a elevação que talvez se insinua é oprimida. Porque quando o Senhor diz de si que ele mesmo aquece os ovos abandonados, claramente indica que, tanto ele mesmo atua internamente pelas palavras do doutor, quanto sem as palavras de um

outro homem aquece os que deseja no frio do pó. E assim diga franco aos doutores: “Sabei que sou Eu que atuo por vossas palavras. Eis que falo quando quero aos corações dos homens, até sem vós.” Refutado, então, o argumento dos doutores, o sermão se volta contra o discurso hipócrita, que pela tolice com que entorpece, mais até se mostra na obra da avestruz.

Pois prossegue, *Olvida-se que o pé pisa ou a fera do campo os esmaga*. O que indica o pé senão uma mudança de ação? O que aponta o campo senão esse mundo? Do qual, no Evangelho, diz o Senhor, *O campo, porém, é o mundo*. O que a fera exprime senão o velho Inimigo, que, à espreita nas rapinas deste mundo, farta-se dia a dia da morte humana? Da qual, pelo Profeta, o Senhor promete, *E a fera má não passará por ela*. A avestruz, portanto, ao deixar os ovos esquece que o pé os pisa, pois, de fato, os hipócritas abandonam os filhos, que geram pela conversão. E de todo não cuidam para que, desprovidos seja da atenção da exortação seja da vigilância da disciplina, os exemplos das más obras não os pervertam. Se, pois, amassem os ovos que geram, de fato cuidariam que ninguém os pise, apontando as más ações. Esquece ainda que a fera do campo esmaga, pois, se o Diabo agindo neste mundo lhes toma os filhos gerados na conversão, de fato, o hipócrita de nada cuida. Que os verdadeiros mestres tenham sobre seus discípulos, da força da caridade, os órgãos do temor. Mas os hipócritas menos temem pelos seus, quanto mais sabem não ter de cuidar de si mesmos. E, como vivem de coração endurecido, até pelos filhos que geram, ignoram toda piedade do amor.

“Daí é dito ainda sob a forma de avestruz, que ela é dura com os filhos como se não fossem seus. Porque a graça da caridade não comove quem considera seu próximo um estranho, até se ele mesmo o gerou em Deus. Assim, de fato, são todos os hipócritas, cujas mentes, claro, enquanto sempre agradam por fora, por dentro ficam insensíveis. E, em tudo que fazem, buscam sempre o seu, contra o afeto do próximo não se enternecem com qualquer senso de caridade. E, como ignoram os órgãos da caridade, a mente deles por mundana cobiça mais se abre para fora, se por seu afeto mais endurecem por dentro. E, de insensível torpor gelam por dentro, pois de amor odioso por fora amolecem. Não pode avaliar a si mesma porque não deseja se levar em conta. Mas não pode se avaliar, porque não se tem inteira. Mas não basta estar toda consigo mesma, porque se entrega a toda cobiça. Por todas as aparências por si mesma se dissipa, e, esparsa, em mesquinhez jaz, que, junta, se quisesse, elevar-se-ia ao alto.

Daí, como a fraqueza do apetite pelas aparências é contida pelo controle da disciplina, a mente dos justos, unida em si mesma, conecta-se por dentro. E, como tem de estar com Deus ou com o próximo, olha-se inteira, pois nada seu deixa de fora. E se, arrastada pelas aparências, mais é retida, mais em mesquinhez se inflama. E, como mais arde, mais ilumina os

vícios descobertos. É por isso que os santos homens, quando dentro de si se unem, com admirável e penetrante força oculta, descubrem até crimes alheios.

E prossegue, *Chegado o tempo erguerá as asas para o alto*. O que, pois, tomamos pelas asas desta avestruz senão as opressões deste tempo, como os tortuosos pensamentos do hipócrita? Estas, chegado o tempo, ergue ao alto, pois, em dado momento, mostra-as com soberba. Erguer as asas ao alto é abrir os pensamentos com incontida soberba. Mas, como se faz de santo, guarda dentro de si o que pensa, como asas, que por humildade dobra no corpo. Assim age o hipócrita, quer antes seus elogios, depois oprime a vida do próximo. Mas, um dia, ao cair no desprezo de seu Criador, como se imagina nas alturas, há de afundar em sofrimentos ainda piores.

“Daí também se diz, *Olvida-se que o pé os pisará e a fera do campo esmagará*. Então os ovos o pé pisa e a fera do campo esmaga quando são deixados na terra, pois, de fato, os corações humanos querem só pensar no que é mundano, enquanto cometem baixezas. Prostram-se para que seja esmagado pela fera do campo, isto é, o Diabo, pois, como foram lançados pelo pior pensamento, um dia, também pela ação de grandes crimes, sejam partidos.

“E prossegue: *É dura com os filhos como se não fossem seus*. Como não cuida dos seus, aos quais não ensinou a viver, ela mesma sabe, pois tanto com crueldade promove o terror quanto se exercita com seu sofrimento. E, inflamada pela face da inveja daqueles por quem não trabalhou para que pudessem viver, trabalha para que morram.” Diz-se haver, portanto, tal prática do hipócrita, o qual é tomado pela avestruz, para que não cuide de ninguém, mas que se glorifique dentro de si do que faz, e, de sua bondade, que faz apenas em público, seja lembrado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal finalidade identificar as características interpretadas do comportamento das aves no contexto medieval cristão. Características essas que muitas vezes são relacionadas a um sentido moral e fazem alusão ao texto bíblico, com a finalidade de instruir os religiosos. Assim, para a investigação desses fatores, a pesquisa guiou-se pelos objetivos supracitados, os quais serão explicitados adiante.

Dessa forma, a análise permitiu observar a influência da simbologia animal, em especial das aves, na Idade Média. No LA, obra aqui estudada, as aves representadas no texto frequentemente estão associadas a uma mensagem simbólica com finalidade teológica, finalizando sua descrição com uma moral. Dessa forma, evidenciou-se que tais seres eram utilizados em bestiários e seu conteúdo tinha como tema principal abordar seus vícios e virtudes, o que deveria, respectivamente, ser evitado e ser seguido pelos monges que eram catequizados nos mosteiros por meio desses conteúdos.

Assim, com relação ao primeiro objetivo - a) descrever virtudes e vícios atribuídos às aves no texto do manuscrito - foi possível identificar com muita representatividade a presença de comportamentos que ora representam sentido positivo, ora negativo. Assim, como exemplos da alegoria interpretada do comportamento das aves, notou-se que algumas delas representam virtudes, como o pelicano, que representa Cristo, pelo sangue derramado para salvar os filhos; o galo, que, pelo seu potente canto e modulado de acordo com o horário em que o emite, tem como função anunciar um novo amanhecer e assim despertar os homens para a retomada de suas rotinas; outras representam vícios, como a avestruz, que tem como principal característica a hipocrisia.

Outras aves apresentam características antagônicas, como a gralha noturna, por exemplo, que, fugindo da luz, busca as trevas da noite, mas ao mesmo tempo, misticamente, significa Cristo, que ama as trevas e não deseja a morte do pecador, mas que este se converta. O corvo também apresenta vícios e virtudes. Assim ora é interpretado como um pecador, ora como um pregador santo. Como atitude profana, a ave é comparada ao diabo, pelo suposto hábito de perfurar os olhos dos cadáveres e assim, através dos olhos, extrair o cérebro, tal como o diabo que, ao destruir o senso da mente, destrói a capacidade de discernimento.

Com relação ao objetivo - b) investigar a frequência com que as aves são descritas sob um viés alegórico e moralizante por meio da alusão ao texto bíblico - identificou-se, na descrição do pelicano, referência ao Evangelho de João (11, 44), quando afirma que a ave simboliza Cristo, pois tal como o pelicano vivifica os filhos com seu sangue, Cristo sacrificou-

se com seu próprio sangue para salvar a humanidade. O tratado da Gralha Noturna faz referência ao evangelho de Mateus (5,24), quando menciona a seguinte fala de Jesus: "Não fui enviado, senão para as ovelhas que estão perdidas da casa de Israel", referindo-se ao momento em que os discípulos de Jesus o aconselham a mandar embora a mulher que a Ele suplica que cure sua filha, que está tomada pelo demônio. Com relação ao Corvo, sua descrição faz referência, dentre outras personagens bíblicas, a Jó e a São Gregório Magno, em passagem do salmo 147, quando menciona a forma como os filhotes de corvo são alimentados. Em seguida, alude ao evangelho de Lucas (Lc 12,24), ao mencionar que Deus alimenta os corvos, embora estes nada façam por merecer, afirmando que: "Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm despensa nem celeiro, e Deus os alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves?". Dessa forma, evidencia-se que ao corvo é atribuída uma pluralidade de sentido, alternando entre virtudes e vícios.

Com relação ao objetivo - c) compreender a relação sagrado/profano estabelecida entre o comportamento das aves e determinadas personagens bíblicas - identificou-se que algumas aves representam vícios, comportamentos associados ao pecado, como a avestruz, que simula o voo, mas não pode se erguer do chão, pois embora tenha penas, estas são ralas, insuficientes para sustentar o peso do seu corpo. Dessa forma, a ave é comparada aos hipócritas fariseus, que simulam uma vida santa mas apresentam uma ação oposta.

O último objetivo - d) realizar uma tradução de natureza livre, de modo a servir de suporte às análises aqui desenvolvidas - foi contemplado, uma vez que o texto latino foi traduzido ao português brasileiro levando-se em consideração o emprego de uma linguagem mais simples, de modo a tornar o texto acessível ao maior número de leitores possível, o que contribuirá para a disseminação do tema em questão no contexto acadêmico brasileiro.

Conforme mencionado anteriormente, o manuscrito analisado nesta pesquisa compõe-se de uma estrutura relativamente extensa, o que lamentavelmente impediu, nesta ocasião, sua apreciação de forma integral. Nesse caso, foi necessário delimitar o corpus de modo a contemplar apenas os cinco capítulos supracitados. Entretanto, é importante ressaltar que a riqueza do conteúdo fornecido no LA despertou o fascínio pela obra em questão e, conseqüentemente, o desejo de ampliar esta pesquisa em uma oportunidade futura.

REFERÊNCIAS

- AESOP. *Aesop's fables*. Trad. George Fyle Townsend. [S.l]: The Internet Classics Archive, 2009. Disponível em: <https://ia800301.us.archive.org/12/items/AesopsFablesTranslatedByGeorgeFylerTownsend/Aesop%27s%20Fables%20translated%20by%20George%20Fyler%20Townsend.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- ALARCÃO, Adília. Peles e pergaminho. *In*: MIRANDA, Adelaide *et al.* **À descoberta da cor na iluminura medieval com o Apocalipse do Lorvão e o Livro das Aves**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2023. p. A17-A22. Disponível em: https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/pele_e_pergaminho.pdf Acesso em: 11 jan. 2023.
- ALMADA, Márcia. **Livros manuscritos iluminados na Era Moderna**: compromissos de irmandades mineiras, século XVIII. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-6X4Q6Q/1/livros_manuscritos_iluminados_na_era_moderna.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.
- ANTUNES, Joana Filipa Fonseca. **Uma epopeia entre o sagrado e o profano**: o cadeiral de coro do mosteiro de santa cruz de Coimbra. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/18167/1/Dissertação%20de%20Joana%20Antunes_vol.1.pdf Acesso em: 14 jan. 2023.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2012.
- ARISTÓFANES. **As Aves**. Trad. Ariadne da Silva Duarte a partir do texto estabelecido por Hall e Geldart. Aristophanis Comoedia, omus I, Oxford: Clarendon Press, 1957 (1900).
- ARISTÓFANES. **As vespas**. Introdução, tradução do grego e notas de Carlos A. Martins de Jesus. 2a ed. Coimbra: Festeia, 2009.
- BADKE, David. Introduction to the Medieval Bestiary. *In*: **The medieval bestiary**. 18 de nov. de 2022. Disponível em: <https://bestiary.ca/about.htm>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos de tradução**: uma nova proposta. Campinas-SP: Pontes, 1990.
- BÍBLIA CATÓLICA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/>. Acesso em: 1 jan 2023.
- BÍBLIA. Português. **Mensagem de Deus**. São Paulo: Loyola, 1994.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BRUCE-MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos**: o universo das imagens que representam as ideias e os fenômenos da realidade. São Paulo: Publifolha, 2001.

BRUINELLI, Tiago Oliveira. Simbologia Animal: a pomba e o corvo nos bestiários medievais. *Aedos*, [S. l.], v. 2, n. 2, 2009, p.230. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9843>. Acesso em: 8 jan. 2023.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve História do Livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

CAMPOS, Glicia Silva. **Simbolismo animal**: os sermões de Santo Antônio de Lisboa e o bestiário medieval. Dissertação (Mestrado em literatura portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/6210/1/Glicia%20Silvia%20Campos_%20Dissertacao.pdf. Acesso em: 09 jan. 2023.

CLARK, Willene B. *Introduction*. In: FOUILLOY, Hugh of. **The medieval book of birds: Hugh of Fouilloy's (Hugo de Folieto) Aviarium**. Ed. e trad. por Willene B. Clark. Binghamton-NY: University of New York, 1992.

DA VINCI, Leonardo. **Scritti letterari**. Milano: Einaudi, 1974.

ESOPO. **Fábulas Completas**. Tradução de Maria Celeste C. Cosac Naify: São Paulo, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FOUILLOY, Hugh of. **The medieval book of birds: Hugh of Fouilloy's Aviarium**. Ed. e trad. por Willene B. Clark. New York: University of New York, 1992.

FREITAS, Jorge de. Considerações sobre a alegoria, a partir de João Adolfo Hansen em Alegoria: construção e interpretação da metáfora. *Versalete*, v. 2, n. 3, Curitiba, jul.-dez. 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HANSEN, Adolfo João. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

HOMERO. **Ilíada e Odisseia**. Nova Fronteira, 2015.

KÜHNER, Raphael. **Elementary grammar of greek language**. 5a ed. New York: Mark H. Newman & Co., 1948.

KURY, Mário da Gama. Introdução. In: ARISTÓFANES. **As Aves**. Trad. do grego, intr. e notas de Mário da Gama Kury. 3. ed. Rio de Janeiro: Zatar, 1995.

LE GOFF, Jaques; *et al.* **O homem medieval**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**, vol. I. São Paulo: Imprensa oficial, 2002.

MEIRINHOS, José F. Resenha do livro: Livro das Aves: Edição do texto latino a partir dos manuscritos portugueses, tradução do latim e introdução, por Maria Isabel Rebelo Gonçalves. **Medievalista**, v. 20, p. 171-176, 2001. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/mediaevalia/article/view/963/889>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MIRANDA, Adelaide *et al.* **À descoberta da cor na iluminura medieval com o apocalipse do Lorvão e o livro das aves**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2003. Disponível em: <https://www.dcr.fct.unl.pt/step-by-step>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MIRANDA, Adelaide *et al.* Glossário. *In: À descoberta da cor na iluminura medieval com o apocalipse do Lorvão e o livro das aves*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2007. p. A17-22. Disponível em: <https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/glossario.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

MIRANDA, Maria Adelaide (coord.). **A iluminura em Portugal: identidade e influências: do séc. X ao XVI**. Lisboa: B.N., 1999. Disponível em: <https://purl.pt/38502/2/> Acesso em: 10 jan. 2023.

MIRANDA, Adelaide; *et al.* **À descoberta da cor na iluminura medieval com o apocalipse do Lorvão e o livro das aves**. Lisboa, 2007. Disponível em: https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/introducao_cadernos_de_apoio.pdf. Acesso em: 9 ago 2021. Acesso em: 24 abr. 2015.

MIRANDA, Adelaide et al. **À descoberta da cor na iluminura medieval com o apocalipse do Lorvão e o livro das aves**, 2008. **Caderno de atividades 1**. Disponível em: https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/fichas_actividades.pdf. Acesso em 9 ago. 2021.

MIRANDA. **À descoberta da cor na iluminura medieval com o apocalipse do Lorvão e o livro das aves**. Glossário, 2008. Disponível em: <https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/glossario.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2021.

MIRANDA. **À descoberta da iluminura medieval com o apocalipse do Lorvão e o livro das aves**. **Caderno a cor da iluminura medieval**, 2008. Disponível em: https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/introducao_cadernos_de_apoio.pdf. Acesso em: 9 ago 2021.

PASTORE, Paula Cristina Falcão. **A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português: uma proposta lexicográfica**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2009. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100109/pastore_pcf_dr_sjrp.pdf?sequ
Acesso em: 11 jan. 2023.

PLÍNIO, O velho. **História natural**, Livro 10, 24-25.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. O livro das aves: Fragmento de um manuscrito desaparecido. *In*: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., nov. 2004, Rio de Janeiro. **Anais**[...] Rio de Janeiro: FCRB, 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/mariaeurydice.pdf>. Acesso em: 9 ago 2021.

SÁNCHEZ, Jorge Barrachina; AUROUX, Andrés María Adroher. Las cáscaras de huevo de avestruz del depósito votivo ibérico de Iliberri (Granada), **Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid**, [S.l.], n. 44, p. 145-158, 2018. DOI:<http://doi.org/10.15366/cupauam2018.44.008>. Disponível em: <https://revistas.uam.es/cupauam/article/view/10403/10517>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SEVILHA. Santo Isidoro de. ***Etimologyae***. Liber XII: VII, XLIII. Disponível em: https://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Isidore/12*.html. Acesso em: 9 ago. 2021.

SEVILHA. Santo Isidoro de. ***Etimologyae***. Liber XII: VII, XXVI. Disponível em: https://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Isidore/12*.html. Acesso em 9 ago. 2021.

THE MEDIEVAL BESTIARY. Raven, 2011. Disponível em: <http://bestiary.ca/beasts/beast251.htm>. Acesso em 9 ago. 2021.

VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o bestiário. *In*: Seminário Aberto do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa, 3., 2006, Nova Lisboa. **Medievalista**, v. 1, n. 2, 1 Jan. 2006. Disponível em: <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt/index.php/medievalista/article/view/411/405>. Acesso em: 10 jan. 2023.